

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PPGET - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**



WLADIMIR DE OLIVEIRA BRAGA

**NORMAS ANTECEDENTES NO FUTEBOL: APROXIMAÇÕES ENTRE A
SISTEMÁTICA DO TRABALHO DO TÉCNICO E A ERGOLOGIA EM UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

BELO HORIZONTE

2025

WLADIMIR DE OLIVEIRA BRAGA

**NORMAS ANTECEDENTES NO FUTEBOL: APROXIMAÇÕES ENTRE A
SISTEMÁTICA DO TRABALHO DO TÉCNICO E A ERGOLOGIA EM UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de mestre em Educação Tecnológica.

Orientador: Admardo Bonifácio Gomes Junior

Coorientadora: Luciana Gelape dos Santos

BELO HORIZONTE

2025

B813n Braga, Wladimir de Oliveira
Normas antecedentes no futebol: aproximações entre a sistemática do trabalho do técnico e a ergologia em uma revisão de literatura / Wladimir de Oliveira Braga. – 2025.
94 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica.

Orientador: Admardo Bonifácio Gomes Junior.

Coorientadora: Luciana Gelape dos Santos.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

1. Ciência do esporte – Teses. 2. Resolução de disputas (Direito) – Teses.
3. Treinadores de futebol – Teses. 4. Futebol – Aspectos fisiológicos – Teses.
5. Periodização do treinamento – Teses. 6. Jogos – Modelos – Teses.
I. Gomes Junior, Admardo Bonifácio. II. Santos, Luciana Gelape dos.
III. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. IV. Título.

CDD 370.952



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET
Portaria MEC n°. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

WLADIMIR DE OLIVEIRA BRAGA

NORMAS ANTECEDENTES NO FUTEBOL: APROXIMAÇÕES ENTRE A SISTEMÁTICA DO TRABALHO DO TÉCNICO E A ERGOLOGIA EM UMA REVISÃO DE LITERATURA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 23 de julho de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelos professores:

Documento assinado digitalmente
 **ADMARDO BONIFACIO GOMES JUNIOR**
Data: 23/07/2025 16:32:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Admardo Bonifácio Gomes Júnior–
Orientador Centro Federal de Educação Tecnológica
de Minas Gerais

Documento assinado digitalmente
 **LUCIANA GELAPE DOS SANTOS**
Data: 23/07/2025 17:56:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Luciana Gelape dos Santos – Coorientadora
Universidade Federal de Minas Gerais

Documento assinado digitalmente
 **MARIA ADELIA DA COSTA**
Data: 23/07/2025 17:16:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Adélia da Costa
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Documento assinado digitalmente
 **MARINA DE MATTOS DANTAS**
Data: 23/07/2025 16:40:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Marina de Mattos Dantas
Universidade do Estado de Minas
Gerais

RESUMO

A crescente complexidade do futebol contemporâneo tem exigido novos olhares sobre o trabalho do técnico, sobretudo no que se refere à construção do modelo de jogo. A atividade do treinador, tradicionalmente analisada a partir de abordagens prescritivas, tem sido concebida majoritariamente por meio de referenciais vinculados à lógica do rendimento e da performance. No entanto, essa concepção tende a desconsiderar as dimensões histórico-normativas que condicionam e atravessam o agir do técnico. Inserido nesse contexto, este estudo parte da necessidade de ampliar o escopo analítico, tomando o trabalho do técnico de futebol a partir do ponto de vista da atividade, considerando a relação entre normas antecedentes, periodização tática e construção do modelo de jogo. A proposta fundamenta-se na abordagem ergológica, que entende o trabalho como atividade situada e histórica, resultante de arbitragens entre o uso de si por si e o uso de si por outros. A escolha pelo conceito de normas antecedentes decorre da constatação de sua escassa aplicação no campo dos estudos esportivos, embora seu potencial explicativo seja relevante para a compreensão das renormalizações que os técnicos operam no cotidiano de suas práticas. Justifica-se, portanto, a realização de uma investigação que dialogue com os referenciais da ergologia, a fim de interpretar os processos de tomada de decisão, planejamento e organização do trabalho do técnico de futebol como práticas mediadas por heranças normativas, ao mesmo tempo que continuamente recriadas no presente da atividade. A carência de estudos que articulem a ergologia ao futebol reforça a pertinência teórica e metodológica da presente pesquisa. O objetivo geral consistiu em investigar, sob perspectiva histórica, os aspectos das normas antecedentes que incidem sobre o trabalho dos técnicos de futebol, em articulação com os modelos de periodização esportiva adotados na construção do modelo de jogo. A metodologia adotada foi a revisão de escopo, norteadas pelo protocolo PRISMA-ScR, com recorte temporal compreendido entre 2016 e 2024. Os critérios de seleção incluíram artigos científicos, dissertações, teses, relatórios técnicos e capítulos de livros que abordassem diretamente a atividade do treinador, os métodos de periodização e aspectos relacionados à organização do jogo. A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de síntese temática. Os resultados evidenciaram a predominância de estudos ancorados em perspectivas técnico-funcionalistas, com baixa incidência de abordagens que considerem o técnico como sujeito produtor de saberes em situação de trabalho. As publicações concentraram-se em aspectos metodológicos, físicos e táticos, negligenciando o debate sobre as normas antecedentes como dispositivos reguladores da atividade. A ausência de estudos que mobilizem os conceitos ergológicos revela uma lacuna teórica significativa e abre possibilidades para o desenvolvimento de pesquisas que valorizem a dimensão subjetiva, normativa e histórica da atuação técnica do treinador de futebol. Conclui-se que a articulação entre ergologia e futebol oferece subsídios analíticos relevantes para repensar a formação, a gestão e a prática dos treinadores. A abordagem adotada neste estudo permite compreender o modelo de jogo como construção situada, marcada por renormalizações contínuas diante de prescrições históricas e exigências contextuais. A investigação contribui para a ampliação das fronteiras do conhecimento sobre o trabalho no futebol e aponta caminhos para o aprofundamento teórico e metodológico em pesquisas futuras sobre a atuação dos treinadores esportivos.

Palavras-chave: Ergologia; Normas antecedentes; Técnico de futebol; Periodização tática; Modelo de jogo.

ABSTRACT

The increasing complexity of contemporary football has required new perspectives on the work of the coach, especially regarding the construction of the game model. The coach's activity, traditionally analyzed through prescriptive approaches, has been predominantly conceived using frameworks linked to the logic of performance and results. However, this conception tends to overlook the historical-normative dimensions that condition and permeate technical actions. Within this context, this study arises from the need to broaden the analytical scope on the work of football coaches, considering the relationship between antecedent norms, tactical periodization, and the construction of the game model. The proposal is based on the ergological approach, which understands work as a situated and historical activity, resulting from arbitration between the use of oneself by oneself and the use of oneself by others. The choice of the concept of antecedent norms stems from the observation of its scarce application in the field of sports studies, although its explanatory potential is relevant for understanding the renormalizations that coaches perform in their daily practices. Therefore, it is justified to carry out an investigation that engages with ergological references, in order to interpret the decision-making, planning and organization processes of the football coach's work as practices mediated by normative inheritances, while at the same time being continually recreated in the current activity. The lack of studies that articulate ergology with football reinforces the theoretical and methodological relevance of this research. The general objective was to investigate, from a historical perspective, the aspects of antecedent norms that affect the activity of football coaches, in conjunction with the sports periodization models adopted in the construction of the game model. The methodology adopted was a scoping review, guided by the PRISMA-ScR protocol, covering the period from 2016 to 2024. The selection criteria included scientific articles, dissertations, theses, technical reports, and book chapters that directly addressed the coach's activity, periodization methods, and aspects related to game organization. Data analysis was conducted using the thematic synthesis technique. The results showed a predominance of studies anchored in technical-functionalist perspectives, with a low incidence of approaches that consider the coach as a subject who produces knowledge in work situations. The publications focus on methodological, physical, and tactical aspects, neglecting the discussion of antecedent norms as regulatory devices of activity. The absence of studies that mobilize ergological concepts reveals a significant theoretical gap and opens possibilities for the development of research that values the subjective, normative, and historical dimensions of technical performance. It is concluded that the articulation between ergology and football offers relevant analytical support to rethink the training, management, and practice of coaches. The approach adopted in this study allows for understanding the game model as a situated construction, marked by continuous renormalizations in the face of historical prescriptions and contextual demands. The investigation contributes to expanding the boundaries of knowledge about work in football and points to paths for further theoretical and methodological development in future research on the activity of sports coaches.

Keywords: Ergology; Antecedent norms; Football coach; Tactical periodization; Game model.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O FUTEBOL COMO CAMPO NORMATIVO E METODOLÓGICO	20
2.1 O que é Futebol?	21
2.1.1 O jogo e suas regras.....	21
2.1.2 Conceituando aspectos do jogo	25
2.1.3 A estrutura do futebol.....	28
2.2 Do futebol como trabalho à periodização tática como ferramenta de construção do modelo de jogo	31
2.2.1 A Organização e a Dinâmica do Trabalho no Futebol Profissional	32
2.2.2 O trabalho do técnico de futebol	35
2.2.3 Periodização tática, a ferramenta de construção do modelo de jogo.....	38
3 A ERGOLOGIA COMO CHAVE INTERPRETATIVA DA ATIVIDADE DO TÉCNICO DE FUTEBOL.....	44
3.1 A abordagem ergológica e o lugar das normas antecedentes na atividade de trabalho ..	45
3.2 Normas antecedentes e o trabalho do técnico de futebol na construção do modelo de jogo	51
3.2.1 Uma primeira aproximação do uso do conceito de normas antecedentes no contexto do trabalho dos técnicos de futebol.....	52
3.2.2 Influências das normas antecedentes nas decisões, estratégias técnicas no planejamento e construção do modelo de jogo em equipes esportivas	59
4 REVISÃO DE ESCOPO COMO ESTRATÉGIA DE ANÁLISE.....	65
5 RESULTADOS DA REVISÃO E PROPOSIÇÕES ANALÍTICAS	69
5.1 Panorama da produção científica sobre futebol entre 2016 e 2024	70
5.2 Estudos que abordam a atividade do técnico de futebol.....	72
5.3 Levantamento de publicações em ergologia e sua ausência no campo esportivo.....	74
5.4 Categorias emergentes a partir da análise temática dos estudos selecionados	76
5.5 Contribuições e limites da literatura mapeada para o estudo das normas antecedentes no futebol.....	79

6 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS SOBRE OS VÍNCULOS ENTRE ERGOLOGIA E FUTEBOL	85
REFERÊNCIAS.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Publicações anuais sobre futebol e técnicos (2016–2024).....	70
Tabela 2 - Linhas temáticas das publicações sobre futebol (2016–2024).....	719
Tabela 3 - Distribuição dos estudos sobre técnicos de futebol por enfoques analíticos (2016–2024)	730
Tabela 4 - Categorias Temáticas Emergentes na Análise dos Estudos Seleccionados (2016–2024)	795

PRÓLOGO

Ao longo de mais de vinte e cinco anos vividos nos bastidores do futebol, entre vestiários, gramados e centros de treinamento, percebi o corpo dos atletas se moldando às exigências de uma rotina que não se encerra nas planilhas de treino ou nas estatísticas de desempenho. Atuando como preparador físico, convivendo e dialogando com diversos treinadores, constatei que o campo sempre foi mais do que um lugar de trabalho: foi espaço de convívio, de confronto de ideias, de construção de sentidos e, sobretudo, de embates silenciosos entre prescrições e improvisos.

O futebol, em sua forma organizacional, é carregado de estruturas rígidas, cronogramas estabelecidos, diretrizes impostas por diretores, comissões e calendários. No entanto, viver esse espaço significa perceber que, por detrás da aparência normativa, se movimenta um cotidiano de negociações e escolhas invisíveis. São decisões que escapam ao planejamento, que atravessam os vínculos interpessoais e que exigem, cotidianamente, uma composição entre aquilo que se espera de nós e aquilo que, de fato, conseguimos realizar. Entre o que me pedem e o que posso oferecer com o corpo que tenho e com os limites que conheço.

Nesse percurso, foram incontáveis os momentos em que me vi participando de verdadeiros debates de saberes — ora formais, ora tácitos — com técnicos, fisiologistas, psicólogos, atletas e dirigentes. Debates que não se davam apenas nas palavras, mas nos gestos, nas adaptações silenciosas, nas decisões tomadas às pressas, nas mudanças de rota durante uma sessão de treino. Cada profissional trazia consigo um modo de ver o jogo, um repertório de experiências e um conjunto de normas — explícitas ou não — que orientavam sua prática. Nesses cruzamentos, o que se aprende não está nos manuais, mas na escuta atenta, na observação do outro e, principalmente, na escuta de si.

Foi nesse ambiente denso de normatividade e improvisação, de técnica e intuição, que se formou meu olhar. O interesse pela pesquisa não surgiu de uma inquietação teórica, mas da necessidade de compreender melhor o que já vinha sendo vivido com intensidade e sem nome. As angústias diante de decisões técnicas impostas, a urgência de atender a demandas de rendimento, a responsabilidade de zelar pela integridade física de atletas, e a constante mediação entre o planejado e o possível. Tudo isso foi se sedimentando como matéria de reflexão, até que, anos depois, encontrei na ergologia um modo de pensar o trabalho que dialogava com essas vivências.

Ao descobrir a noção de “uso de si por si e pelo outro”, vi traduzida em linguagem conceitual uma experiência que sempre esteve presente: a forma como cada decisão, cada movimento e cada escolha no futebol carrega uma história, uma pressão externa e uma

singularidade encarnada. A ergologia, com seu olhar atento para a atividade real e para os debates de normas que a constituem, ofereceu-me não apenas um repertório analítico, mas também uma forma de valorizar o vivido.

Este trabalho é, portanto, o desdobramento de uma trajetória marcada por escuta, conflito, cooperação e reconstrução contínua da prática. Não nasce de uma abstração teórica, mas de uma urgência prática. Trata-se de uma tentativa de nomear aquilo que já era vivido, de reconhecer que, no futebol, a técnica não é neutra, o saber não é único e o trabalho nunca é apenas execução. É movimento. É corpo. É negociação.

1 INTRODUÇÃO

O futebol, ao ultrapassar sua condição de prática esportiva institucionalizada, consolida-se como um campo de produção técnica regulado por dispositivos normativos, saberes operacionais e racionalidades organizacionais. As atividades desenvolvidas por treinadores, comissões técnicas e demais profissionais não se organizam apenas por meio de prescrições explícitas, mas exigem deliberação contínua em contextos marcados por variabilidade, instabilidade e múltiplas exigências institucionais. O cotidiano do trabalho do técnico de futebol configura-se, portanto, como prática tensionada por regras, expectativas e improvisações, em que os profissionais operam entre o planejado e o possível, entre o desejável e o realizável.

Este estudo insere-se na área de concentração “Educação Tecnológica” do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG, mais especificamente na linha “Fundamentos da Técnica, da Tecnologia e do Trabalho no Âmbito da Educação Tecnológica”. Essa escolha se justifica pela centralidade que a técnica e a tecnologia assumem no planejamento, organização e realização do trabalho no futebol. Analisar os fundamentos normativos e os processos de renormalização implicados na constituição do modelo de jogo permite aprofundar a compreensão da prática como atividade produtora de racionalidades, reconfigurações e mediações em ambientes tecnologicamente estruturados. A discussão sobre a técnica, nesse caso, excede seu caráter instrumental e passa a ser compreendida como espaço de construção situada de decisões, interpretações e ações. Nesse sentido, a técnica deixa de ser concebida como um conjunto estático de procedimentos e passa a integrar o campo das normas antecedentes, sendo constantemente reinterpretada e ajustada pelo trabalhador em sua atividade real. No caso do técnico de futebol, isso se manifesta na forma como ele mobiliza modelos de periodização, estratégias táticas e saberes prévios, não como prescrições rígidas, mas como referências que exigem invenção local e renormalização contínua diante das singularidades do jogo, dos atletas e do contexto institucional.

A análise da atividade dos técnicos de futebol requer uma abordagem que transcenda a descrição instrumental da prática esportiva. O futebol, enquanto campo de elaboração de estratégias, decisões e avaliações, estrutura-se a partir de processos que envolvem interpretações, reconfigurações e operacionalizações de elementos técnico-táticos vinculados a um conjunto de dispositivos normativos. No interior dessa prática, a construção do modelo de jogo adquire centralidade, funcionando como eixo de organização do trabalho do técnico e da periodização do treinamento (Carravetta, 2021; Drubsky, 2003). O modelo de jogo emerge

como síntese provisória das escolhas que articulam saberes, experiências e normas de diferentes origens e temporalidades (Teoldo et al., 2015; Ferreira, 2021).

A constituição de um modelo de jogo, no contexto do futebol contemporâneo, exige que o técnico mobilize categorias analíticas para pensar o rendimento a partir da articulação entre estrutura coletiva e desempenho individual. As estruturas táticas adotadas pelos treinadores são mediadas por conhecimentos acumulados, prescrições institucionais, referências culturais e condicionantes específicos das competições em que atuam (Medina, 2021; Nicolau, 2022). O treinador age entre o prescrito e o vivido, realizando inferências contínuas, reformulações metodológicas e decisões operacionais que impactam diretamente a configuração do treino e a execução do jogo (Tobar, 2018; Oliveira et al., 2021).

Essa dinâmica entre prescrição e adaptação mobiliza um campo de tensões próprio da atividade humana em contextos laborais complexos. A ergologia, enquanto abordagem teórico-metodológica desenvolvida por Yves Schwartz, oferece um olhar multidisciplinar para analisar a ação profissional a partir da tensão entre normas antecedentes e renormalizações efetuadas pelos sujeitos em situação (Schwartz; Durrive, 2007; Durrive, 2002). O trabalho, compreendido como atividade industriosa, não se reduz à obediência a regras, mas se constitui na composição singular de usos de si em meio à pluralidade normativa que antecede a ação (Schwartz, 2011; Trinquet, 2010).

A noção de normas antecedentes, central na ergologia, compreende o conjunto de dispositivos técnicos, administrativos, jurídicos e simbólicos que orientam previamente a atividade de trabalho. Essas normas operam como balizas para a ação, mas não determinam integralmente sua execução. No caso do técnico de futebol, tais normas se manifestam em protocolos de periodização, padrões táticos, diretrizes institucionais e rotinas de treinamento, exigindo dele a constante interpretação e reformulação das orientações prescritas (Durrive; Schwartz, 2008; Viegas, 2013). A renormalização empreendida pelo corpo-si diante das normas antecedentes constitui o núcleo da atividade, configurando-se como expressão singular da articulação entre história de vida, experiência incorporada e exigências normativas em situação (Schwartz, 2014; Muniz; Santorum; França, 2018).

A prática do técnico, portanto, não pode ser compreendida sem a consideração da dimensão normativa que a antecede e da variabilidade situacional que a atravessa. Cada decisão de treino, cada adaptação tática e cada reorganização metodológica envolve escolhas que revelam a distância entre o plano e a execução, entre o dispositivo normativo e a sua tradução prática (Durrive, 2011; Scherer et al., 2022). O técnico de futebol, ao organizar as sessões de

treino, gerencia variáveis múltiplas, operando em um campo onde as normas institucionais dialogam com contingências imprevisíveis (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2022).

A elaboração do modelo de jogo, nesse cenário, torna-se um processo de síntese provisória e situada das diversas pressões normativas que incidem sobre a atividade do técnico. A construção desse modelo envolve tanto o conhecimento acumulado por meio de formações especializadas quanto as experiências corporificadas ao longo da trajetória profissional (Pivetti, 2020; Almeida; Saorín, 2021). Assim, a periodização não se apresenta como mera aplicação de modelos prontos, mas como reconfiguração criativa das exigências e potencialidades do contexto competitivo (Tobar, 2018; Oliveira et al., 2021).

A dimensão do uso de si pelo técnico evidencia o caráter singular de sua atividade. Essa categoria, formulada na tradição ergológica, remete ao modo como cada trabalhador mobiliza suas capacidades cognitivas, emocionais e relacionais na composição de sua ação em contexto (Schwartz, 2014; Muniz; Santorum; França, 2018). No futebol, o técnico toma decisões que envolvem interpretações da lógica do jogo, da condição de seus atletas e das demandas institucionais que regulam o desempenho. Tais decisões não são neutras nem automatizadas, mas decorrem de um processo constante de arbitragens, que exige discernimento e reformulação contínua (Durrive; Schwartz, 2008; Trinquet, 2010).

Nesse sentido, a atividade do técnico pode ser interpretada como debate de normas, no qual diferentes prescrições se entrecruzam e exigem escolhas situadas. O debate entre normas antecedentes e normas instauradas pela própria atividade constitui o cerne do trabalho do técnico, exigindo a mediação entre racionalidades distintas e temporalidades sobrepostas (Schwartz, 2011; Durrive, 2016). O técnico de futebol, ao organizar seu trabalho, atua como operador de racionalidades divergentes, mobilizando conhecimento técnico, sensibilidade prática e leitura institucional para gerir o processo de treino e jogo (Trinquet, 2010; Schwartz; Durrive, 2007).

O campo do futebol, ao longo das últimas décadas, tem intensificado seus níveis de complexidade organizacional e exigência profissional, o que amplia as demandas sobre a atuação dos técnicos. A inserção de tecnologias, a padronização de processos e a profissionalização dos clubes alteraram a natureza da atividade técnica, inserindo novas formas de regulação sobre o trabalho do treinador (Cruz et al., 2022; Pessanha et al., 2023). Tais transformações reforçam a necessidade de se compreender o fazer técnico não como execução mecânica, mas como atividade situada em um campo de tensões regulatórias e operacionais (Scherer et al., 2022; Durrive, 2011).

Ao considerar a atividade dos técnicos sob o prisma ergológico, torna-se possível deslocar a análise para os elementos invisíveis do trabalho, que dizem respeito às microescolhas, às reformulações tácitas e aos embates com as normas institucionais. O técnico, nesse contexto, atua como sujeito que produz, interpreta e reconfigura normas, sendo o modelo de jogo o produto e o meio dessa operação (Schwartz, 2011; Durrive; Schwartz, 2008). A observação de tais processos permite ampliar o entendimento sobre o papel dos modelos de periodização na organização do futebol e sobre as formas pelas quais o técnico agencia suas ações no interior das estruturas normativas que o antecedem (Trinquet, 2022; Schwartz; Durrive, 2021).

Importa destacar que este trabalho não constitui uma pesquisa empírica de orientação ergológica. A proposta aqui desenvolvida tem caráter bibliográfico, sendo estruturada como uma revisão de escopo orientada por critérios sistemáticos, cujo objetivo é explorar a literatura existente sobre a atividade dos técnicos de futebol, especialmente no que diz respeito à construção do modelo de jogo e à organização do trabalho do técnico. A aproximação com a ergologia se dá por meio da categoria analítica das normas antecedentes, que, embora formulada no interior do pensamento ergológico, ainda encontra reduzida mobilização nos estudos sobre o futebol.

A opção por destacar as normas antecedentes como eixo analítico decorre do reconhecimento de sua potência heurística para compreender os modos pelos quais os profissionais técnicos ajustam, interpretam e reelaboram prescrições em situações concretas. Essa via de análise permite iluminar aspectos normalmente invisibilizados na literatura prescritiva e funcionalista que ainda predomina nas abordagens sobre o planejamento e a periodização do treinamento esportivo. O presente trabalho, portanto, busca criar condições teóricas e metodológicas para um diálogo inicial entre os fundamentos da ergologia e a racionalidade técnico-metodológica do futebol, sem pretender transpor ou aplicar diretamente seus procedimentos empíricos.

A ergologia, enquanto abordagem filosófico-metodológica desenvolvida por Yves Schwartz e seus colaboradores, fornece uma matriz conceitual potente para analisar a atividade humana em contextos laborais complexos. Ainda que seus formuladores não tenham se debruçado sobre o futebol como objeto empírico, seus conceitos — especialmente os de uso de si por si e pelo outro, debate de normas e renormalizações — oferecem subsídios valiosos para interpretar a prática técnica como campo de decisões situadas, de composição de saberes e de produção normativa em ato. A distância entre o prescrito e o vivido, central na análise

ergológica, permite deslocar o foco da tarefa para a atividade, compreendida como processo dinâmico, instável e historicamente constituído.

No presente trabalho, a ergologia não é aplicada como método de investigação, mas mobilizada como horizonte teórico capaz de enriquecer a leitura a respeito da atuação técnica do treinador no futebol. Ao priorizar a análise das normas antecedentes, pretende-se evidenciar a densidade normativa que atravessa a atividade dos treinadores, sem incorrer na confusão entre conceitos da ergonomia e da ergologia. Trata-se de um esforço de aproximação, no qual o futebol é lido à luz de uma tradição que valoriza a singularidade da ação e a instabilidade das mediações. Ao enfatizar os limites e as potências dessa interlocução, este estudo busca contribuir para a ampliação das fronteiras do campo ergológico e, simultaneamente, para uma compreensão mais densa e situada do trabalho no esporte de alto rendimento.

A análise do trabalho do técnico no futebol exige uma abordagem que contemple as múltiplas determinações normativas que atravessam essa atividade. O técnico de futebol atua em um campo marcado por regras explícitas e implícitas, exigências institucionais, prescrições táticas e estruturas de poder que antecedem e condicionam a execução de suas ações. Tais condicionantes, ao mesmo tempo em que orientam o desempenho, não esgotam a totalidade das decisões envolvidas na prática. A literatura que trata da preparação esportiva e da gestão técnica, embora vasta, tende a operar com modelos normativos que desconsideram a instabilidade própria da atividade humana em situação (Carravetta, 2021; Cruz et al., 2022). A lacuna teórica quanto ao tratamento da atividade técnica como campo de escolhas sob normas antecedentes justifica a adoção de um referencial ergológico como via de aproximação analítica.

A ergologia, formulada por Yves Schwartz e aprofundada por colaboradores como Louis Durrive e Pierre Trinquet, propõe uma leitura do trabalho que reconhece a existência de um distanciamento irreconciliável entre o prescrito e o real. Essa abordagem desloca o olhar da tarefa para a atividade, compreendendo que o fazer do trabalhador envolve microdecisões contínuas e renormalizações que não podem ser antecipadas pelo dispositivo normativo (Schwartz; Durrive, 2007; Trinquet, 2010). A pertinência da ergologia para o estudo do futebol reside na possibilidade de descrever o processo decisório no interior da prática técnica como produção situada de ação diante de múltiplas pressões normativas (Durrive; Schwartz, 2008; Muniz; Santorum; França, 2018).

O técnico de futebol opera constantemente entre prescrições formais, como os modelos de periodização, e exigências contextuais que requerem adaptações estratégicas. A abordagem ergológica permite compreender como esse profissional mobiliza diferentes saberes – técnico-científicos, empíricos e relacionais – para tomar decisões sob circunstâncias instáveis. Essa

leitura amplia a noção de competência, incorporando dimensões não codificadas do trabalho, que incidem diretamente na constituição do modelo de jogo (Schwartz, 2011; Schwartz; Durrive, 2021). A contribuição da ergologia, nesse aspecto, encontra-se na possibilidade de reconhecer o técnico como operador de normas em situação, que atualiza, interpreta e modifica as prescrições recebidas (Durrive, 2002; Viegas, 2013).

Ao integrar a ergologia ao estudo da atividade técnica no futebol, busca-se evidenciar as formas pelas quais as normas antecedentes são reinterpretadas e reconfiguradas no interior da prática cotidiana. Tais normas, mesmo concebidas como referenciais, não abrangem as exigências situacionais emergentes a cada sessão de treino ou competição. A distância entre o previsto e o realizado exige arbitragens baseadas na experiência, na leitura contextual e na história profissional encarnada. Ignorar esses processos significa reduzir a análise da atuação do técnico a uma sequência de atos padronizados, desconsiderando sua densidade normativa e sua dinâmica de renormalizações (Durrive; Schwartz, 2008; Scherer et al., 2022).

A literatura especializada em treinamento esportivo, embora consistente na descrição de modelos de periodização, ainda opera majoritariamente sob uma lógica funcionalista. Contribuições como as de Tobar (2018), Pivetti (2020) e Oliveira et al. (2021) são relevantes para compreender os fundamentos da preparação tática, mas não examinam como as decisões técnicas são produzidas em meio ao conflito de normas, entre o prescrito e o possível. O referencial ergológico permite observar como o técnico mobiliza o uso de si por si e pelo outro, compondo sua ação em meio a determinações normativas heterogêneas (Schwartz, 2014; Durrive, 2011).

A ausência de investigações que articulem ergologia e futebol evidencia uma lacuna teórica e metodológica que restringe a análise das atividades envolvidas no planejamento e na organização do jogo. Conforme Pessanha et al. (2023), a produção acadêmica em ergologia tem se expandido no Brasil, mas o campo esportivo permanece à margem dessa inserção. O presente trabalho, ao realizar uma revisão de escopo ancorada nas normas antecedentes, pretende contribuir para o campo ergológico ao explorar uma dimensão pouco abordada até o momento, sem, contudo, constituir uma pesquisa empírica nesse domínio (Scherer et al., 2022; Trinquet, 2022).

A proposta, portanto, é construir uma aproximação teórica entre ergologia e futebol, sem transposição indevida de métodos ou categorias. O técnico é aqui considerado como corpo-si em ação, cujas decisões resultam de composições singulares entre exigências institucionais, saberes incorporados e racionalidades operacionais em disputa. O modelo de jogo, nesse contexto, é compreendido como síntese transitória das mediações normativas que atravessam a

atividade e como expressão prática da instabilidade própria do trabalho em situação (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2010).

O objetivo geral desta pesquisa é analisar, com base em revisão bibliográfica, a maneira como as normas antecedentes são abordadas na literatura sobre o trabalho dos técnicos de futebol, considerando sua articulação com os modelos de periodização adotados na construção do modelo de jogo. Para isso, buscou-se examinar, na produção científica recente, de que forma os técnicos de futebol foram representados na formulação e sistematização do modelo de jogo, além de identificar os efeitos atribuídos às normas antecedentes na organização da atividade de trabalho do técnico ao longo da evolução histórica do futebol. Também se procurou sistematizar as configurações normativas recorrentes nos estudos sobre o planejamento e a condução metodológica do treinamento esportivo. O desenvolvimento desta dissertação se fundamentou em uma abordagem metodológica baseada em revisão bibliográfica ampliada, na qual a revisão de escopo foi considerada, mas não delimitou o alcance do estudo.

A investigação buscou compreender, a partir da literatura acadêmica, como o trabalho dos técnicos de futebol foi caracterizado e sistematizado, destacando o papel das normas antecedentes e sua articulação com a periodização tática na construção do modelo de jogo. Nos primeiros capítulos, foram abordados elementos gerais do futebol, incluindo conceitos fundamentais do jogo, regras e o papel do técnico na preparação das equipes. A discussão contemplou a evolução histórica do trabalho dos treinadores, evidenciando os desafios enfrentados na formulação de estratégias e na adaptação das metodologias ao longo do tempo. A periodização tática foi explorada como um dos eixos centrais do planejamento esportivo, destacando sua influência na estruturação do modelo de jogo e na organização do treinamento. Além da revisão sobre o trabalho dos técnicos, esta dissertação incorporou a ergologia como uma perspectiva teórica essencial para aprofundar a análise. A abordagem ergológica permitiu investigar como as normas antecedentes orientaram e condicionaram as práticas dos treinadores, influenciando decisões estratégicas e adaptações ao longo da temporada.

O estudo evidenciou como os elementos normativos estabelecidos previamente impactaram a sistematização do trabalho do técnico, promovendo uma compreensão mais ampla sobre os processos de tomada de decisão e formulação de estratégias. Para sustentar essa discussão, foi conduzida uma revisão bibliográfica que ultrapassou os limites de um levantamento de escopo, integrando uma análise crítica das principais referências teóricas e práticas sobre o tema. O objetivo foi estabelecer um diálogo entre a literatura acadêmica sobre futebol e as contribuições da ergologia, possibilitando uma reflexão aprofundada sobre a relação entre as normas antecedentes e a sistemática do trabalho dos treinadores. Com essa

abordagem, a dissertação buscou oferecer subsídios para compreender os desafios inerentes à organização da atividade do técnico e sua interseção com princípios ergológicos. Considerou-se o seguinte plano de escrita:

O presente estudo, com o propósito de estabelecer os fundamentos conceituais que sustentaram a análise proposta nesta dissertação, delimitou os elementos teóricos necessários à compreensão do trabalho dos técnicos de futebol no processo de construção do modelo de jogo, à luz dos modelos de periodização esportiva e das categorias analíticas da ergologia. Partiu-se do reconhecimento de que a atividade técnica no futebol não poderia ser compreendida de forma dissociada das estruturas normativas que a antecedem, tampouco das mediações situadas que se atualizam na prática do treinamento.

No capítulo 2, foi desenvolvido um delineamento conceitual do futebol, abordando seus aspectos normativos, estruturais e organizacionais. O futebol foi analisado não apenas como uma prática esportiva codificada, mas como um campo institucionalizado de atividades que mobilizam saberes, estruturas e decisões interdependentes. O texto examinou o trabalho no futebol, com ênfase na função do técnico, estabelecendo uma ponte entre a prática cotidiana desse agente e as estratégias de periodização tática. Discutiu-se como os modelos de periodização, especialmente a periodização tática, funcionam como dispositivos que estruturam a intervenção técnica a partir de critérios derivados da lógica do jogo.

No capítulo 3, foram apresentados os fundamentos da abordagem ergológica, com ênfase na noção de normas antecedentes e nos conceitos de uso de si por si e pelo outro. Essa seção introduziu as contribuições de autores como Yves Schwartz, Louis Durrive e Pierre Trinquet, com vistas a fundamentar a análise da atividade de trabalho do técnico de futebol como atividade situada, realizada em constante debate com prescrições históricas, institucionais e operacionais. Também foi discutida a interseção entre as normas antecedentes e o trabalho do técnico de futebol na formulação do modelo de jogo, examinando como tais normas informam, condicionam e foram reconfiguradas na dinâmica da atividade técnica.

No capítulo 4, foi desenvolvida a revisão de escopo como estratégia de análise, que, como mencionado anteriormente, não limitou o trabalho, mas contribuiu para identificar as lacunas existentes na literatura sobre o tema. Esse percurso teórico forneceu os instrumentos analíticos necessários para a compreensão das escolhas operadas pelos técnicos no interior de um campo normativamente denso, permitindo interpretar a construção do modelo de jogo como uma síntese provisória entre estrutura prescrita e ação situada.

No capítulo 5, foi realizada a sistematização dos dados obtidos por meio da revisão de escopo, consolidando as principais contribuições da pesquisa e oferecendo subsídios para

investigações futuras sobre a atividade técnica no futebol. Por fim, no capítulo 6, foram apresentadas as considerações provisórias sobre os vínculos entre ergologia e futebol.

Esse percurso teórico tem por objetivo fornecer os instrumentos analíticos necessários para a compreensão das escolhas operadas pelos técnicos no interior de um campo normativamente denso, permitindo interpretar a construção do modelo de jogo como síntese provisória entre estrutura prescrita e ação situada.

Ainda que a ergologia tenha sido desenvolvida a partir da análise de atividades laborais em setores como indústria, saúde e educação, entende-se que seus fundamentos epistemológicos como a centralidade da atividade real, as renormatizações e o uso de si por si são igualmente pertinentes ao campo esportivo. No caso do técnico de futebol, a prática profissional está impregnada de normas antecedentes: prescrições institucionais, regras táticas, convenções do jogo e expectativas sociais que orientam, a priori, sua conduta. Contudo, segundo Schwartz (2000), essas normas não se impõem de forma absoluta sobre a ação; ao contrário, são permanentemente reinterpretadas e renegociadas pelos sujeitos em situação real de trabalho. Assim, quando, neste trabalho, se associam conceitos ergológicos ao futebol, não se afirma que os autores da ergologia tenham tratado diretamente desse campo, mas sim que o ofício do treinador se apresenta como terreno empírico profícuo para ilustrar os processos de renormatização e a mobilização do corpo-saber na confrontação com o real. Trata-se de uma leitura analítica que preserva o rigor teórico e respeita a proveniência dos conceitos aplicados.

2 O FUTEBOL COMO CAMPO NORMATIVO E METODOLÓGICO

Nesta sessão, no primeiro tópico, será apresentado um delineamento conceitual do futebol, abordando seus aspectos normativos, estruturais e organizacionais. Considera-se o futebol não apenas como prática esportiva codificada, mas como campo institucionalizado de atividades que mobilizam saberes, estruturas e decisões interdependentes. O tópico seguinte trata do trabalho no futebol, com ênfase na função do técnico, estabelecendo uma ponte entre a prática cotidiana desse agente e as estratégias de periodização tática. Discute-se, nessa parte, como os modelos de periodização, especialmente a periodização tática, funcionam como dispositivos que estruturam a intervenção técnica a partir de critérios derivados da lógica do jogo.

2.1 O que é Futebol?

A compreensão do futebol como objeto de estudo demanda um recorte conceitual que não se restrinja à sua configuração enquanto prática esportiva regulamentada, mas que considere as múltiplas dimensões históricas, sociais, culturais e institucionais que estruturam sua constituição. Tal abordagem exige o reconhecimento de que o futebol ultrapassa a condição de modalidade competitiva para ocupar o estatuto de fenômeno social articulado a lógicas de poder, identidades coletivas e processos de formação cultural (Rinaldi, 2000; Alcântara, 2006). Embora originado como prática lúdica institucionalizada, o futebol transformou-se em estrutura complexa, mediada por dispositivos normativos, interesses econômicos e sistemas de representação simbólica (Toledo, 2000; Witter, 1990).

A especificidade do futebol reside na forma como articula elementos do jogo com dinâmicas institucionais que regulam sua prática e definem os sentidos que ele assume nos diversos contextos em que se inscreve. A inserção do futebol nos processos educacionais, midiáticos e políticos ilustra sua capacidade de operar como espaço de disputa discursiva, ao mesmo tempo em que mantém sua ancoragem nas regras do jogo e nas lógicas internas da competição (Freire, 2021; Garganta, 2001). O futebol, assim, não se reduz a um conjunto de movimentos ou estratégias técnico-táticas, mas deve ser interpretado como campo normativamente estruturado, que produz subjetividades, racionalidades e modos de atuação social.

O tratamento analítico do futebol como objeto de investigação requer, portanto, a articulação entre categorias provenientes das ciências do esporte e dos estudos culturais, sem que se dilua a especificidade de suas estruturas formais. Essa dupla inserção impõe ao pesquisador a necessidade de compreender os elementos que compõem o jogo e os dispositivos que regulam sua prática no interior das instituições esportivas. A delimitação conceitual proposta nesta seção visa, assim, estabelecer o ponto de partida para o aprofundamento subsequente sobre o jogo e suas regras, os aspectos que caracterizam sua lógica interna e a configuração estrutural que organiza sua prática institucionalizada, em consonância com os pressupostos metodológicos adotados neste trabalho.

2.1.1 O jogo e suas regras

Do ponto de vista ergológico, a estrutura do futebol pode ser lida como um conjunto de normas antecedentes que orientam a atividade, mas que exigem atualização constante. O uso de si pelo técnico, conceito central na ergologia, é mobilizado na ação situada, quando as

normas institucionais precisam ser interpretadas à luz da singularidade do contexto. A competência técnica, nesse caso, não é apenas domínio de conteúdo, mas capacidade de compor, ajustar e renormalizar prescrições (Schwartz, 2014; Muniz; Santorum; França, 2018).

A análise ergológica permite entender que a estrutura não é imposta de modo unilateral, mas é co-produzida no interior da atividade. Os técnicos, ao atuarem, não apenas se submetem às normas, mas também as reinterpretam, reformulam e ajustam. Essa dinâmica configura o debate de normas, uma das categorias centrais da ergologia, que evidencia os embates, tensões e deliberações que constituem a prática (Durrive; Schwartz, 2008; Viegas, 2013). A estrutura, nesse sentido, é espaço de conflito e composição, e não mero conjunto estático de prescrições. A ergologia, ao considerar a complexidade dos usos de si por si e pelo outro, oferece instrumental para compreender essa multiplicidade de exigências (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2022).

O jogo, no contexto do futebol, apresenta-se como um sistema normativo estruturado a partir de códigos convencionados, os quais definem seus limites operacionais e instauram um espaço regulado de ações. A compreensão desse sistema demanda a análise das regras que instituem o funcionamento do jogo e que delimitam o campo legítimo das condutas permitidas. As regras, embora formalmente sistematizadas, não se esgotam na letra do regulamento, sendo continuamente interpretadas pelos agentes que participam da prática esportiva (Rinaldi, 2000; Witter, 1990). Esse caráter normativo do jogo o insere em um regime específico de funcionamento, cuja coerência depende da reprodução de condutas compatíveis com seus princípios operacionais (Toledo, 2000; Freire, 2021).

De acordo com Freire (2021), o futebol deve ser interpretado como um jogo que opera sob regras explícitas, mas também sob convenções tácitas compartilhadas por seus participantes. Witter (1990) observa que o jogo estabelece um espaço simbólico em que a ordem normativa se impõe à conduta motora, exigindo dos jogadores não apenas habilidade física, mas aderência às regras instituídas. Nesse sentido, o jogo constitui um domínio regulado de ação, em que as condutas legítimas são previamente delineadas, mesmo que sujeitas a interpretações situadas (Rinaldi, 2000; Garganta, 2001).

Conforme Garganta (2001), as regras no futebol desempenham função organizadora das interações em campo, ao mesmo tempo em que instituem os critérios de julgamento sobre a licitude ou ilicitude dos comportamentos. Toledo (2000) acrescenta que tais regras não são meramente operacionais, mas configuram um corpo normativo que estrutura a lógica interna do jogo. Essa lógica, por sua vez, é mediada por dispositivos formais – como os regulamentos

oficiais – e por instâncias interpretativas, como a arbitragem e a gestão tática das equipes (Freire, 2021; Alcântara, 2006).

Freire (2021) argumenta que o jogo de futebol pode ser compreendido como uma prática institucionalizada em que as regras funcionam como norma de comportamento e como critério de ordenação do espaço de jogo. Alcântara (2006) afirma que o cumprimento dessas regras envolve não apenas a obediência às sanções previstas, mas também a internalização dos valores que sustentam a lógica da competição. Rinaldi (2000), por sua vez, destaca que as regras não operam isoladamente, sendo interpretadas à luz de códigos culturais que permeiam o universo do futebol.

Garganta (2001) sustenta que as regras do futebol organizam o tempo e o espaço da prática esportiva, criando uma gramática própria de ações possíveis. Witter (1990) assinala que essa gramática não é neutra, pois reflete escolhas históricas sobre o que deve ser considerado legítimo no jogo. Toledo (2000) complementa essa análise ao observar que o futebol, como prática codificada, inscreve-se em um campo normativo que combina racionalidade formal com dinâmicas contingenciais.

As regras não são simplesmente restrições à ação; são elementos constitutivos que definem a própria possibilidade de ação em um determinado contexto. No futebol, as regras não limitam apenas o comportamento; elas moldam o jogo ao estabelecer as condições sob as quais ele se torna inteligível como um esporte regido por estratégia, estrutura e resultados previsíveis” (Elias, 1986, p. 112). Tradução Nossa.

A análise das regras do jogo no futebol não se restringe à descrição de seu conteúdo textual. Witter (1990) pontua que sua efetividade depende da maneira como são operacionalizadas pelo corpo-si, especialmente pelos árbitros e técnicos. Garganta (2001) ressalta que a interpretação das regras pode variar conforme as circunstâncias, o que exige dos agentes uma leitura contextualizada das situações de jogo. Alcântara (2006) reforça que o jogo é também um campo de negociação normativa, em que as regras são frequentemente objeto de disputas interpretativas.

Rinaldi (2000) indica que o corpo de regras que estrutura o futebol funciona como matriz de legitimação das ações e como critério de classificação das condutas em lícitas e ilícitas. Freire (2021) assinala que essa matriz possui uma dimensão pedagógica, pois orienta os jogadores sobre os limites da conduta aceitável. Toledo (2000) complementa essa perspectiva ao afirmar que as regras operam como suporte à lógica do jogo, mas também como instrumento de controle institucional das condutas.

Alcântara (2006) observa que o jogo de futebol é atravessado por mecanismos de normalização que vão além da letra das regras, incluindo códigos de conduta informalmente

reproduzidos. Freire (2021) argumenta que esses mecanismos fazem parte da cultura do jogo e são transmitidos no processo de formação dos jogadores. Garganta (2001) salienta que o domínio das regras formais não é suficiente para garantir a eficácia na prática, sendo necessário interpretar o jogo como um campo normativamente saturado.

Toledo (2000) considera que o futebol opera como um sistema codificado que articula norma e imprevisibilidade, estrutura e improviso. Alcântara (2006) indica que essa tensão entre estabilidade e instabilidade normativa exige dos agentes uma habilidade interpretativa contínua. Witter (1990) assinala que a aprendizagem das regras não é um processo exclusivamente cognitivo, mas envolve também a incorporação de disposições práticas ajustadas ao funcionamento do jogo.

Garganta (2001) propõe que as regras devem ser compreendidas como artefatos culturais que regulam, organizam e produzem sentido no interior da prática esportiva. Rinaldi (2000) destaca que tais artefatos possuem origem histórica e são atravessados por disputas simbólicas sobre sua validade. Freire (2021) ressalta que as regras não apenas estabelecem a ordem do jogo, mas estruturam as formas de pensar, agir e reagir do corpo-si envolvidos.

No esporte, as regras desempenham um papel duplo: estruturam o jogo e educam os participantes. Não são apenas regulamentos formais, mas também estruturas morais que moldam o comportamento e as expectativas. As regras do futebol incorporam valores de justiça, competitividade e disciplina institucional (Simon, 2004, p. 65). Tradução Nossa.

Toledo (2000) sublinha que o futebol deve ser entendido como uma prática que combina ordenamento normativo com abertura à criatividade. Freire (2021) argumenta que o técnico, ao planejar suas estratégias, considera não apenas as regras formais, mas também os modos de aplicação prática dessas regras. Garganta (2001) acrescenta que as estratégias de jogo são concebidas a partir da leitura que os técnicos fazem das possibilidades permitidas dentro do sistema normativo.

Witter (1990) destaca que o futebol opera como um sistema semiaberto, em que as regras definem fronteiras, mas não determinam os conteúdos específicos das ações. Alcântara (2006) afirma que essa característica do jogo exige uma constante negociação entre a rigidez formal das normas e a fluidez da prática. Rinaldi (2000) argumenta que o espaço de jogo deve ser compreendido como campo de disputas normativas, em que cada ação se inscreve na tensão entre previsibilidade e invenção.

Alcântara (2006) considera que a interpretação das regras é parte indissociável da performance esportiva, sendo fundamental para a gestão tática das ações em campo. Freire (2021) afirma que essa interpretação não é neutra, mas atravessada por racionalidades

institucionais, culturais e situacionais. Toledo (2000) reforça que o jogo de futebol deve ser lido como espaço de produção de sentido regulado por um sistema de normas operativas e simbólicas.

2.1.2 Conceituando aspectos do jogo

A análise conceitual do jogo no futebol exige uma abordagem que ultrapasse a compreensão mecânica da movimentação dos jogadores em campo. A estrutura do jogo compreende um conjunto de elementos interdependentes que envolvem regras, princípios táticos, funções coletivas e condutas individuais, organizadas em torno de uma lógica interna própria. A codificação do jogo, no âmbito técnico, exige que treinadores, atletas e analistas compreendam os sistemas que regulam a movimentação das equipes em diferentes momentos da partida, articulando estratégias à complexidade do ambiente competitivo (Garganta, 2001; Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015). A estrutura conceitual do jogo não se limita à sua organização espacial ou à função das regras, mas abrange os princípios que sustentam sua inteligibilidade operacional (Freire, 2021; Witter, 1990).

De acordo com Teoldo, Guilherme e Garganta (2015), o jogo deve ser analisado a partir da compreensão de seus princípios táticos gerais, operacionais e específicos, os quais organizam as condutas dos atletas em função da lógica coletiva da equipe. Garganta (2001) defende que esses princípios não são apenas descritivos, mas normativos, pois orientam a tomada de decisão e a atuação dos jogadores nas diferentes fases do jogo. Alcântara (2006) destaca que a prática do futebol se inscreve em um campo de racionalidade estratégica, onde o jogo representa um dispositivo dinâmico de organização e reorganização contínua do espaço-tempo em campo.

A concepção de jogo proposta por Drubsky (2014) insere-se nessa lógica, ao definir o modelo de jogo como uma síntese dos conceitos táticos que orientam a atuação coletiva da equipe. Para o autor, a estrutura do jogo não é uma reprodução estática de um sistema, mas uma organização que varia em função das características dos jogadores e das exigências situacionais impostas pelo adversário e pelo próprio desenvolvimento da partida (Drubsky, 2014; Freire, 2021). Garganta (2001) acrescenta que, embora existam sistemas táticos reconhecíveis, sua efetividade depende da interpretação dos jogadores e da capacidade do treinador de reorganizar o modelo conforme os dados empíricos do jogo. Segundo Drubsky (2014, p. 111), o conceito de modelo de jogo

[...] representa a dinâmica de jogo que tem como base organizacional de campo um ou mais sistemas táticos e que assume vários desenhos táticos em campo em decorrência das características dos jogadores e ou dos momentos do próprio jogo.

Cada modelo de jogo se desenvolve a partir da aplicação de um conjunto de conceitos táticos que seu treinador valoriza.

Os princípios táticos específicos correspondem aos elementos que singularizam uma equipe em relação a sua forma de jogar. Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) apontam que esses princípios determinam a forma como a equipe se comporta coletivamente, exigindo sincronia entre os setores e coerência entre as ações individuais e coletivas. A delimitação desses princípios não pode ser reduzida a um modelo universal, pois cada treinador institui uma gramática própria de atuação com base em suas convicções metodológicas, nas características dos atletas disponíveis e nas demandas do contexto competitivo (Pivetti, 2020; Almeida; Saorín, 2021). Teoldo, Guilherme e Garganta (2020, p. 75) afirma que

[...] pautam-se em características singulares de um modelo de jogo e que determinam a forma de uma equipe jogar. Eles recebem essa denominação pelo fato de serem específicos a um modo de jogar e por consequência, ajudarem na orientação e sincronização de todos os jogadores em campo.

Freire (2021) argumenta que o jogo de futebol, ao organizar-se a partir de princípios táticos, deve ser interpretado como um sistema semiautônomo em constante reconfiguração. Essa reconfiguração não se limita às ações em campo, mas estende-se à preparação dos treinos, à escolha das estratégias e à leitura do adversário. Para Garganta (2001), o treinador não apenas ensina princípios, mas institui uma racionalidade de jogo que deve ser incorporada pelos atletas. Essa racionalidade se expressa tanto nas ações com bola quanto nas movimentações sem bola, que exigem coordenação, antecipação e leitura situacional (Toledo, 2000; Gel, 2022).

Gel (2022, p. 3), neste aspecto, afirma que: “O futebol é um esporte coletivo, e o jogo é pensado pela comissão técnica de forma coletiva, em que cada um tem sua função em campo, em que um depende do outro, mas é um esporte em que o individualismo às vezes pode decidir uma partida.”

A concepção sistêmica do jogo permite reconhecer que sua estrutura não se limita ao alinhamento dos jogadores em formações padronizadas, mas implica um conjunto de princípios que orientam o comportamento coletivo. Garganta (2001) propõe que a análise do jogo deve considerar os diferentes momentos que o compõem – organização ofensiva, defensiva, transições e bolas paradas – os quais exigem princípios próprios para cada situação. Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) sustentam que a operacionalização desses princípios depende da clareza conceitual com que o treinador institui sua proposta de modelo de jogo e da capacidade dos jogadores de assimilar e aplicar tais conceitos em contexto dinâmico.

A diferenciação entre princípios gerais, operacionais e específicos permite compreender a complexidade da lógica que sustenta o jogo coletivo. Os princípios gerais referem-se a noções amplas de ocupação de espaço e controle da posse de bola; os operacionais dizem respeito a ações padronizadas em fases específicas do jogo; os específicos configuram a identidade tática da equipe. Essa tripartição, conforme Drubsky (2014), auxilia o treinador na estruturação do modelo de jogo a partir de uma lógica coerente entre concepção, treino e desempenho. Freire (2021) observa que essa coerência não é dada automaticamente, exigindo um processo contínuo de ajuste e renormalização a partir da realidade dos jogos disputados.

A análise conceitual do jogo também exige atenção à dimensão processual da construção dos modelos de atuação. Garganta (2001) salienta que a constituição de um modelo de jogo é resultado de um processo contínuo de elaboração coletiva, em que os princípios táticos são institucionalizados por meio do treino. Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) apontam que o treino é o espaço em que os conceitos são operacionalizados e transformados em condutas motoras padronizadas. Toledo (2000) observa que o êxito dessa transformação depende da capacidade do treinador de mediar o conteúdo conceitual com as exigências da prática.

O jogo de futebol, nessa perspectiva, apresenta-se como fenômeno que articula norma, contexto e interpretação. Drubsky (2014) ressalta que os princípios táticos precisam ser flexíveis o suficiente para serem adaptados às contingências do jogo, mas estáveis o bastante para garantir unidade conceitual à equipe. Gel (2022) complementa essa visão ao reconhecer que, embora o jogo seja pensado de forma coletiva, a atuação individual pode assumir centralidade em momentos decisivos. Essa tensão entre coletivo e individual não é resolvida por prescrições fixas, mas gerida no âmbito da própria atividade, o que reforça a complexidade da lógica que estrutura o jogo.

A organização do jogo depende, portanto, da capacidade da comissão técnica de instituir princípios coerentes e de transformar esses princípios em padrões assimiláveis pelos jogadores. Garganta (2001) indica que a clareza conceitual do modelo de jogo é condição para a interpretação eficiente das situações de jogo. Freire (2021) argumenta que, embora existam princípios reconhecidos na literatura, cada treinador institui sua própria gramática de jogo, a partir de concepções específicas sobre espaço, tempo, posse, marcação e transição. Essa gramática é apreendida na prática, mas pressupõe um núcleo conceitual que dá sentido às ações em campo.

A formalização conceitual do jogo também cumpre função pedagógica no processo de formação dos atletas. Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) afirmam que os princípios táticos são instrumentos de racionalização do desempenho, ao permitir que os jogadores reconheçam

padrões e reajam com antecipação. Drubsky (2014) reforça que o domínio conceitual do jogo contribui para o desenvolvimento da autonomia tática dos jogadores. Toledo (2000) salienta que essa autonomia é construída no treino, por meio da repetição situada das ações e da reflexão crítica orientada pela comissão técnica.

Freire (2021) conclui que o jogo de futebol é regulado por um conjunto de princípios que não são apenas operacionais, mas que estruturam as formas de pensar, agir e interpretar as ações em campo. Garganta (2001) considera que esses princípios configuram o que se pode denominar de racionalidade tática da equipe, cuja efetividade depende da incorporação coletiva das diretrizes estabelecidas no modelo de jogo. Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) reforçam que a eficácia dessa racionalidade depende da precisão conceitual dos princípios adotados e da sua transposição para o contexto prático da competição.

2.1.3 A estrutura do futebol

A estrutura do futebol não se constitui apenas como forma organizativa da prática esportiva, mas como um complexo institucional, normativo e técnico que integra elementos culturais, econômicos, simbólicos e operacionais. A compreensão dessa estrutura exige a análise articulada de seus múltiplos componentes, que vão desde os dispositivos regulamentares internacionais até as práticas locais de gestão e intervenção profissional. A institucionalização do futebol, nesse sentido, delineia um campo de tensões entre prescrições normativas e reinvenções situadas da prática, o que o aproxima das abordagens ergológicas que tomam a atividade como objeto analítico (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2010).

No plano macroestrutural, o futebol se organiza por meio de federações, confederações e organismos reguladores que definem regras de competição, critérios de habilitação e protocolos operacionais. Essa normatividade externa estabelece padrões homogêneos de funcionamento institucional, que repercutem nos modos de gestão dos clubes, na formação técnica e na administração do espetáculo. A FIFA e suas entidades filiadas operam como instâncias reguladoras que delimitam as condições de participação e de governança, configurando um campo normativo que antecede e condiciona a prática (Canguilhem, 2001; Brasil, 2023).

A esse conjunto normativo se soma a estrutura interna dos clubes, a qual compreende departamentos técnicos, setores administrativos, áreas de comunicação, marketing, saúde, formação e desempenho. Essa configuração multissetorial determina a lógica de funcionamento do futebol enquanto organização complexa, em que decisões técnico-táticas não estão dissociadas de estratégias empresariais e interesses de mercado. A articulação entre essas

dimensões institucionaliza o futebol como espaço produtivo e como campo de gestão de competências (Carravetta, 2021; Bragatti; Henriqson, 2021).

As práticas de treinamento e competição constituem outro eixo da estrutura do futebol, envolvendo a sistematização dos métodos de preparação física, técnica, tática e psicológica. A introdução dos modelos de periodização esportiva, como a periodização tática, estruturou um novo paradigma de racionalidade técnica, no qual a lógica do jogo passou a ser o princípio organizador do treinamento. Essa concepção transfere para o cotidiano do clube uma estrutura que articula princípios de jogo, momentos situacionais e comportamentos esperados (Pivetti, 2020; Tobar, 2018).

A dimensão formativa do futebol é também estruturante, especialmente no que diz respeito às categorias de base e aos sistemas de formação de atletas. Tais sistemas operam como instâncias de reprodução das lógicas institucionais e metodológicas que permeiam o futebol profissional, com impacto direto sobre os modos de subjetivação dos atletas. A formação do jogador é orientada por critérios técnico-táticos, mas também por valores institucionais, expectativas de rendimento e dispositivos de controle comportamental (Freire, 2021; Oliveira et al., 2021).

O técnico, enquanto agente situado no interior da estrutura organizacional do futebol, exerce uma função que articula a operação de prescrições institucionais com a mediação prática de sua aplicação. Essa atuação implica a interpretação contínua das normatividades presentes no ambiente esportivo, exigindo ajustes estratégicos diante das condições materiais, simbólicas e relacionais que configuram o cotidiano da equipe. Nesse processo, a prática do técnico não se reduz à execução de protocolos previamente definidos, mas envolve deliberações que combinam experiência, julgamento e composição de alternativas frente às exigências contextuais (Carravetta, 2021; Bragatti; Henriqson, 2021; Freire, 2021).

A estrutura do futebol também compreende mecanismos formais de avaliação e controle de desempenho, que envolvem estatísticas, plataformas digitais, softwares analíticos e protocolos de mensuração. Tais mecanismos não apenas objetivam a prática, mas introduzem uma racionalidade quantificadora que redefine os critérios de rendimento, valoriza indicadores objetivos e impõe métricas como instrumentos de gestão. Essa racionalidade, entretanto, não elimina a dimensão indeterminada da prática, que continua exigindo do técnico habilidades interpretativas (Aquino; Petiot, 2022; Medina, 2021).

A relação entre estrutura e prática no futebol apresenta caráter ambivalente: por um lado, operam dispositivos institucionais e metodológicos que visam à padronização das condutas técnicas; por outro, há margem para variações operadas por treinadores e comissões técnicas

diante das exigências do contexto. Essa ambivalência manifesta-se na necessidade de constantes ajustamentos entre os modelos formais de organização do treinamento e as demandas situacionais impostas pelo jogo, pelo elenco disponível e pelas contingências da competição. A prática no futebol, nesse sentido, não se reduz à reprodução de normas estabelecidas, sendo marcada por processos decisórios que envolvem interpretação, experiência acumulada e reformulação de estratégias (Pivetti, 2020; Carravetta, 2021; Oliveira et al., 2021).

A estrutura do futebol compreende ainda os dispositivos legais, como a Lei Geral do Esporte, que normatizam contratos, direitos e deveres dos profissionais, e determinam regras de governança, compliance e responsabilidade institucional. A normatização jurídica inscreve no cotidiano do futebol um regime de legalidade que regula a contratação de atletas, a organização de competições e a estruturação administrativa dos clubes. Essa dimensão legal também atua como elemento estruturante da atividade, impondo diretrizes que incidem sobre a prática dos treinadores (Brasil, 2023; Ferreira, 2021).

As dimensões simbólicas do futebol também integram sua estrutura, operando como instâncias de legitimação e reconhecimento. Os significados atribuídos ao jogo, as narrativas midiáticas, as representações culturais e os discursos de identidade influenciam os modos de organização e interpretação da prática esportiva. Essas dimensões não são externas ao jogo, mas co-constitutivas da sua estrutura. O técnico atua, portanto, em um campo de significações que também interfere na estruturação das decisões (Alcântara, 2006; Rinaldi, 2000).

No plano organizacional, a estrutura do futebol se manifesta na segmentação de funções e na divisão técnica do trabalho. Há setores responsáveis por desempenho, análise de adversários, controle de carga, nutrição, fisiologia e recuperação. Essa compartimentalização exige do técnico competências de gestão e articulação entre diferentes áreas. A coordenação entre esses setores não se realiza de forma espontânea, mas exige pactuação de critérios, negociação de saberes e composição de decisões (Pessanha et al., 2023; Drubsky, 2003).

A gestão dos clubes, enquanto elemento da estrutura, impõe racionalidades institucionais sobre o trabalho do técnico de futebol. As decisões do treinador são, muitas vezes, tensionadas por objetivos financeiros, estratégias de mercado e interesses de investidores. A atividade do técnico, nessa configuração, é atravessada por múltiplas lógicas, que demandam capacidades de mediação, negociação e legitimação interna.

A estrutura do futebol, portanto, não pode ser compreendida apenas como arranjo organizacional ou normativo. Trata-se de um campo de práticas historicamente constituídas, regulado por dispositivos institucionais, tensionado por disputas simbólicas e operado por indivíduos que interpretam, compõem e ressignificam normas. O técnico, nesse contexto, é mais

que um executor de planos táticos: é um agente que atua sobre uma estrutura que o antecede, mas que é continuamente reconfigurada em sua atividade (Durrive, 2002; Schwartz, 2011).

2.2 Do futebol como trabalho à periodização tática como ferramenta de construção do modelo de jogo

A análise do futebol como prática profissional demanda a superação de abordagens que o reduzem à dimensão lúdica ou meramente competitiva. A consolidação do futebol como campo de atuação laboral, regulamentado por normas institucionais, contratos formais e estruturas de gestão, exige uma leitura que o insira no conjunto das atividades socialmente reconhecidas como trabalho. A partir desse enquadramento, torna-se possível compreender as funções desempenhadas por seus agentes, bem como os dispositivos técnicos que organizam a prática em seus múltiplos níveis. Essa concepção reconhece que o futebol não é apenas um fenômeno sociocultural, mas também uma atividade produtiva, regida por racionalidades institucionais, métodos de intervenção e processos de avaliação contínuos.

A organização da prática no interior dos clubes de futebol, especialmente no contexto profissional, opera por meio de métodos sistemáticos de planejamento, que buscam conferir coerência entre objetivos de desempenho e a preparação dos atletas. A função do técnico de futebol, nesse cenário, não se restringe à condução de treinos ou jogos, mas abrange um campo ampliado de responsabilidades técnicas, estratégicas e operacionais. A atividade desse agente profissional encontra-se submetida a uma lógica que articula conhecimentos teóricos e decisões situadas, tornando-se objeto de crescente sistematização metodológica. Esse processo culminou na consolidação de dispositivos como a periodização tática, que passou a ser incorporada como ferramenta de estruturação da prática.

A periodização tática emerge como uma proposição metodológica que reorganiza o planejamento da preparação das equipes a partir da lógica do jogo. Tal modelo desloca o eixo da preparação física isolada para uma concepção integrada dos conteúdos de treino, na qual os aspectos táticos, técnicos, físicos e cognitivos são desenvolvidos de forma simultânea e contextualizada. A inserção desse modelo no cotidiano do futebol profissional não pode ser compreendida apenas como adesão a uma nova técnica, mas como reconfiguração de um modo de pensar e agir sobre o jogo, cuja aplicação depende de processos interpretativos operados pelo técnico em sua prática.

A articulação entre a prática do técnico e a estrutura conceitual da periodização tática revela-se como ponto de inflexão na organização do trabalho no futebol. O treinador passa a

ser compreendido não como executor de tarefas padronizadas, mas como corpo-si que institui uma lógica própria de jogo, a ser compartilhada, treinada e adaptada às condições do elenco e às exigências da competição. O modelo de jogo, nesse contexto, é o produto de uma construção situada, que exige tanto domínio conceitual quanto capacidade de ajuste contínuo às contingências impostas pela prática. A atividade do técnico, portanto, constitui-se como prática técnica e intelectual, que requer arbitragem entre o prescrito e o possível.

Esta seção se propõe a delinear esse campo de análise, partindo da concepção do futebol como trabalho até o exame da periodização tática como ferramenta para a construção do modelo de jogo. O objetivo é oferecer um panorama que permita compreender como a atividade do técnico se estrutura a partir de múltiplas determinações normativas, organizacionais e metodológicas. Para isso, serão explorados os fundamentos da prática no futebol, as especificidades do trabalho do técnico e os elementos que constituem a periodização tática como instrumento técnico-conceitual. Cada um desses aspectos será desenvolvido nas seções seguintes, preservando o encadeamento entre os níveis de análise e evitando sobreposição de conteúdo.

2.2.1 A Organização e a Dinâmica do Trabalho no Futebol Profissional

A institucionalização do futebol como prática laboral implica a consideração de sua estrutura como um campo normativo de atividades especializadas. A complexidade das funções desenvolvidas no interior das organizações esportivas revela a existência de um conjunto articulado de saberes, práticas e dispositivos de controle. A atividade no futebol ultrapassa a dimensão do desempenho atlético individual, compreendendo instâncias coletivas de decisão, processos de gestão e estratégias de racionalização do jogo. Essa configuração exige dos envolvidos a operacionalização de conhecimentos técnicos e a capacidade de ajustamento às condições situacionais da prática (Carravetta, 2021; Ferreira, 2021).

O trabalho no futebol apresenta especificidades relacionadas à sua natureza institucional e à multiplicidade de funções que o compõem. Clubes, federações e entidades gestoras organizam o funcionamento da atividade por meio de normativas que prescrevem condutas, atribuições e regimes de responsabilidade. A profissionalização do campo esportivo consolidou a divisão técnica do trabalho, instituindo departamentos especializados que operam de forma interdependente. Nesse contexto, a prática do futebol como trabalho insere-se em uma lógica de racionalização que abrange desde a captação de talentos até a gestão do desempenho competitivo (Bragatti; Henriqson, 2021; Pessanha et al., 2023).

A organização do trabalho no futebol envolve tanto dispositivos de natureza técnica quanto mecanismos institucionais de controle e avaliação. Os métodos de preparação dos atletas, as rotinas de treino, os sistemas de análise de desempenho e os protocolos de recuperação física são partes integrantes de um sistema que visa otimizar a eficiência das equipes. A racionalidade que permeia esses dispositivos não opera de forma neutra, sendo mediada pelas concepções de jogo adotadas por cada comissão técnica. Essa mediação evidencia a centralidade dos agentes na composição do trabalho, como os que exercem interpretação das normativas em contextos de (Carravetta, 2021; Bragatti; Henriqson, 2021; Oliveira et al., 2021).

A compreensão ergológica do trabalho permite deslocar a análise da mera execução de tarefas para a observação dos modos de atividade e da relação entre prescrições e situações concretas. O futebol, enquanto prática institucionalizada, pressupõe um sistema de normas antecedentes que regulam a conduta dos profissionais, mas que não determinam de modo absoluto as formas de ação. Os técnicos, atletas e demais membros das comissões técnicas operam constantemente a renormalização dessas prescrições, reconfigurando o trabalho a partir das exigências do jogo. O conceito de debate de normas, nesse sentido, adquire relevância como categoria explicativa do agir no futebol (Schwartz; Durrive, 2021; Viegas, 2013).

A atuação das comissões técnicas constitui elemento estruturante da atividade no futebol, uma vez que articula os múltiplos saberes necessários à preparação e à gestão das equipes. A divisão de tarefas entre membros especializados, como auxiliares técnicos, analistas de desempenho, preparadores físicos e psicólogos, aponta para uma lógica organizacional que se aproxima das configurações empresariais. Essa lógica exige processos de coordenação e negociação interna, nos quais a unidade de ação não é prévia, mas construída no curso das decisões (Carravetta, 2017; Medina, 2021).

A especificidade do trabalho no futebol reside também na natureza da sua matéria-prima: o jogo. Diferente de outras formas de trabalho que lidam com objetos materiais, o futebol opera sobre situações imprevisíveis, cujos desdobramentos dependem da interação entre múltiplos agentes. Essa característica exige dos profissionais a construção de esquemas operacionais que permitam administrar a instabilidade. A periodização tática, nesse contexto, não se reduz a uma técnica de treino, mas se insere como instrumento organizador da atividade, constituindo parte do dispositivo de gestão da prática (Pivetti, 2020; Almeida; Saorín, 2021).

A dimensão do trabalho no futebol está ancorada em processos de racionalização que incluem tanto os meios de produção do desempenho quanto os modos de subjetivação dos agentes. O técnico, ao organizar o treino, define objetivos, escolhe métodos, avalia condutas e

institui valores, atuando como gestor da conduta dos jogadores. Esse papel de mediação exige um domínio técnico-científico, mas também capacidade de composição ética e política das relações no interior do grupo. O trabalho, nessa perspectiva, não é apenas técnico, mas também relacional e normativo (Freire, 2021; Oliveira et al., 2021).

A normatividade que rege o trabalho no futebol é operada por meio de documentos, regulamentos, códigos internos e rotinas operacionais. No entanto, sua efetividade depende da capacidade dos agentes de interpretar, ajustar e aplicar essas normas em situação. A ergologia oferece um instrumental teórico que permite compreender esse processo como construção situada, no qual o corpo-si do trabalho mobiliza suas competências, saberes investidos e uso de si. O uso de si pelo outro, conforme essa abordagem, evidencia a inscrição da atividade em um campo de intersubjetividade que ultrapassa a dimensão prescritiva da organização (Schwartz, 2011; Muniz; Santorum; França, 2018).

As comissões técnicas ocupam uma posição central nesse processo, pois são responsáveis pela definição das rotinas de trabalho, pela estruturação metodológica do treinamento e pela gestão das relações institucionais. A atividade da comissão não se limita à preparação física e técnica dos atletas, mas envolve o acompanhamento do desempenho, a condução do grupo e a articulação entre diferentes áreas do clube. Essa multiplicidade de funções exige competências diversificadas e domínio sobre instrumentos de análise, comunicação e liderança (Drubscky, 2003; Afonso; Pinheiro, 2011).

Carraveta (2020, p. 79) descreve que “as principais funções das comissões técnicas são formar jogadores, estabelecer as rotinas dos treinamentos e buscar o sucesso competitivo das equipes”. Também são responsáveis pela implantação da metodologia dos treinamentos, disciplina do grupo, classificação e seleção dos jogadores, catequização dos valores competitivos, melhoria do rendimento, dinâmica de jogo, condicionamento físico, técnico, tático e relacional, organização dos treinamentos e das relações internas e externas.

A descrição das funções desenvolvidas no interior do futebol evidencia que o trabalho do técnico é permeado por múltiplas exigências, tanto de ordem objetiva quanto relacional. A estruturação de um modelo de jogo, a definição de estratégias e a preparação para as competições são parte de um conjunto mais amplo de decisões que envolvem leitura de contexto, gerenciamento de recursos e negociação com diferentes instâncias do clube. Essa complexidade exige dos técnicos capacidade de operar sobre variáveis simultâneas e de compor estratégias coerentes com os objetivos institucionais e com a realidade dos jogadores (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Nicolau, 2022).

O trabalho no futebol compreende também instâncias de formação continuada, na medida em que as metodologias de treino e os modelos de gestão se transformam de acordo com as inovações tecnológicas e epistemológicas do campo esportivo. A atualização constante de conteúdos e a incorporação de novos dispositivos exigem que o técnico se mantenha em permanente processo de aprendizagem. Essa exigência introduz uma dimensão formativa permanente na prática, que remete à noção de competência como resultado de processos dialéticos entre prescrição e experiência (Schwartz, 1998; Durrive, 2002).

A organização do trabalho no futebol não é uniforme, sendo atravessada por variações institucionais, culturais e contextuais. As diferentes configurações de clubes, categorias de base, seleções e equipes profissionais imprimem dinâmicas próprias à atividade, o que impõe ao técnico o desafio de ajustar sua prática às condições específicas do ambiente. A articulação entre modelo de jogo, método de treino e estrutura organizacional constitui, assim, uma construção singular, que depende da mediação ativa dos envolvidos em situação (Oliveira et al., 2021; Farias; Soares, 2020).

A prática do técnico de futebol é configurada como atividade situada, na qual as decisões são construídas a partir da articulação entre conhecimentos técnicos, normas institucionais e realidades contingentes. A efetividade das ações não depende apenas da adoção de métodos reconhecidos, mas da capacidade de operar interpretações ajustadas ao contexto. Essa dimensão interpretativa do trabalho aproxima o futebol da concepção ergológica da atividade humana, segundo a qual o agir profissional é atravessado por arbitragens contínuas e pela reconstrução situada das normas (Trinquet, 2010; Scherer et al., 2022).

O trabalho no futebol constitui, portanto, um campo de atuação profissional que articula elementos técnicos, institucionais, metodológicos e subjetivos. A análise dessa prática exige a consideração da complexidade de suas determinações e da capacidade dos agentes de mobilizarem competências situadas para responder às exigências da organização e do jogo. A ergologia oferece uma perspectiva teórica adequada para compreender essas dinâmicas, permitindo que a atividade do técnico seja interpretada como produção de saber, construção normativa e mediação coletiva da prática (Schwartz; Durrive, 2021; Gomes; Abrahão; Vieira, 2006).

2.2.2 O trabalho do técnico de futebol

O técnico de futebol ocupa uma posição estratégica no interior da estrutura organizacional dos clubes e instituições esportivas. Sua atuação não se limita à condução das sessões de treino ou à orientação das equipes em competição, mas abrange um espectro

ampliado de atribuições que envolvem planejamento, tomada de decisão, análise de desempenho, gerenciamento de grupos e articulação institucional. A centralidade desse profissional decorre da necessidade de organização racional da prática esportiva, articulada à obtenção de resultados e à valorização dos ativos do clube (Carravetta, 2021; Bragatti; Henriqson, 2021).

A função técnica se configura como atividade complexa, na qual se exige o domínio de conhecimentos táticos, metodológicos, fisiológicos, estatísticos e relacionais. A preparação da equipe demanda a organização sistemática dos conteúdos de treino, a leitura das condições físicas e emocionais dos atletas, bem como a adaptação constante do modelo de jogo às exigências contextuais. Essa multiplicidade de variáveis inscreve o trabalho do técnico em um campo de alta complexidade, que exige deliberação contínua e capacidade interpretativa (Pivetti, 2020; Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015).

O técnico atua sobre um conjunto de normas antecedentes que estruturam a prática, mas que não se impõem de maneira absoluta. As decisões tomadas no cotidiano do trabalho exigem mediação entre prescrições institucionais, metas organizacionais, expectativas da comissão técnica e as singularidades de cada grupo de atletas. Essa mediação remete à concepção ergológica de atividade, segundo a qual o corpo-si age a partir da interpretação e da renormalização das normas que orientam sua ação (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2022).

A constituição do modelo de jogo, sob responsabilidade do técnico, representa a materialização de um conjunto de concepções teóricas, metodológicas e operacionais. Esse modelo, embora formalizado, depende de sua contínua reconstrução diante dos resultados obtidos, das observações empíricas e das exigências dos adversários. A organização racional do trabalho do técnico pressupõe, portanto, a articulação entre planejamento e improvisação, entre estrutura e contingência, entre prescrição e reinvenção (Tobar, 2018; Oliveira et al., 2021).

A prática do técnico é marcada por uma tensão permanente entre o domínio conceitual e a gestão do imprevisível. Mesmo os planos mais rigorosamente desenhados estão sujeitos às variações introduzidas pelo jogo, pelos comportamentos dos atletas e pelas decisões da arbitragem. A gestão desses elementos exige a constituição de uma competência situada, que não se reduz ao saber formal, mas se produz na atividade e pela atividade. Essa concepção aproxima a atuação técnica da noção ergológica de uso de si, em que o profissional compromete seu corpo, saber e julgamento em cada ação (Schwartz, 2011; Viegas, 2013).

No plano relacional, o técnico exerce liderança sobre um grupo heterogêneo de indivíduos, com trajetórias, expectativas e disposições distintas. A condução dessa coletividade exige a construção de vínculos, a institucionalização de rotinas, a resolução de conflitos e a

mediação de interesses. A relação entre técnico e atleta não se esgota na instrução, mas envolve processos comunicacionais, éticos e pedagógicos. Essa dimensão relacional da atividade impõe ao técnico competências interpessoais e sensibilidade organizacional (Carravetta, 2021; Medina, 2021).

Além da gestão interna da equipe, o técnico também responde por demandas externas, que envolvem a relação com dirigentes, imprensa, patrocinadores, torcedores e instâncias reguladoras. Essas interlocuções exigem posicionamento institucional, domínio da linguagem pública e compreensão dos dispositivos legais que regem a profissão. A dimensão política do trabalho do técnico, nesse aspecto, amplia seu escopo de ação para além do campo esportivo, inserindo-o na lógica de governança do futebol (Ferreira, 2021; Brasil, 2023).

O técnico opera como elo entre o planejamento estratégico do clube e a execução prática do jogo. Sua atuação traduz os objetivos organizacionais em diretrizes operacionais para o grupo de atletas. A função de mediação que exerce exige capacidade de análise, interpretação tática, observação de desempenho e reconfiguração constante das estratégias adotadas. A organização do trabalho, sob sua responsabilidade, envolve desde a preparação das sessões de treino até a composição do banco de reservas, passando pela análise de vídeos, reuniões técnicas e estudos do adversário (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Nicolau, 2022).

A formação do técnico exige um processo sistemático de qualificação, que envolve cursos oficiais, certificações, estágios e formação continuada. A complexidade da prática requer atualização constante, dada a velocidade com que se transformam os paradigmas do jogo, os modelos de periodização e os métodos de análise de desempenho. A produção de conhecimento técnico, nesse cenário, torna-se elemento constitutivo da prática, o que reforça a condição do técnico como trabalhador do conhecimento (Pessanha et al., 2023; Medina, 2021).

A atuação do técnico também está condicionada aos recursos disponíveis, às estruturas organizacionais e às condições institucionais de trabalho. A infraestrutura de treino, o acesso a tecnologias de monitoramento, a equipe multidisciplinar de apoio e o tempo disponível para preparação influenciam diretamente a capacidade de implementação do modelo de jogo. A gestão dessas condições materiais compõe o campo de responsabilidade do técnico, que deve conciliar ideal metodológico e realidade institucional (Oliveira et al., 2021; Cruz et al., 2022).

As dimensões ética e pedagógica da atuação do técnico incidem diretamente sobre a constituição dos seres em formação. A prática profissional envolve a institucionalização de valores, a mediação de normas de conduta e a produção de identidades coletivas no grupo. O técnico atua como agente formador, sendo responsável pela internalização de princípios e pela

constituição de comportamentos compatíveis com a lógica da equipe. A pedagogia do jogo, nesse sentido, é elemento constitutivo do exercício técnico (Freire, 2021; Gel, 2020).

A prática do técnico também deve ser compreendida à luz das exigências de desempenho impostas pelas organizações esportivas. A avaliação constante dos resultados, a rotatividade no cargo e a pressão por vitórias introduzem uma lógica de instabilidade na atividade, que exige habilidades de gestão do tempo, de pressão e de expectativa. A manutenção do posto de trabalho está diretamente associada à performance observável da equipe, o que imprime um regime de controle sobre o exercício da função (Galdino; Wicker, 2024; Marturelli Júnior; Oliveira, 2023).

O técnico é também responsável por interpretar dados provenientes de diferentes fontes – scoutings, softwares, relatórios médicos, análises biomecânicas – e convertê-los em informação operável. Essa competência técnica exige domínio de ferramentas digitais, compreensão estatística e capacidade de transposição para a prática. A análise do adversário, o controle de carga, a prevenção de lesões e a análise do comportamento tático são atividades que integram o cotidiano da função e demandam saberes diversos (Aquino; Petiot, 2022; Medina, 2021).

A figura do técnico, portanto, não pode ser reduzida à caricatura do estrategista à beira do campo. Trata-se de um profissional inserido em uma rede institucional complexa, que atua sobre múltiplas dimensões – tática, física, emocional, política e pedagógica – e que responde por resultados que dependem da composição de múltiplas variáveis. A análise ergológica permite reconhecer que a prática do técnico constitui uma atividade plena, situada e inacabada, que se realiza por meio da deliberação contínua e da renormalização de prescrições (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2022).

A abordagem da atividade de trabalho do técnico no futebol, por essa via, revela um campo de estudo que articula teoria e prática, prescrição e experiência, normatividade e inventividade. O técnico atua sobre um cenário em constante mutação, no qual sua legitimidade é construída a partir dos efeitos observáveis de suas decisões. A racionalidade de sua prática é sempre situada, articulando saberes instituídos, experiências acumuladas e respostas ajustadas às demandas concretas do jogo (Schwartz, 2011; Durrive, 2002).

2.2.3 Periodização tática, a ferramenta de construção do modelo de jogo

A formulação metodológica da periodização tática emerge como resposta às limitações dos modelos convencionais de organização do treinamento esportivo, centrados em cargas físicas isoladas e desvinculados da lógica interna do jogo. Desenvolvida no contexto do futebol de alto rendimento, essa proposta redefine os fundamentos da preparação, ao posicionar o jogo

como eixo estruturante de todos os conteúdos. A partir dessa lógica, os elementos físicos, técnicos e cognitivos não são trabalhados de forma compartimentalizada, mas integrados ao comportamento coletivo da equipe em situação de jogo (Pivetti, 2020; Tobar, 2018).

A centralidade do modelo de jogo na periodização tática implica a substituição da ideia de forma esportiva por uma concepção de operacionalização estratégica. A construção desse modelo, concebido pelo técnico, define os princípios norteadores das sessões de treino, a sequência pedagógica das tarefas e os comportamentos táticos desejados. O planejamento, nesse sentido, não visa um pico de rendimento baseado em cargas fisiológicas, mas a consolidação progressiva de padrões coletivos de atuação que conferem identidade à equipe (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Oliveira et al., 2021).

A periodização tática se manifesta por meio do morfociclo padrão, entendido como o intervalo entre dois jogos — tipicamente uma semana (domingo a domingo ou domingo a quarta a domingo) — no qual são aplicados estímulos de treino distintos a cada dia. Essa organização visa otimizar a relação entre desempenho e recuperação, garantindo que os atletas alcancem os jogos em seu nível ótimo de rendimento, por meio da vivência dos princípios de jogo que estruturam o Modelo de Jogo da equipe. A coerência entre o plano de treino e o comportamento tático desejado é condição para que o treinamento produza transferência efetiva para a competição. Essa coerência metodológica é um dos diferenciais do modelo frente às abordagens anteriores (Almeida, 2016; Pivetti, 2012).

A singularidade da periodização tática reside na inversão metodológica que ela propõe: em vez de partir da fisiologia para depois alcançar o jogo, parte-se da lógica do jogo para organizar a sobrecarga, os estímulos e as tarefas. A carga de treino, portanto, deixa de ser medida exclusivamente em parâmetros biomecânicos ou metabólicos e passa a ser analisada também em função da complexidade das situações propostas. Essa mudança epistemológica reposiciona o técnico como planejador da aprendizagem tática, em vez de apenas regulador de volume e intensidade (Oliveira et al., 2021; Tobar, 2018).

O modelo pressupõe uma concepção sistêmica do jogo, na qual os comportamentos não são vistos como somatório de ações individuais, mas como manifestações de uma organização coletiva. A assimilação dessa organização requer, por parte dos jogadores, compreensão dos princípios do modelo, dos conceitos táticos instituídos e da lógica relacional entre setores. O treino, nesse contexto, cumpre a função de instituição progressiva dessa lógica, sendo o espaço privilegiado de construção do jogo da equipe (Freire, 2021; Medina, 2021).

A operacionalização do modelo exige a definição clara dos princípios gerais, operacionais e específicos que compõem a estrutura tática. Os princípios gerais referem-se a

conceitos amplos, como manter a posse ou recuperar rapidamente após a perda; os operacionais envolvem padrões de movimentação e reação; os específicos dizem respeito à identidade do modelo proposto. A delimitação desses princípios é condição para que os jogadores compreendam as expectativas do treinador e para que o treino atue como vetor de institucionalização do modelo (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Drubsky, 2003).

A periodização tática também reconfigura a lógica das cargas. Ao integrar os aspectos táticos, técnicos e físicos em uma única tarefa, modifica-se o conceito tradicional de sobrecarga. A intensidade não é mais determinada apenas por variáveis externas, mas pela complexidade cognitiva da tarefa, pela exigência de tomada de decisão e pela densidade de informação. Essa perspectiva exige dos profissionais domínio de princípios pedagógicos, conhecimentos táticos e sensibilidade para ajustar as demandas em função do momento da equipe (Pivetti, 2020; Almeida; Saorín, 2021).

A metodologia exige planejamento minucioso e contínuo acompanhamento do processo. O técnico precisa estabelecer metas para cada sessão, organizar o conteúdo em ciclos coerentes e avaliar a evolução da equipe. As observações feitas nos jogos alimentam o processo de replanejamento, configurando uma lógica de retroalimentação entre jogo e treino. Essa circularidade reforça a natureza processual da construção do modelo, que não se encerra em um plano estático, mas se atualiza permanentemente (Tobar, 2018; Oliveira et al., 2021).

A adoção da periodização tática também implica mudanças na organização da comissão técnica. A colaboração entre setores – fisiologia, preparação física, análise de desempenho, psicologia e nutrição – passa a ser mediada pelo modelo de jogo. Cada área contribui com informações e intervenções alinhadas aos princípios definidos pelo treinador. Essa integração transversal exige comunicação fluida, partilha de objetivos e disposição para ajustes coletivos. O técnico, nesse arranjo, assume o papel de articulador metodológico (Carravetta, 2021; Ferreira, 2021).

O sucesso da aplicação da periodização tática depende da clareza conceitual e da fidelidade metodológica do treinador. A fragmentação ou incoerência entre os conteúdos pode comprometer a assimilação do modelo, tornando o treino disperso ou contraditório. A consistência entre os princípios defendidos e as tarefas propostas exige domínio do método e reflexão crítica constante sobre a prática. A metodologia não opera como fórmula, mas como racionalidade organizadora da aprendizagem tática (Pivetti, 2020; Nicolau, 2022).

A introdução dessa abordagem demanda também processos formativos nos clubes, uma vez que nem todos os atletas possuem trajetória compatível com os pressupostos da metodologia. A assimilação do modelo exige capacidade cognitiva, domínio técnico e

disponibilidade tática. O treino, nesse caso, também cumpre a função de nivelamento, ao desenvolver nos jogadores a leitura sistêmica do jogo e a adaptação ao comportamento coletivo. O técnico precisa, portanto, diagnosticar o nível de compreensão do grupo e adaptar o processo conforme a resposta obtida (Freire, 2021; Medina, 2021).

A periodização tática propõe um olhar epistemológico sobre o jogo, no qual os conceitos não são apenas operacionais, mas fundantes da prática. O treino deixa de ser sequência de atividades isoladas e passa a ser projeto formativo, articulado à identidade desejada para a equipe. Essa concepção impõe ao técnico a função de gestor do conhecimento aplicado, cuja tarefa é promover a coerência entre ideia e execução. A prática pedagógica passa a ser expressão de um conceito, e não apenas de uma repetição mecânica (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Drubsky, 2003).

O modelo também impacta na avaliação do desempenho. As métricas tradicionais baseadas em volume e intensidade perdem centralidade frente à análise dos comportamentos táticos e à observação da aplicação dos princípios. O sucesso do treino passa a ser medido pela capacidade da equipe de reproduzir os comportamentos desejados nas situações reais de jogo. Isso exige redefinir os critérios de eficácia, adotando indicadores táticos e cognitivos como referências principais (Aquino; Petiot, 2022; Oliveira et al., 2021).

A especificidade da periodização tática exige, por parte dos clubes, uma reorganização institucional. A contratação de profissionais alinhados à proposta metodológica, a adaptação dos ciclos de competição e a revisão das práticas formativas são medidas necessárias à implementação do modelo. A resistência institucional, quando existente, pode comprometer o processo. A compatibilidade entre modelo metodológico e cultura organizacional é elemento que deve ser considerado no planejamento da intervenção técnica (Cruz et al., 2022; Bragatti; Henriqson, 2021).

A aplicação da periodização tática transforma a figura do técnico em arquiteto do jogo. Sua atividade passa a ser estruturada por um projeto, que articula intencionalidade pedagógica, coerência tática e controle metodológico. A prática do treino torna-se expressão material de uma concepção estratégica, cuja eficácia depende da fidelidade entre pensamento e execução. O treinador deixa de ser executor de rotinas e passa a ser construtor de lógica tática integrada (Pivetti, 2020; Tobar, 2018).

A implementação da periodização tática exige, do ponto de vista pedagógico, que os conteúdos do treino respeitem uma progressão de complexidade. O planejamento deve considerar a capacidade da equipe de absorver conceitos, a familiaridade com os princípios táticos e a evolução na execução dos comportamentos desejados. Essa progressividade

pedagógica assegura que o desenvolvimento das ações coletivas não ocorra de forma aleatória, mas em conformidade com uma lógica metodológica que respeita os ciclos de assimilação do grupo (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Nicolau, 2022).

A dinâmica do jogo contemporâneo impõe aos técnicos a necessidade de desenvolver respostas metodológicas que permitam treinar sob as condições mais próximas da realidade competitiva. A periodização tática incorpora essa exigência ao eliminar a fragmentação tradicional entre treino físico e treino técnico-tático, propondo atividades integradas em que as demandas do jogo estão sempre presentes. Tal abordagem não só otimiza o tempo de preparação, como também potencializa a transferência entre o treino e a atuação em competição (Pivetti, 2020; Tobar, 2018).

Ao se posicionar como ferramenta para construção do modelo de jogo, a periodização tática transfere ao treinador a responsabilidade pela coerência estrutural de todo o processo de preparação. Essa função exige articulação entre os conteúdos propostos, os comportamentos esperados e os princípios do jogo a serem institucionalizados. A desconexão entre essas dimensões compromete a identidade da equipe e a clareza dos jogadores quanto às condutas desejadas. O treinador, assim, torna-se o responsável pela integridade conceitual do processo (Oliveira et al., 2021; Almeida; Saorín, 2021).

A atividade de controle e avaliação dos comportamentos táticos desenvolvidos nos treinos demanda o uso de instrumentos analíticos que permitam identificar padrões, desvios e níveis de assimilação do modelo. A análise de desempenho tático, realizada por meio de softwares, registros audiovisuais e observação direta, torna-se parte fundamental da retroalimentação do processo de ensino-aprendizagem. Esses dados, ao retornarem à comissão técnica, subsidiam ajustes e decisões metodológicas (Aquino; Petiot, 2022; Medina, 2021).

A construção da identidade de jogo da equipe, por meio da periodização tática, está diretamente vinculada à clareza dos conceitos táticos operados. Os jogadores precisam reconhecer, compreender e aplicar tais conceitos nas diversas fases do jogo, o que implica um processo contínuo de institucionalização por meio das tarefas de treino. A clareza conceitual, nesse sentido, é uma exigência não apenas didática, mas estratégica, pois permite reduzir a margem de improvisação descoordenada e aumentar a consistência coletiva (Tobar, 2018; Drubsky, 2003).

A assimilação do modelo de jogo não ocorre de forma uniforme em todos os atletas, exigindo da comissão técnica atenção às singularidades de aprendizagem. Diferenças cognitivas, experiências prévias, características culturais e níveis de maturação interferem na velocidade e profundidade da incorporação dos comportamentos desejados. A metodologia

deve, portanto, prever mecanismos de adaptação, acompanhamento individualizado e ajustes pedagógicos, de modo a permitir que o grupo alcance os padrões mínimos de funcionamento coletivo (Freire, 2021; Cruz et al., 2022).

A relação entre a periodização tática e o desempenho competitivo revela-se não como correlação mecânica, mas como construção processual. Os efeitos da metodologia só se tornam visíveis quando o processo é conduzido com fidelidade, continuidade e tempo. As interferências institucionais, a rotatividade de jogadores e a instabilidade do cargo técnico podem comprometer essa consolidação. A durabilidade dos vínculos entre comissão e elenco é variável relevante para a construção efetiva do modelo de jogo (Marturelli Júnior; Oliveira, 2023; Ferreira, 2021).

A abordagem da periodização tática, ao priorizar a lógica do jogo sobre os condicionantes físicos isolados, redefine o papel da preparação física. Os profissionais dessa área passam a atuar como articuladores das cargas integradas, em vez de organizadores de sessões específicas. A sobrecarga física torna-se derivada da complexidade das tarefas táticas, sendo regulada por ajustes metodológicos internos ao próprio treino. Essa reorganização exige, dos preparadores físicos, nova compreensão epistemológica e adaptação profissional (Pivetti, 2020; Afonso; Pinheiro, 2011).

A introdução da periodização tática nas categorias de base requer cuidados metodológicos específicos. A compreensão dos conceitos táticos por jovens atletas depende do nível de desenvolvimento cognitivo e da capacidade de abstração. Por isso, a introdução da metodologia deve ser graduada, com atividades de complexidade crescente, e conduzida por treinadores qualificados para atuar com formação inicial. O objetivo, nesse caso, é formar jogadores com inteligência tática e capacidade de adaptação a diferentes modelos (Freire, 2021; Nicolau, 2022).

A prática metodológica sustentada na periodização tática insere o técnico como produtor de conhecimento em sua atividade. A análise do próprio trabalho, a elaboração de tarefas, o acompanhamento dos resultados e a sistematização das aprendizagens constituem elementos de uma prática reflexiva, compatível com a concepção ergológica de atividade. O treinador se posiciona como corpo-si que delibera, compõe e transforma prescrições, ao invés de mero executor de planos predefinidos (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2022).

A institucionalização da periodização tática como padrão metodológico demanda uma cultura organizacional que valorize o processo e compreenda os tempos de maturação da equipe. Essa compreensão nem sempre é compatível com a lógica imediatista da indústria do futebol, o que impõe desafios ao trabalho do técnico. A mediação entre o tempo pedagógico e

o tempo institucional é um dos dilemas mais recorrentes no processo de implementação do modelo (Galdino; Wicker, 2024; Carravetta, 2021).

A abordagem metodológica pressupõe também dispositivos de formação continuada para os profissionais envolvidos. A complexidade conceitual da periodização tática, sua base epistemológica e suas implicações operacionais exigem atualização permanente. O compartilhamento de saberes entre comissões técnicas, o estudo de casos, a produção científica e os programas de capacitação devem compor a política institucional dos clubes que adotam a metodologia (Cruz et al., 2022; Pessanha et al., 2023).

A integração entre os diferentes setores do clube em torno do modelo de jogo representa uma das potencialidades da periodização tática. A padronização de conceitos, a unificação de linguagem e a clareza metodológica favorecem a coesão entre departamentos. O resultado é uma organização mais eficiente, capaz de operar com alinhamento entre o planejamento estratégico e a prática operacional. O treinador, nesse contexto, cumpre papel de liderança conceitual (Ferreira, 2021; Bragatti; Henriqson, 2021).

A prática da periodização tática possibilita também a formalização da prática profissional do técnico, por meio de registros metodológicos, planos de treino, relatórios de desempenho e arquivos audiovisuais. Essa documentação permite não apenas a continuidade do trabalho, como também a avaliação dos processos formativos e a constituição de memória metodológica. A formalização contribui para a institucionalização do conhecimento e para o fortalecimento da identidade metodológica do clube (Oliveira et al., 2021; Medina, 2021).

A adoção da periodização tática como ferramenta de construção do modelo de jogo configura um avanço metodológico na racionalização do trabalho do técnico no futebol. Sua estrutura integrada, sua coerência conceitual e sua orientação pedagógica permitem transformar a preparação da equipe em um processo formativo contínuo, fundamentado em princípios do jogo e ajustado à realidade competitiva. A consolidação da metodologia, no entanto, exige compromisso institucional, domínio técnico e clareza estratégica por parte dos treinadores e das estruturas que os sustentam (Tobar, 2018; Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015).

3 A ERGOLOGIA COMO CHAVE INTERPRETATIVA DA ATIVIDADE DO TÉCNICO DE FUTEBOL

Nesta seção, são apresentados os fundamentos da abordagem ergológica, com ênfase na noção de normas antecedentes e nos conceitos de uso de si por si e pelo outro. Essa seção

introduz as contribuições de autores como Yves Schwartz, Louis Durrive e Pierre Trinquet, com vistas a fundamentar a análise do trabalho do técnico como atividade situada que se realiza em constante debate com prescrições históricas, institucionais e operacionais. Por fim, a última seção discute a interseção entre as normas antecedentes e o trabalho do técnico de futebol na formulação do modelo de jogo, examinando como tais normas informam, condicionam e são reconfiguradas na dinâmica da atividade técnica.

3.1 A abordagem ergológica e o lugar das normas antecedentes na atividade de trabalho

A análise da atividade de trabalho a partir da ergologia pressupõe uma ruptura com leituras que a reduzem a mera execução de tarefas prescritas. Essa perspectiva considera o trabalho como produção situada, inseparável do ser que o realiza, e se distingue de abordagens centradas na racionalização externa da conduta. O agir é entendido como produção deliberativa em constante tensão com o prescrito. A noção de trabalho, nessa abordagem, é concebida não como conjunto de atos operatórios previamente definidos, mas como construção singular, atravessada por escolhas, arbitragens e renormalizações. A ergologia, nesse sentido, constitui um campo teórico e prático que se propõe a analisar o trabalho a partir do ponto de vista do trabalhador, deslocando o foco da norma para a atividade (Schwartz; Durrive, 2021; Viegas, 2013).

A ergologia, ao se constituir como campo analítico próprio, não se limita a estender as categorias da ergonomia clássica, mas propõe uma inflexão conceitual. Enquanto a ergonomia consolidou a distinção entre trabalho prescrito e trabalho real, tomando como base a comparação entre o que é definido antecipadamente e o que é efetivamente executado, a ergologia desloca o foco para os modos pelos quais o corpo-si compõe sua atividade a partir de prescrições anteriores. Essa abordagem introduz a noção de normas antecedentes como elementos historicamente instituídos, com os quais o trabalhador estabelece uma relação de negociação contínua. Essas normas não são comandos deterministas, mas referências simbólicas, técnicas e operacionais, que exigem interpretação, ajuste e renormalização (Trinquet, 2022; Durrive, 2011). A análise ergológica, assim, não se funda na oposição entre o que se prescreve e o que se faz, mas na observação dos processos deliberativos pelos quais o agir se constitui como prática situada.

A noção de normas antecedentes expressa, portanto, a historicidade das prescrições, sua dimensão normativa e seu potencial de renormalização. Diferente do modelo funcionalista, que interpreta o trabalho como adequação entre tarefa e desempenho, a ergologia enfatiza o conflito

constitutivo entre norma e atividade, compreendendo o agir como resultado de deliberações situadas. A ação profissional é concebida como espaço de arbitragem contínua, na qual o trabalhador realiza escolhas a partir de possibilidades e restrições dadas, mas nunca totalmente determinadas (Schwartz, 2011; Muniz; Santorum; França, 2018).

As normas antecedentes não se limitam ao conteúdo normativo explícito, pois englobam dispositivos simbólicos, técnicos e culturais incorporados à história da prática. O trabalhador, ao se engajar na situação, mobiliza não apenas os dispositivos prescritos, mas também saberes tácitos, experiências acumuladas e valores subjetivos. Esse engajamento introduz a possibilidade de reinvenção, de transgressão produtiva e de elaboração singular da tarefa. A atividade, nesse sentido, é sempre resultado de uma composição original entre o instituído e o vivido, entre a norma e sua reinvenção (Durrive; Schwartz, 2008; Trinquet, 2010).

A abordagem ergológica exige, portanto, um ponto de vista sobre a atividade, segundo o qual o trabalho deve ser interpretado como processo dinâmico de uso de si por si e pelo outro. Essa concepção rompe com a ideia de trabalho como objeto externo ao ser, compreendendo-o como espaço de investimento de corporeidade, subjetividade e julgamento. A escolha da ergologia como referencial teórico permite, assim, compreender a singularidade do agir técnico no futebol como uma prática que articula conhecimento, estratégia e renormalização constante (Schwartz; Durrive, 2021; Scherer et al., 2022).

Sobre o termo ergologia, enquanto prática de formação que vê o trabalho a partir de um ângulo original, Durrive (2021, p. 31), esclarece que:

[...] o prefixo ergo vem de uma palavra grega que significa ação, trabalho, obra. Aponta para a energia vitalidade daquele que trabalha; ênfase não está no trabalho visto por uma pessoa exterior. Aí está o ângulo sob o qual abordamos o trabalho: colocamo-nos tanto quanto possível do ponto de vista daquele que trabalha. Nós nos centramos sobre a relação que a pessoa estabelece com o meio no qual ela está engajada.

A singularidade da abordagem ergológica reside justamente na recusa da dissociação entre corpo-si e trabalho. A análise não se limita à descrição do gesto técnico, mas busca compreender os debates de normas que se instauram nas situações de atividade. Cada trabalhador, ao agir, confronta prescrições, ajusta parâmetros, julga prioridades e toma decisões. Essa confrontação constitui o núcleo da atividade, revelando que o trabalho não é execução mecânica, mas produção de sentido e de ordem (Durrive, 2002; Schwartz, 1998).

A centralidade do conceito de debate de normas na ergologia confere densidade analítica à atividade do técnico de futebol, permitindo interpretá-la como prática que envolve composição entre exigências institucionais, prescrições formais e condições situacionais. O

técnico não executa simplesmente um plano tático, mas age sobre um campo de variáveis instáveis, no qual precisa renormalizar continuamente suas estratégias. A atividade técnico-tática, nesse sentido, pode ser compreendida como um espaço de deliberação sobre normas em presença (Schwartz; Durrive, 2021; Viegas, 2013).

O conceito de uso de si opera como chave explicativa para compreender a mobilização do corpo, da linguagem e da inteligência prática nas situações de trabalho. Essa mobilização não é neutra, pois implica a inscrição subjetiva do trabalhador na atividade. A renormalização da norma é sempre singular, pois carrega os traços do trabalhador que a opera. Essa perspectiva permite compreender a atividade como criação, como produção de soluções originais a partir de condições limitadas. A norma, nesse contexto, deixa de ser imposição absoluta e passa a ser objeto de arbitragem (Trinquet, 2022; Schwartz, 2011). Neste aspecto, Trinquet (2022, p. 65) defende que:

Em toda atividade, o homem se projeta, se imprime, e marca esta atividade com suas características pessoais, e a assina. Portanto, a maioria das pessoas, inclusive os próprios trabalhadores, está convencida que o trabalho seja algo simples. Daí resulta a maior parte de nossas dificuldades de compreensão, conhecer, organizar, prevenir, formar e administrar a atividade laboriosa.

A ideia de assinatura da atividade remete à autoria do trabalhador sobre seu agir. Essa autoria não significa autonomia plena, mas sim a composição de margens de manobra dentro de um campo normativo e técnico delimitado. A ergologia propõe, assim, que se compreenda o trabalho como um campo de ação situado, no qual se produzem gestos, mas também sentidos. O trabalhador age sobre o mundo e sobre si mesmo, sendo a atividade espaço de construção de identidade e de elaboração coletiva (Durrive, 2011; Schwartz, 2014).

A análise da atividade técnica no futebol, sob o olhar ergológico, permite interpretar a elaboração do modelo de jogo como prática deliberativa, na qual o técnico opera com normas antecedentes, mas as ressignifica em função das condições da equipe, das exigências da competição e das possibilidades táticas disponíveis. Essa operação exige conhecimento, mas também julgamento, sendo o resultado de um processo de renormalização situado. A atividade do técnico, assim, é constituída por conflitos normativos e decisões arbitradas (Pessanha et al., 2023; Trinquet, 2022).

A relação entre norma antecedente e renormalização não é de oposição, mas de continuidade tensiva. As normas oferecem referência, mas não garantem aplicação. A aplicação exige interpretação, ajuste e escolha. Essa escolha, por sua vez, implica responsabilidade, pois define os caminhos possíveis da atividade. O técnico, nesse sentido, atua sobre um campo

aberto de possibilidades, no qual sua ação não é mero reflexo, mas composição ética e política (Schwartz; Durrive, 2008; Trinquet, 2010).

O reconhecimento da normatividade como componente da atividade de trabalho do técnico permite compreender essa prática como atravessada por prescrições, experiências e valores, inserida em contextos específicos de atuação. A ergologia, ao introduzir o conceito de normas antecedentes, amplia o campo de análise e permite compreender os processos de construção do agir em sua complexidade. Essa ampliação é indispensável para analisar a atividade do treinador de futebol, cuja prática exige deliberação contínua, negociação de limites e composição de soluções diante do imprevisível (Schwartz, 2011; Trinquet, 2022).

A contribuição conceitual de Schwartz (2014) com o termo corpo-si aprofunda a compreensão da experiência de trabalho ao ancorá-la na corporeidade e na subjetividade. A atividade não se reduz a operações físicas, mas expressa decisões, arbitragens e julgamentos que se inscrevem no corpo daquele que age. O conceito explicita que a tensão entre o uso de si por si e o uso de si por outrem não é abstrata, mas encarnada, vivida como experiência que mobiliza valores, estratégias e renormalizações.

Schwartz (2014, p. 3) afirma que:

[...] o trabalho como uso de si é um corpo-si. Com efeito, o essencial nessa fórmula, o debate de entre o uso de si por si e o uso de si por outros, a inevitável arbitragem, e, portanto, a presença de valores que possibilitam as escolhas resultantes das dramáticas em termos de recentramentos, renormalizações, investem e se infiltram nos circuitos hierarquizados do agir que há no nosso corpo.

A dramatização da atividade ocorre justamente quando o trabalhador é impelido a responder a situações que rompem com a regularidade das sequências prescritas. Essas interrupções exigem julgamento, escolha e reposicionamento, inaugurando novas possibilidades de ação. A ergologia identifica esse movimento como fundante da atividade humana, pois é nesse momento que se manifesta o agir criativo, singular e situado. O trabalho, nesse aspecto, não é reprodução, mas produção de novas formas de se relacionar com o meio e com os outros.

Schwartz (2008, p. 4) descreve que:

Na origem, um drama individual ou coletivo, tem lugar quando ocorrem acontecimentos que quebram os ritmos das sequências habituais, antecipáveis, da vida. Daí a necessidade de reagir, no sentido de tratar esses acontecimentos, fazer uso de si. Ao mesmo tempo, isto produz novos acontecimentos, por conseguinte, transforma a relação com o meio e entre as pessoas. A situação é então matriz de variabilidade, matriz de história porque engendra outros possíveis em razão das escolhas a fazer (micro escolhas) para tratar os acontecimentos. A atividade aparece então como uma tensão, uma dramática.

A dramaticidade da atividade, enquanto categoria analítica da ergologia, permite compreender os momentos de escolha como instâncias estruturantes do agir. Nesses momentos, o trabalhador é confrontado com dilemas, incertezas e limitações, sendo obrigado a deliberar sobre alternativas possíveis. Essa deliberação incorpora valores, saberes, experiências e afetos, compondo a atividade como processo ético e político. O trabalho do técnico de futebol, nesse sentido, deixa de ser neutro e se configura como campo de disputas normativas.

A noção de norma antecedente, como categoria ergológica, refere-se às prescrições que antecedem a ação, mas que não a determinam inteiramente. Essas normas são caracterizadas por sua anterioridade e anonimato. Existentes antes do agir individual, elas foram produzidas por outros seres e não consideram, a priori, a singularidade daquele que delas se apropriará. A atividade se constitui, portanto, como reinterpretação dessas normas, efetuada por um corpo-si situado, que age no presente e enfrenta o desafio da atualização das prescrições herdadas.

Segundo Durrive e Schwartz (2008, p. 8):

As normas antecedentes definem-se em relação ao agir humano, a partir de duas características: a anterioridade e o anonimato. Isso significa duas coisas: primeiro, elas existem antes da vida [industrial] coletiva que tornaram possível; seguidamente, elas não tomam em consideração a singularidade das pessoas que vão estar encarregues de agir e se instalarão no posto de trabalho (tanto quanto esta noção seja válida). Ora, se a atividade é efetivamente a forma humana da vida, ela está sempre ancorada no presente (impossível viver em vários lugares ao mesmo tempo, ou em vários tempos) e reenvia sempre a alguém, um corpo-si singular (impossível viver por procuração). Por consequência, a atividade corresponde a um ensaio sempre renovado de alguém único, que volta a agir numa configuração do presente das normas ao mesmo tempo anteriores ao agir e anônimas. Assim, nele levando a contradição a um certo grau, as normas antecedentes tornam possível a atividade humana.

As normas antecedentes não desaparecem diante da ação singular, mas são incorporadas, tensionadas e redimensionadas pelo trabalhador. O que a ergologia propõe é que essas normas são condições da atividade, mas não sua essência. Elas possibilitam o agir, mas não o esgotam. A atividade aparece, assim, como reinterpretação contínua das prescrições, sendo o trabalhador aquele que reinstala, transforma ou suspende as normas que orientam sua prática.

Essa perspectiva tem implicações relevantes para a compreensão do trabalho do técnico no futebol, especialmente no que se refere à construção do modelo de jogo. O treinador, ao operar com princípios táticos, estratégias e rotinas, atua sobre um campo de normas antecedentes que foram instituídas por escolas metodológicas, experiências históricas e referências culturais. Sua ação não consiste em aplicar essas normas, mas em deliberar sobre sua pertinência, sua adaptação e sua resignificação diante do contexto da equipe e das condições concretas de competição.

A deliberação sobre normas é constitutiva da prática do técnico, pois cada decisão envolve arbitragem entre prescrições diversas, interpretações possíveis e objetivos estratégicos. A ergologia permite compreender que o modelo de jogo não é uma estrutura fechada, mas resultado de escolhas operadas por um indivíduo engajado, que age sobre um campo de possibilidades e limitações. As normas táticas, nesse sentido, são antecedentes, mas não são determinantes: tornam possível o agir, mas não substituem a atividade.

A ergologia oferece, assim, um instrumental analítico que permite desnaturalizar a prática do treinador, ao mostrar que seu trabalho não é mera reprodução de padrões, mas composição situada entre história, experiência e valores. A norma antecedente é ponto de partida, mas a atividade é ponto de chegada. Entre esses dois polos, instala-se o debate de normas, o uso de si e a criação de novas formas de agir. A análise ergológica torna visível o invisível da atividade, revelando suas dimensões éticas, corporais e cognitivas.

No campo do futebol, onde impera a busca por resultados imediatos, a compreensão da atuação do técnico como espaço de deliberação normativa permite revalorizar o processo formativo. O treinador que opera com consciência ergológica entende que sua prática exige mais do que domínio de conteúdos: exige capacidade de julgar, de ajustar e de transformar. A renormalização permanente é o que permite responder à complexidade do jogo, à singularidade da equipe e às exigências do desempenho.

Essa perspectiva também implica reconhecer os limites das prescrições institucionais. O plano tático, o cronograma de treinos, os protocolos de análise de desempenho são formas normativas que não esgotam a realidade da prática. O agir técnico sempre excede o plano, pois a atividade incorpora o inesperado, o contingente e o imponderável. O técnico, ao enfrentar essas situações, reinventa o que foi prescrito, compondo soluções que não estavam previstas.

A abordagem ergológica não se opõe à racionalidade, mas propõe uma racionalidade situada, na qual o conhecimento técnico é articulado à experiência, ao corpo e ao julgamento. O técnico opera com conceitos, mas também com sensibilidades. Ele age em um campo de forças, onde as escolhas têm consequências e onde cada decisão é marcada pela presença de valores. A atividade de trabalho do técnico, nesse sentido, é espaço de produção de sentido, de responsabilização e de autoria.

A análise da atividade do técnico sob a ótica da ergologia permite afirmar que o modelo de jogo não é produto de aplicação linear de princípios, mas resultado de um processo deliberativo, situado e singular. A norma antecedente oferece horizonte, mas não destino. O que se realiza no treino e no jogo é uma síntese provisória entre prescrição e realidade, entre regra

e exceção. O técnico, como corpo-si da atividade, responde às exigências do presente com aquilo que a história e a experiência lhe permitem criar.

A inserção do conceito de norma antecedente na análise do futebol não se reduz a um deslocamento terminológico. Trata-se de reconhecer que o agir técnico está sempre em tensão com prescrições herdadas, cujos sentidos devem ser atualizados. Essa atualização é a atividade. A ergologia, ao oferecer essa chave de leitura, possibilita compreender o trabalho do treinador como espaço de invenção normativamente situado. Essa abordagem recoloca o técnico como agente do jogo, e não como executor de sistemas.

3.2 Normas antecedentes e o trabalho do técnico de futebol na construção do modelo de jogo

A incorporação do referencial ergológico à análise da atividade do técnico de futebol permite reconhecer, no interior do seu agir cotidiano, a presença de um campo normativo pré-existente, historicamente construído e socialmente estabilizado, que se materializa sob a forma de prescrições explícitas e implícitas. Esse campo, na concepção ergológica, é composto pelas chamadas normas antecedentes, que, embora anteriores à atividade propriamente dita, não atuam como determinantes absolutos do agir, mas sim como elementos a serem tensionados, ressignificados e, muitas vezes, renormalizados pelo trabalhador em situação (Durrive; Schwartz, 2008; Trinquet, 2022).

A dimensão tática deve ser compreendida como o centro do processo de ensino-aprendizagem no futebol, assumindo um caráter organizativo, multidimensional, intencional e consciente. Essa centralidade se manifesta na interdependência entre metodologia para compreensão tática, princípios de jogo e modelos de jogo, os quais devem ser adaptados às diferentes faixas etárias e às especificidades dos jogos esportivos coletivos de invasão. No entanto, no contexto específico do futebol, tais normas e estruturas táticas não existem no vácuo: elas se expressam em distintos níveis, nos modelos de treinamento historicamente consolidados, nos padrões de jogo institucionalmente legitimados, nas tradições táticas vigentes, nos regulamentos esportivos, nas práticas disseminadas em centros de formação de treinadores e, ainda, nas expectativas culturais atribuídas à figura do técnico. Ao atuar sobre esse campo, o treinador mobiliza sua experiência, conhecimento e julgamento para ajustar, contestar ou mesmo subverter determinadas prescrições, em favor de soluções táticas que sejam coerentes com a realidade do elenco e com o contexto competitivo. (Scaglia, 2011).

Essa dinâmica não pode ser compreendida como simples aplicação mecânica de saberes técnico-táticos previamente formulados. Trata-se, antes, de um processo deliberativo e situado,

no qual o treinador, como corpo-si, atua sobre um presente normativo instável, realizando uma série de arbitragens entre diferentes possibilidades operacionais. A construção do modelo de jogo, nesse sentido, não é um ato de transposição técnica, mas uma atividade que requer interpretação das normas antecedentes à luz de fatores contextuais, históricos, simbólicos e estratégicos (Schwartz; Durrive, 2021; Almeida; Saorín, 2021).

A ergologia oferece, portanto, um instrumental teórico que permite deslocar a análise da dimensão puramente descritiva do planejamento tático para uma abordagem que considera a variabilidade do trabalho real. Essa perspectiva se mostra particularmente produtiva para compreender como os treinadores compõem sua prática a partir de um repertório normativo que, embora anterior e anônimo, demanda constantemente negociações, deliberações e renormalizações. O modelo de jogo é, assim, resultado de uma atividade que se realiza entre prescrições herdadas e decisões situadas (Trinquet, 2022; Schwartz, 2008).

A presente seção pretende discutir, a partir da categoria de normas antecedentes, o lugar que elas ocupam na constituição da atividade de trabalho do técnico no futebol, especialmente na elaboração de modelos de jogo. Ao considerar as contribuições ergológicas para o campo esportivo, busca-se ampliar a compreensão sobre a prática do treinador, interpretando-a como uma atividade normativa, deliberativa e situada, cuja inteligibilidade depende do reconhecimento da historicidade das prescrições e da singularidade do agir técnico (Durrive, 2011; Viegas, 2013).

3.2.1 Uma primeira aproximação do uso do conceito de normas antecedentes no contexto do trabalho dos técnicos de futebol

A categoria ergológica de normas antecedentes introduz uma chave interpretativa para o exame do trabalho humano como prática situada, inserida em uma trama normativa anterior à ação, mas que não se impõe de forma absoluta. Segundo Durrive e Schwartz (2008), as normas antecedentes são caracterizadas pela anterioridade e pelo anonimato, pois antecedem o ser e foram instituídas por outros agentes que não o atual trabalhador. Essa concepção permite compreender que toda atividade se realiza em tensão com prescrições herdadas que demandam interpretação e ajuste.

No campo do futebol, essa dimensão normativa se manifesta nos referenciais de formação técnica, nas tradições táticas consolidadas e nas expectativas que circulam em torno do papel do treinador. Ao assumir a condução de uma equipe, o técnico se depara com um conjunto de normas que organizam o que se entende como “bom treino”, “sistema eficiente” ou “modelo de sucesso”. Essas prescrições, ainda que não formalizadas em manuais, operam como

parâmetros que delimitam o campo de possíveis da atuação técnica (Pivetti, 2020; Nicolau, 2022).

Trinquet (2022) sustenta que a atividade de trabalho é atravessada por marcas históricas e sociais, sendo que o agir do trabalhador nunca parte do zero, mas se realiza sobre camadas normativas prévias. No futebol, tais camadas incluem as heranças deixadas por escolas metodológicas, o repertório institucional de cada clube e a cultura esportiva que atribui valor a determinadas estratégias em detrimento de outras. O técnico, ao operar nesse contexto, precisa deliberar continuamente sobre a pertinência ou não dessas normas.

A ação técnica no futebol não se reduz à reprodução de um sistema de jogo aprendido em cursos de formação. Cada escolha tática implica uma decisão sobre o uso de determinadas normas antecedentes, muitas vezes não explicitadas, mas interiorizadas ao longo da trajetória profissional. Essa apropriação ocorre por meio da experiência, da socialização em ambientes de treinamento e da observação de práticas consagradas, sendo o treinador simultaneamente produto e agente dessas normas (Durrive, 2011; Schwartz; Durrive, 2021).

A ergologia permite iluminar o processo pelo qual o técnico lida com essas normas antecedentes, compreendendo sua atividade como composição entre saberes prescritos e situações concretas. Ao planejar uma sessão de treino ou definir um modelo de jogo, o treinador não aplica diretamente um conteúdo, mas o ajusta à realidade do elenco, às condições estruturais do clube e às exigências do campeonato. Essa atividade é, portanto, uma renormalização situada das normas antecedentes (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Medina, 2021).

A renormalização não ocorre de forma aleatória, mas orientada por valores, objetivos e conhecimentos incorporados na prática. Segundo Schwartz (2014), o debate de normas é constitutivo da atividade, sendo a deliberação entre o uso de si por si e o uso de si por outrem uma das tensões fundamentais do trabalho. No caso do treinador, essa deliberação se expressa nas escolhas sobre como e quando adotar uma determinada abordagem tática, uma metodologia de treino ou uma estratégia motivacional.

O conceito de corpo-si, desenvolvido por Schwartz (2014), reforça a ideia de que a atividade de trabalho é uma experiência encarnada, atravessada por valores, história e singularidade. O técnico não age como executor de um plano impessoal, mas como corpo-si que se compromete com a ação, interpreta normas, ajusta estratégias e responde às exigências do contexto. Sua prática, portanto, é resultado de uma composição entre o instituído e o vivido, entre o normativo e o contingente.

A historicidade das normas antecedentes confere a elas um conteúdo ideológico e simbólico, que molda tanto a conduta quanto as expectativas sobre a prática. Essas instâncias

produzem um conjunto de expectativas que funcionam como normas antecedentes implícitas, muitas vezes mais eficazes do que prescrições formais. O treinador, ao decidir, precisa considerar essas pressões, ainda que não estejam explicitadas em regulamentos ou protocolos (Carravetta, 2021; Cruz et al., 2022). Ao assumir uma equipe, o técnico ingressa em uma matriz normativa pré-existente, que precisa ser reinterpretada à luz do contexto, dos recursos e dos objetivos esportivos do momento.

A historicidade das normas antecedentes implica que elas carregam não apenas orientações operacionais, mas também valores e visões de mundo. A escolha entre um modelo de jogo ofensivo ou defensivo, por exemplo, pode refletir tanto uma avaliação estratégica quanto uma adesão a um ethos esportivo cultivado institucionalmente. O técnico, ao arbitrar entre alternativas, age também como mediador de sentidos, contribuindo para a reprodução ou transformação dessas normatividades (Freire, 2021; Trinquet, 2022).

Essa mediação de sentidos realizada pelo técnico se concretiza na atividade cotidiana, onde normas antecedentes operam como referências tácitas que orientam decisões, ainda que não se imponham de forma absoluta. Ao planejar uma sessão de treino, definir um sistema tático ou gerir o grupo de atletas, o treinador mobiliza um repertório normativo herdado — composto por tradições formativas, modelos consagrados e expectativas institucionais — que demanda constante interpretação e ajuste. Trata-se de uma prática situada, em que o agir técnico não se limita à aplicação de conteúdos prescritos, mas envolve uma renormalização orientada por valores, experiências e exigências contextuais.

O técnico de futebol, portanto, não atua em um vazio normativo, mas em um campo denso de prescrições, representações e expectativas. A ergologia oferece uma abordagem capaz de reconhecer essa densidade, ao propor que o trabalho não é apenas execução, mas deliberação sobre normas em presença. A atividade do treinador aparece, então, como espaço de composição estratégica, na qual o agir resulta da arbitragem entre normas antecedentes e exigências situacionais (Durrive; Schwartz, 2008; Schwartz, 2011).

A singularidade da atividade técnica reside na capacidade de operar com margens de manobra diante das normas. Mesmo diante de estruturas rígidas ou culturas institucionais cristalizadas, o técnico é chamado a agir, a decidir e a justificar sua prática. Essa margem de liberdade relativa é o que caracteriza a atividade como espaço de responsabilidade e autoria, sendo a renormalização o mecanismo pelo qual o trabalho se atualiza e se realiza como experiência concreta (Trinquet, 2010; Durrive, 2011).

Essa perspectiva permite compreender, ainda, que as normas antecedentes não são apenas limites, mas também condições de possibilidade da atividade. Elas estruturam o campo

do agir, oferecendo referenciais a partir dos quais se tomam decisões. O técnico se apoia nelas para orientar o treino, estruturar as tarefas e planejar os jogos, mas também para, se necessário, contestá-las e transformá-las. A norma, nesse sentido, é elemento dialético da prática (Schwartz, 2014; Viegas, 2013).

Na prática cotidiana, o técnico de futebol lida com normas antecedentes em decisões concretas que exigem interpretação e ajuste. Ao planejar um treino, por exemplo, ele pode optar por reduzir a carga física em função do desgaste do elenco, mesmo que a tradição do clube valorize sessões intensas. Na escolha do sistema tático, pode abandonar o consagrado 4-3-3 em favor de um 3-5-2, mais adequado às características dos jogadores disponíveis. Na gestão do grupo, pode adotar uma postura participativa, contrariando expectativas institucionais de liderança autoritária. Até mesmo ao escalar jovens, das categorias de base, em partidas decisivas, o técnico tensiona normas implícitas que privilegiam a experiência. Esses exemplos revelam que a atividade técnica é marcada por deliberações situadas, nas quais o treinador atua como *corpo-si*, reinterpretando o instituído à luz das exigências do momento.

A análise do exercício profissional do técnico de futebol à luz das normas antecedentes também contribui para desnaturalizar certos discursos sobre desempenho e eficiência. Ao reconhecer que as escolhas do treinador são condicionadas por normas antecedentes e que sua prática se realiza na tensão entre diferentes prescrições, torna-se possível compreender a complexidade do agir técnico para além das métricas de resultado. A eficácia, nesse modelo, depende tanto da estratégia quanto da capacidade de arbitrar sobre o que se herdou (Durrive; Schwartz, 2008; Pessanha et al., 2023).

O conceito de norma antecedente, ao ser aplicado ao campo do futebol, permite, ainda, redefinir o sentido da inovação técnica. Inovar, nesse contexto, não significa abandonar todas as prescrições anteriores, mas reelaborar, reinterpretar e transformar os conteúdos normativos em função de objetivos situados. O treinador que opera nessa lógica não rompe com a tradição, mas a reinscreve em uma prática reflexiva, crítica e estrategicamente orientada (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Drubsky, 2003).

Por fim, a aproximação inicial do conceito de normas antecedentes no contexto do trabalho dos técnicos de futebol revela que a atividade técnica é inseparável de um campo normativo herdado, que se apresenta de forma complexa, ambígua e historicamente situada. A análise ergológica permite reconhecer esse campo como espaço de disputa, criação e responsabilização, no qual o treinador age não apenas como executor, mas como *corpo-si* deliberativo, produtor de sentido e agente de transformação.

O processo de apropriação das normas antecedentes pelo técnico não se limita a uma recepção passiva, mas constitui uma atividade permanente de análise, filtragem e reformulação. A ergologia compreende esse movimento como exercício deliberativo, por meio do qual o trabalhador interpreta normas antecedentes à luz de suas condições concretas de atuação. Trata-se de uma operação que requer julgamento, experiência e domínio técnico, características que configuram o agir profissional como prática situada (Durrive, 2011; Schwartz; Durrive, 2021).

No futebol, essa mediação aparece de forma particularmente intensa na elaboração de estratégias coletivas, como o modelo de jogo. O técnico, ao planejar o funcionamento tático da equipe, atua sobre um conjunto de conteúdos historicamente legitimados, como a organização por setores, a ocupação racional do espaço ou a alternância entre sistemas defensivos e ofensivos. Tais conteúdos, embora codificados em manuais e cursos, só adquirem concretude quando articulados à realidade da equipe e às exigências do calendário competitivo (Pivetti, 2020; Almeida; Saorín, 2021).

A atuação técnica, nessa perspectiva, é indissociável do contexto institucional em que se insere. Clubes, federações, escolas de formação e redes profissionais participam da produção e da difusão das normas antecedentes. Essas instituições definem os parâmetros que orientam o que é considerado boa prática, moldando a ação do treinador por meio de certificações, programas de qualificação e processos de avaliação de desempenho. O técnico, ao mesmo tempo que se apropria desses conteúdos, também os reinscreve em sua prática cotidiana (Carravetta, 2021; Nicolau, 2022).

A singularidade da atuação técnica reside na capacidade de reinvenção diante das normas antecedentes. Segundo Schwartz (2011), a atividade de trabalho se caracteriza por um debate permanente de normas, em que cada decisão implica arbitragem entre diferentes referências. No caso do futebol, esse debate envolve, por exemplo, a escolha entre um sistema tático consagrado e uma inovação estratégica ajustada ao elenco disponível. Essa decisão é, ao mesmo tempo, técnica e ética, pois envolve valores, responsabilidades e efeitos sobre o coletivo.

A historicidade das normas antecedentes implica também que elas não são neutras, mas carregam concepções sobre o jogo, o atleta e o papel do treinador. A reprodução acrítica dessas normas pode conduzir à perpetuação de práticas ineficazes ou excludentes. A ergologia, ao propor a análise do trabalho como espaço de deliberação, possibilita interpretar o técnico como corpo-si capaz de tensionar essas heranças, promovendo deslocamentos metodológicos e epistemológicos na condução do treino e da competição (Trinquet, 2022; Viegas, 2013).

A tensão entre prescrição e ação é constitutiva do cotidiano profissional dos treinadores, especialmente diante de contextos de instabilidade institucional e alta rotatividade. A renormalização de normas torna-se, assim, mecanismo de sobrevivência e de legitimação, permitindo que o técnico componha respostas táticas ajustadas às condições mutáveis de seu ambiente de trabalho. A capacidade de realizar essas composições é uma competência que se constrói na prática e exige reflexão contínua sobre a experiência (Drubscky, 2003; Freire, 2021).

A relação entre normas antecedentes e construção do modelo de jogo revela a centralidade do julgamento técnico como prática situada. O técnico não opera sobre abstrações táticas isoladas, mas sobre um campo de referências que articula saberes institucionais, expectativas externas e dados empíricos. Cada decisão – desde a escolha do esquema tático até a organização da sessão de treino – é mediada por esse campo normativo, sendo a renormalização o dispositivo que garante a aderência da prescrição à realidade concreta (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Cruz et al., 2022).

O conceito de dramaticidade da atividade, elaborado por Schwartz (2008), contribui para compreender a complexidade das situações enfrentadas pelos técnicos. A dramaticidade se manifesta quando o curso esperado da ação é interrompido por contingências imprevistas, exigindo deliberação, reorganização e produção de novos sentidos. No futebol, tais situações ocorrem, por exemplo, com lesões inesperadas, alterações climáticas, mudanças institucionais ou resultados adversos. A capacidade de enfrentar essas situações dramatizadas é um traço distintivo da atividade técnica. Na prática, a dramaticidade da atividade técnica se revela em situações como a lesão de um jogador-chave às vésperas de uma partida decisiva, exigindo a reformulação do esquema tático; ou na demissão repentina de membros da comissão técnica, que obriga o treinador a reorganizar funções e rotinas. Mudanças climáticas que inviabilizam o treino planejado, ou pressões da diretoria por resultados imediatos, também são exemplos de interrupções que demandam deliberação rápida e criativa. Nessas circunstâncias, o técnico mobiliza sua experiência para compor respostas ajustadas, reinterpretando normas e recriando estratégias em tempo real.

Nesse contexto, o técnico age como operador de mediações normativas. Sua prática consiste em julgar o que pode ser mantido, ajustado ou suspenso diante de um presente instável. Essa operação exige articulação entre saberes codificados e intuições construídas na experiência, demandando um saber-fazer que não pode ser reduzido a manuais ou esquemas fixos. A ergologia oferece, assim, uma alternativa analítica às abordagens funcionalistas que tendem a naturalizar o trabalho do técnico de futebol como aplicação de protocolos (Schwartz; Durrieu, 2021; Trinquet, 2010).

A análise ergológica permite também compreender a dimensão política da atividade do treinador. A decisão sobre quais normas adotar, reinterpretar ou abandonar não é apenas técnica, mas envolve disputas de poder, reconhecimento profissional e negociação de espaços institucionais. Ao agir sobre as normas antecedentes, o técnico também transforma o campo em que atua, contribuindo para redefinir os critérios de legitimidade e eficácia no interior das organizações esportivas (Durrive, 2011; Pessanha et al., 2023).

A inserção do treinador em uma cadeia de normatizações não o torna passivo. Pelo contrário, sua capacidade de agir sobre as prescrições revela sua autoria. A norma antecedente é condição da atividade, mas sua atualização depende da inteligência prática do trabalhador. Essa atualização não é feita de forma arbitrária, mas com base em critérios construídos coletivamente na experiência, no diálogo com a equipe e nas exigências do jogo (Schwartz, 2014; Almeida; Saorín, 2021).

A complexidade da atividade do treinador exige que se compreenda sua prática para além da técnica. Ao operar entre o prescrito e o possível, o técnico realiza escolhas que articulam racionalidade, sensibilidade e historicidade. A ergologia, ao reconhecer a presença das normas antecedentes como condição e objeto da atividade, permite interpretar o agir técnico como prática situada, reflexiva e criadora de novas normatividades (Trinquet, 2022; Viegas, 2013).

Essa leitura é particularmente relevante no atual cenário esportivo, marcado pela aceleração dos ciclos de desempenho, pelas exigências de inovação permanente e pela valorização de resultados imediatos. A compressão do tempo e o aumento da exposição pública do treinador intensificam o processo de renormalização, exigindo maior capacidade de gestão das tensões normativas. O técnico, nesse quadro, é chamado a arbitrar sob pressão, realizando deliberações em tempo real e sob múltiplas interferências externas (Medina, 2021; Ferreira, 2021).

A ergologia também contribui para redefinir os processos de formação de treinadores, ao enfatizar que a atividade de trabalho do técnico não se reduz à aquisição de competências operacionais, mas exige a capacidade de deliberar sobre normas em presença. Essa capacidade só pode ser desenvolvida por meio de uma formação que articule teoria e prática, reflexão sobre a experiência e análise da atividade real. O técnico forma-se na práxis, e é nessa práxis que ele constrói sua singularidade profissional (Carravetta, 2017; Nicolau, 2022).

A partir dessa primeira aproximação, torna-se possível afirmar que o conceito de normas antecedentes oferece ao campo do futebol uma chave interpretativa potente para compreender a atividade do treinador. Ele permite analisar o modelo de jogo não como reprodução de

prescrições externas, mas como composição normativa situada. Essa perspectiva reposiciona o técnico como sujeito da prática, cuja atividade é marcada por deliberação, responsabilidade e autoria sobre os sentidos do jogo que constrói com sua equipe.

3.2.2 Influências das normas antecedentes nas decisões, estratégias técnicas no planejamento e construção do modelo de jogo em equipes esportivas

A incorporação das normas antecedentes no contexto do futebol revela-se determinante na constituição das decisões técnicas que organizam o planejamento estratégico e a estruturação do modelo de jogo. Conforme Durrive e Schwartz (2008), as normas antecedentes constituem um patrimônio histórico e técnico anterior à atividade, que se apresenta ao trabalhador como referência normativa a ser interpretada e ajustada. No caso do técnico de futebol, esse patrimônio manifesta-se em esquemas táticos, métodos de treino e tradições esportivas já legitimadas, que condicionam suas escolhas sem, no entanto, as esgotarem.

As decisões táticas, embora apresentadas em termos operacionais, são sempre precedidas por valorações normativas herdadas da trajetória profissional do treinador, das instituições formadoras e do ambiente esportivo em que está inserido. Trinquet (2022) argumenta que essas valorações não se apresentam como comandos explícitos, mas como “modos de ver” inscritos na cultura do trabalho. O técnico, ao projetar um modelo de jogo, não o faz a partir de um campo neutro, mas com base em referenciais que carregam historicidade e anonimato.

A construção de estratégias táticas pressupõe, assim, uma seleção entre alternativas normativamente disponíveis. Essa seleção é orientada por elementos como a cultura do clube, o perfil dos jogadores, a experiência acumulada e as exigências do torneio. Segundo Teoldo, Guilherme e Garganta (2015), a modelagem do jogo de uma equipe se realiza pela articulação entre princípios gerais da organização coletiva e decisões situadas, tomadas em função de variáveis contextuais. As normas antecedentes operam, nesse processo, como horizonte de sentido e como limite estruturante.

A capacidade de compor decisões a partir de normas antecedentes exige do treinador o exercício de uma competência deliberativa, que não se reduz ao domínio de conteúdos técnicos. Trata-se da habilidade de arbitrar entre prescrições herdadas e exigências concretas, mobilizando conhecimento tácito, experiência e análise situacional. Schwartz (2011) observa que essa arbitragem é marcada por dramaticidade, pois cada escolha implica também uma renúncia e a assunção de riscos no processo de renormalização da norma.

No planejamento tático, as normas antecedentes se expressam de maneira particular nas referências utilizadas para a organização do treino e para a definição das prioridades estratégicas. A escolha de um sistema de marcação, a intensidade das cargas de trabalho ou a centralidade de determinados setores do campo são decisões que derivam de conceitos táticos herdados, ensinados nas formações oficiais e validados em práticas anteriores. Carravetta (2021) aponta que o conhecimento acumulado na trajetória do treinador condiciona essas escolhas, ainda que não determine inteiramente sua aplicação.

O técnico de futebol, ao compor sua estratégia, também atua sobre representações que circulam socialmente sobre o que é considerado um modelo de jogo eficaz. Essas representações, alimentadas por comentaristas, dirigentes e torcedores, influenciam indiretamente a seleção das normas antecedentes que orientarão a prática. Segundo Cruz et al. (2022), o ambiente comunicacional do futebol funciona como instância de normatização simbólica, promovendo determinados estilos em detrimento de outros e configurando uma moldura para o julgamento da eficácia técnica.

Essa influência simbólica reforça a necessidade de compreender a atuação técnica do treinador de futebol como uma prática interpretativa. A normatividade antecedente oferece repertório, mas exige que o técnico selecione, ajuste e justifique suas escolhas com base na singularidade do seu grupo de trabalho. Viegas (2013) salienta que a ergologia permite interpretar essa prática como atividade de recomposição normativa, na qual o agente age sobre heranças para produzir novas formas de organização da ação.

A estruturação de um modelo de jogo, por conseguinte, é o resultado de uma operação técnica e política, na qual o treinador articula prescrições institucionais, expectativas externas e conhecimento situado. O uso de esquemas táticos clássicos, como o 4-3-3 ou o 3-5-2, por exemplo, carrega consigo tradições normativas que foram naturalizadas ao longo da história do futebol. Ao adotar ou rejeitar essas estruturas, o técnico realiza um julgamento que ultrapassa o plano técnico e se inscreve na disputa simbólica por legitimidade profissional (Pivetti, 2020; Drubsky, 2003).

A multiplicidade normativa demanda do técnico competência para compor coerência tática a partir de prescrições divergentes. As normas antecedentes funcionam como critério de julgamento, sendo frequentemente utilizadas por analistas, diretores e imprensa para avaliar o desempenho do treinador. Schwartz e Durrive (2021) apontam que a atividade só se realiza no confronto com julgamentos externos, o que reforça a dramaticidade da decisão técnica. Cada escolha do treinador é passível de questionamento, sendo a justificação parte integrante da atividade. O modelo de jogo, como produto da atividade situada, é expressão da deliberação do

técnico sobre um campo normativo múltiplo e instável, sendo resultado de síntese provisória entre o herdado e o reinventado.

A renormalização das normas antecedentes, portanto, não ocorre apenas no plano da execução, mas também na esfera discursiva, na qual o técnico constrói os sentidos de suas decisões. Essa dimensão exige que ele seja capaz de articular racionalmente suas escolhas, justificando-as perante diferentes interlocutores. Essa articulação não se limita à transmissão de conhecimento, mas envolve negociação de valores, adequação estratégica e produção de sentidos compartilhados (Schwartz, 2014; Nicolau, 2022).

No campo da preparação física e da gestão de cargas, por exemplo, o treinador frequentemente mobiliza referências herdadas de escolas metodológicas específicas. A periodização tática, enquanto abordagem contemporânea, tornou-se uma dessas normas antecedentes que orientam a estruturação dos treinos. Segundo Almeida e Saorín (2021), essa metodologia reorganiza os conteúdos de treino com base na lógica do modelo de jogo, o que implica uma reformulação das diretrizes da preparação física tradicional. O técnico, nesse cenário, opera sobre um campo em transformação, onde o antigo e o novo se confrontam.

O processo decisório no futebol, portanto, é sempre marcado pela tensão entre continuidade e ruptura. As normas antecedentes não desaparecem diante da inovação, mas são reconfiguradas na prática. A inovação técnica, nessa perspectiva, é resultado de uma deliberação situada, na qual o treinador atualiza, adapta ou reinterpreta os saberes herdados à luz das necessidades do presente. A ergologia fornece o aparato conceitual necessário para analisar esse processo, evidenciando o trabalho de recomposição normativa implícito nas decisões cotidianas (Trinquet, 2022; Pessanha et al., 2023).

Essa recomposição também está presente na construção da cultura tática da equipe, que não se limita à adoção de princípios gerais, mas exige a criação de dispositivos que organizem a ação coletiva. O modelo de jogo, nesse aspecto, é resultado de uma prática pedagógica na qual o treinador transforma normas abstratas em referências operacionais para os jogadores. Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) destacam que o sucesso dessa transformação depende da capacidade de comunicar, adaptar e consolidar os princípios táticos no cotidiano do grupo.

A atividade técnica, nessa dimensão, é inseparável do trabalho pedagógico. A apropriação das normas antecedentes pelos atletas depende da capacidade do treinador em transformar prescrições táticas em situações concretas de aprendizagem. Esse processo exige mediação constante, sendo a atividade do técnico configurada por ciclos sucessivos de observação, análise, ajuste e intervenção. O planejamento estratégico, nesse sentido, é sempre

provisório, pois se realiza em função da resposta do grupo e das condições materiais de execução (Freire, 2021; Medina, 2021).

O futebol, como campo de prática, impõe ao treinador o desafio de atuar sobre normas que são simultaneamente técnicas, culturais e institucionais. A construção do modelo de jogo, nesse cenário, é uma prática de recomposição normativa, realizada a partir da articulação entre saberes herdados e decisões situadas. A análise ergológica permite compreender essa prática como atividade deliberativa, na qual o técnico age sobre normas antecedentes, ressignificando a partir da complexidade do presente.

A deliberação técnica, entendida como operação reflexiva sobre normas disponíveis, é constitutiva do planejamento tático no futebol. O treinador, ao articular os elementos do modelo de jogo, não apenas decide sobre estruturas de organização espacial, mas também estabelece formas de relação entre jogadores, princípios de movimentação e critérios de tomada de decisão. Tais escolhas derivam da interpretação situada de normas antecedentes, que, embora herdadas, precisam ser reintegradas ao cotidiano da equipe com base em mediações específicas (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2022).

A complexidade da atividade técnica decorre, portanto, da tensão permanente entre estabilidade e variabilidade. Por um lado, o treinador necessita de referenciais estáveis para sustentar sua prática; por outro, deve operar com margens de variação que permitam responder à singularidade de cada situação. A ergologia define essa tensão como espaço de debate de normas, no qual a atividade se realiza como recomposição contínua do que foi prescrito à luz do que se apresenta (Schwartz, 2014; Durrive, 2011).

A construção do modelo de jogo exige, nesse sentido, a capacidade de articular normas de diferentes naturezas: táticas, físicas, relacionais e institucionais. Cada uma delas carrega historicidade, anonimato e força prescritiva, sendo o treinador responsável por compor essas referências em função de critérios situados. A atividade técnica, portanto, não é aplicação de saberes, mas recomposição normativa, que se realiza por meio de deliberações operacionais encarnadas no corpo do trabalhador (Viegas, 2013; Almeida; Saorín, 2021).

O processo de decisão tática também é mediado por dispositivos tecnológicos e informacionais. Análises de desempenho, softwares de mapeamento tático e indicadores de carga de trabalho funcionam como formas contemporâneas de normatização, que oferecem ao treinador novos referenciais para sua prática. Esses dispositivos, ao mesmo tempo que ampliam as possibilidades de análise, também introduzem novos campos de tensão normativa, exigindo do técnico capacidade de arbitragem sobre dados complexos (Cruz et al., 2022; Aquino; Petiot, 2022).

Essas tecnologias operam como normativas de segunda ordem, isto é, como filtros que reconfiguram as prescrições tradicionais com base em métricas atualizadas de desempenho. O treinador, nesse contexto, precisa incorporar esses dados sem perder a capacidade de julgamento prático. A atividade técnica não pode ser reduzida à leitura de gráficos ou tabelas, mas exige integração entre conhecimento técnico, sensibilidade tática e compreensão do grupo. A ergologia permite reconhecer essa integração como forma de deliberação situada (Trinquet, 2010; Schwartz, 2011).

A pluralidade das normas antecedentes presentes na prática do treinador exige, assim, uma capacidade elevada de discernimento, uma vez que muitas delas se apresentam em conflito. A escolha entre priorizar a posse de bola ou o jogo vertical, entre treinos analíticos ou integrados, entre estratégias de controle ou de estímulo, mobiliza diferentes heranças normativas. A deliberação técnica é, então, um exercício de síntese, em que o treinador opera sobre o campo das prescrições para produzir coerência estratégica (Freire, 2021; Pivetti, 2020).

A coerência, nesse caso, não está na repetição de modelos consagrados, mas na capacidade de construir uma lógica interna ao modelo de jogo. Essa lógica deve articular princípios táticos, papéis dos jogadores e dinâmicas coletivas, de forma que a equipe opere com clareza e consistência. A ergologia interpreta essa construção como atividade de normatização viva, em que o trabalhador reinventa o prescrito para dar sentido ao que se faz no presente (Schwartz; Durrive, 2008; Drubscky, 2003).

Essa perspectiva também desloca a compreensão da eficácia tática, que deixa de ser medida exclusivamente pelos resultados em campo e passa a ser analisada em função da capacidade de o modelo de jogo promover consistência interna, adaptabilidade e engajamento coletivo. O treinador, como operador de normas, atua sobre múltiplas escalas da prática, compondo dispositivos que sustentam tanto o desempenho quanto a coesão do grupo (Teoldo; Guilherme; Garganta, 2015; Medina, 2021).

No interior desse processo, as decisões técnicas assumem caráter ético, pois implicam escolhas que afetam o coletivo. A deliberação sobre normas antecedentes, ao envolver valores, responsabilidades e efeitos sobre terceiros, não é neutra. A ergologia reconhece essa dimensão ética como constitutiva da atividade, ao considerar que toda decisão técnica é também uma posição sobre o que se considera adequado, justo ou legítimo em determinado contexto de trabalho (Schwartz, 2014; Durrive, 2011).

Esse caráter ético se manifesta, por exemplo, na escolha de estratégias que priorizam o desenvolvimento do grupo em detrimento de soluções imediatistas, ou na recusa de normas consagradas quando elas não correspondem à realidade do elenco. O treinador, nesse aspecto,

atua como agente de transformação normativa, cuja prática pode ressignificar padrões estabelecidos e inaugurar novas formas de organização do jogo (Almeida; Saorín, 2021; Nicolau, 2022).

A normatividade antecedente, portanto, não se impõe como fatalidade, mas como campo de possibilidades a ser negociado. A atividade técnica consiste justamente nessa negociação, na qual o treinador mobiliza seu corpo-si, seus saberes e sua experiência para compor o presente da ação. Essa composição exige análise, julgamento e intervenção, sendo o modelo de jogo o resultado visível desse processo deliberativo (Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2022).

A especificidade do futebol como prática coletiva e simbólica intensifica a densidade desse processo. Cada norma adotada carrega significados que ultrapassam o plano funcional, mobilizando valores culturais, tradições esportivas e expectativas institucionais. O treinador, ao decidir, atua sobre esses significados, posicionando-se em relação a uma memória coletiva que organiza os sentidos do jogo. A ergologia oferece instrumentos para compreender esse processo como atividade situada em um campo simbólico-normativo (Garganta, 2001; Rinaldi, 2000).

O reconhecimento da função deliberativa da prática técnica permite, ainda, revalorizar o papel do treinador como trabalhador reflexivo. A inteligência técnica não se limita à reprodução de fórmulas, mas se realiza na capacidade de interpretar o contexto, ajustar prescrições e sustentar decisões diante de múltiplas pressões. Essa capacidade, longe de ser espontânea, é construída no tempo, pela experiência e pela reflexão sobre a atividade (Viegas, 2013; Durrive, 2011).

Assim, a ergologia revela que as influências das normas antecedentes no planejamento tático não eliminam a autoria do técnico, mas a condicionam de forma produtiva. A atividade técnica, entendida como espaço de composição normativa, permite compreender o modelo de jogo como produto de escolhas situadas, deliberadas e comprometidas com a realidade do trabalho. Nesse sentido, o treinador se configura como sujeito da ação, capaz de transformar o prescrito em prática significativa (Schwartz, 2014; Pessanha et al., 2023).

A análise ergológica do trabalho do treinador, ao evidenciar o papel das normas antecedentes na construção das decisões táticas, contribui para a superação de leituras reducionistas da prática esportiva. Ao reconhecer o caráter deliberativo, histórico e situado da atividade técnica, esse referencial propicia uma compreensão ampliada do modelo de jogo como produto da negociação permanente entre tradição e inovação, entre herança normativa e invenção estratégica.

4 REVISÃO DE ESCOPO COMO ESTRATÉGIA DE ANÁLISE

A presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão de escopo, delineada metodologicamente com base no modelo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), conforme sistematizado por Tricco et al. (2016). A escolha por essa abordagem decorre da intenção de mapear, organizar e analisar as produções acadêmicas e técnicas que discutem, direta ou indiretamente, as normas antecedentes implicadas no trabalho dos técnicos de futebol. O escopo metodológico compreende, portanto, o levantamento, a seleção e a análise de documentos que abordam os modelos de periodização, estratégias táticas e decisões técnicas como elementos articuladores da atividade do treinador.

A revisão de escopo constitui uma modalidade específica de revisão de literatura cuja função reside na identificação sistemática de estudos relevantes dentro de um domínio temático delimitado. Esse tipo de revisão não se restringe à síntese de resultados empíricos, mas busca mapear o campo de conhecimento, examinar os tipos de evidência disponíveis e reconhecer lacunas que possam orientar futuras investigações. Como destaca Tricco et al. (2016), esse método é especialmente útil quando o objetivo da pesquisa inclui a ampliação da compreensão teórica e o mapeamento de tendências emergentes.

O delineamento metodológico baseou-se na sistematização de procedimentos de identificação, seleção, extração e análise de dados a partir de fontes secundárias. A opção por um estudo de natureza qualitativa e de caráter exploratório permitiu tratar os documentos selecionados não apenas como repositórios de conteúdo técnico, mas como expressões normativas que refletem e estruturam o agir profissional dos treinadores. A revisão, assim concebida, priorizou o exame de produções acadêmicas e técnico-científicas produzidas entre 2016 e 2024.

A pesquisa foi conduzida por um único pesquisador, responsável por todas as etapas do processo: levantamento de fontes, aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, leitura analítica e categorização dos dados. A execução unitária do procedimento buscou assegurar a coerência das interpretações e a manutenção de um padrão uniforme na avaliação dos materiais.

A delimitação temporal adotada para a seleção das fontes – de 2016 a 2024 – teve por finalidade capturar produções recentes, capazes de refletir as transformações ocorridas na prática do futebol profissional e nas teorias de periodização do treino esportivo. Essa escolha permitiu o acesso a modelos mais contemporâneos de construção do jogo e de conceituação do trabalho do técnico, aspectos centrais para a discussão das normas antecedentes na atividade do treinador.

No que se refere ao tipo de fontes consideradas, optou-se por uma composição heterogênea de materiais, incluindo artigos científicos indexados, dissertações, teses, relatórios técnicos emitidos por entidades esportivas e capítulos de livros especializados. Essa diversidade documental viabilizou uma compreensão mais ampla do objeto de estudo, permitindo a articulação entre evidências acadêmicas e proposições oriundas da prática profissional do futebol.

O processo de busca foi realizado em bases de dados científicas, bibliotecas digitais e repositórios especializados. Foram utilizadas como principais fontes de consulta a Scientific Electronic Library Online (SciELO), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Periódicos CAPES, Google Acadêmico e plataformas editoriais vinculadas a programas de pós-graduação em Educação Física e Ciências do Esporte. Além disso, foram acessadas obras disponíveis em acervos de universidades e instituições esportivas.

A estratégia de busca envolveu a combinação de descritores relacionados ao campo temático da pesquisa, tais como: “periodização tática”, “modelo de jogo”, “atividade do técnico de futebol”, “normas antecedentes” e “trabalho prescrito e real”. A combinação desses termos, com o uso de operadores booleanos, possibilitou o refinamento dos resultados e o alcance de uma amostra relevante e coerente com os objetivos da investigação.

A seleção dos estudos seguiu quatro etapas metodológicas articuladas: (1) identificação de fontes; (2) leitura preliminar para triagem inicial; (3) aplicação dos critérios de inclusão e exclusão; e (4) leitura analítica dos textos completos. Essa organização visou à rastreabilidade e à transparência dos procedimentos, conforme recomendações do protocolo PRISMA, adaptado às especificidades das revisões de escopo (Tricco et al., 2016).

Os critérios de inclusão foram estabelecidos a partir da pertinência teórica e metodológica dos documentos com o escopo da pesquisa. Foram incluídos textos que abordassem direta ou indiretamente as atividades dos técnicos de futebol, os modelos de periodização tática, os princípios de jogo e os fundamentos estratégicos do treinamento coletivo. Também foram considerados textos que fizessem referência à análise ergológica ou ao debate sobre normas prescritivas na prática esportiva.

Foram excluídos, por outro lado, os materiais que não tratassem especificamente do futebol, que abordassem práticas esportivas individuais, que se limitassem a análises fisiológicas sem articulação com a prática do treinador ou que não apresentassem fundamentação teórica consistente. Essa delimitação permitiu concentrar a análise em documentos cuja contribuição fosse efetivamente significativa para a compreensão das normas antecedentes no trabalho do técnico.

A coleta dos dados consistiu na extração de informações relevantes dos textos selecionados, com base em um roteiro analítico previamente estruturado. Esse roteiro contemplava, entre outros elementos, a identificação do tipo de publicação, os conceitos operacionais utilizados, os autores de referência, o recorte metodológico adotado e os principais achados sobre o trabalho do técnico de futebol e a construção do modelo de jogo. A sistematização desses dados foi realizada por meio de fichamentos analíticos.

A análise dos dados foi conduzida mediante uma síntese temática, abordagem qualitativa que visa à identificação de padrões e regularidades nas categorias emergentes. Essa técnica permitiu organizar os dados em núcleos de sentido que refletem as diferentes formas de apropriação, interpretação e transformação das normas antecedentes por parte dos técnicos de futebol. A categorização ocorreu de forma progressiva, a partir da leitura analítica e da comparação entre os textos.

Os núcleos de sentido identificados na categorização revelam não apenas a dinâmica de apropriação das normas antecedentes, mas também as formas pelas quais os técnicos ressignificam sua prática diante das exigências do trabalho. Para compreender essa complexidade, recorreu-se à perspectiva de Mendes (2007), que discute o papel da subjetividade e da experiência na construção da atividade profissional. Mendes (2007, p.94), afirma que

Na investigação do processo psicodinâmico, da articulação entre sofrimento, estratégias defensivas e adoecimento, é necessário requalificar o sofrimento no trabalho e reconhecer o intrincamento entre ação, trabalho, sofrimento, dado que uma ação sempre envolve, em sua manifestação, atividade, paixão, motivação (desejo), subjetividade

A atividade do treinador de futebol, assim como outras ocupações profissionais, não se restringe à aplicação de prescrições funcionais, mas se caracteriza como um processo dinâmico de renormalização e deliberação diante das exigências contextuais e das normas antecedentes que estruturam o trabalho. Conforme Mendes (2007), os trabalhadores não apenas executam tarefas predefinidas, mas constantemente reinterpretam e ressignificam suas práticas a partir da experiência acumulada, da interação social e da subjetividade inerente à atividade profissional. Nesse sentido, a análise realizada identificou núcleos de sentido que evidenciam a complexidade da atuação dos técnicos de futebol, incluindo a influência das formações institucionais, a centralidade da vivência na construção do modelo de jogo, as tensões entre prescrição e realidade do treino e os modos de incorporação da periodização tática como ferramenta estratégica. Dessa forma, ao integrar a abordagem ergológica e considerar os mecanismos normativos que atravessam o agir técnico, a pesquisa contribui para a expansão

metodológica no campo das Ciências do Esporte, possibilitando novas articulações interdisciplinares (Mendes, 2007).

A abordagem ergológica foi incorporada como referencial analítico transversal, permitindo interpretar os dados à luz de categorias próprias dessa perspectiva, como normas antecedentes, uso de si, debate de normas e corpo-si. Tais conceitos possibilitaram compreender a prática técnica como uma atividade situada, marcada pela tensão entre prescrições historicamente instituídas e decisões singulares operadas pelo trabalhador em situação. A ação do técnico, assim, foi interpretada não como aplicação de normas prévias, mas como produção de sentidos orientada por julgamentos, renormalizações e investimentos subjetivos (Schwartz; Durrive, 2007; Trinquet, 2022).

A construção das categorias analíticas foi guiada por critérios de coerência interna, recorrência nos dados e relevância teórica. Os documentos foram confrontados entre si, e as convergências e dissonâncias entre os discursos foram registradas, de modo a permitir a composição de um panorama interpretativo consistente e compatível com os objetivos da pesquisa.

O rigor metodológico foi assegurado pela fidelidade aos princípios da revisão de escopo e pela aplicação criteriosa das etapas de busca, seleção e análise. A transparência dos procedimentos adotados permite a reprodutibilidade da pesquisa e a rastreabilidade das fontes, aspectos essenciais em investigações de base documental. O referencial PRISMA, mesmo adaptado às especificidades da temática, serviu como guia metodológico robusto para a condução do processo.

Assim, que a metodologia adotada permitiu identificar, sistematizar e analisar um conjunto significativo de produções que abordam a prática do treinador de futebol sob a ótica da normatividade antecedente. O material coletado e analisado fornece subsídios relevantes para a compreensão da atividade técnica como espaço de deliberação, recomposição normativa e construção situada de modelos de jogo.

5 RESULTADOS DA REVISÃO E PROPOSIÇÕES ANALÍTICAS

A análise realizada nesta pesquisa fundamenta-se na sistematização dos dados obtidos por meio da revisão de escopo, conforme os procedimentos metodológicos delineados no capítulo anterior. A partir do levantamento conduzido entre os anos de 2016 e 2024, observou-se um crescimento significativo da produção acadêmica relacionada ao futebol em periódicos científicos nacionais, com destaque para estudos voltados às dimensões histórico-sociais, técnico-táticas, geográficas e pedagógicas da modalidade. A pluralidade de enfoques confirma a consolidação progressiva do futebol como objeto legítimo de investigação científica no Brasil.

Durante o processo de mapeamento, constatou-se a publicação de artigos em 142 periódicos distintos, sendo que a maioria deles apresentou entre um e dois estudos publicados sobre o tema. A organização temática dessas publicações revelou a existência de 227 linhas de pesquisa associadas ao futebol, com predominância das que tratam de aspectos metodológicos de ensino e treinamento, bem como da análise técnico-tática do jogo. Tais achados demonstram uma diversificação das abordagens e indicam a ampliação das fronteiras epistemológicas que constituem o campo das Ciências do Esporte.

Especificamente em relação à atuação dos técnicos de futebol, as buscas realizadas identificaram 415 estudos com essa delimitação temática, dentre um total de 1.418 artigos sobre futebol indexados na Plataforma Capes. A ênfase recaiu sobre questões relacionadas ao planejamento, à tomada de decisão, à formação profissional e aos métodos de organização do treino, refletindo uma preocupação recorrente com a dimensão pedagógica e estratégica do trabalho do técnico. No entanto, mesmo com essa expressiva produção, verificou-se a ausência de estudos que empreguem o referencial da ergologia como chave interpretativa do fazer técnico.

Complementarmente, foram examinadas bases de dados científicas internacionais e nacionais, como Web of Science, Scopus, SciELO e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, com o intuito de identificar publicações que articulem a ergologia à prática esportiva. Foram localizados 517 trabalhos vinculados à abordagem ergológica, abrangendo diferentes áreas do conhecimento, sobretudo nos domínios da saúde, da educação e do trabalho. Entretanto, nenhum desses estudos estabeleceu correlação entre a ergologia e a atividade dos técnicos de futebol, o que evidencia uma lacuna teórica e metodológica a ser enfrentada.

A ausência de estudos que integrem a ergologia ao campo do futebol, particularmente no que diz respeito ao trabalho do técnico, aponta para a necessidade de construção de um novo campo de problematização que considere os conceitos de normas antecedentes, corpo-si, renormalização e deliberação como dimensões constitutivas da prática técnica. Ao não se

encontrar investigações que explorem esse cruzamento, esta pesquisa propõe-se a contribuir com uma aproximação inovadora, lançando fundamentos analíticos para a compreensão da atividade técnica como espaço de debate de normas, segundo a perspectiva ergológica.

Ao examinar a produção acadêmica sobre futebol em periódicos nacionais, observou-se a diversidade de enfoques, abrangendo dimensões histórico-sociais, técnico-táticas, geográficas e pedagógicas, o que demonstra a consolidação progressiva do tema como objeto legítimo de estudo científico no Brasil. Embora a literatura investigue amplamente aspectos como planejamento, tomada de decisão, formação profissional e métodos de treinamento, não foram identificados estudos que articulassem esses elementos à perspectiva ergológica.

5.1 Panorama da produção científica sobre futebol entre 2016 e 2024

O exame quantitativo da produção acadêmica entre 2016 e 2024 revela um incremento progressivo no volume de publicações científicas que abordam o futebol como objeto de estudo. Conforme os dados sistematizados na Tabela 1, observa-se uma expansão significativa na difusão de estudos que tratam tanto das dinâmicas estruturais do futebol quanto das práticas vinculadas à atuação dos técnicos. A análise longitudinal indica um aumento gradual no número de publicações totais, com maior expressividade nos anos de 2020 a 2023, período em que se intensificaram as discussões sobre inovação metodológica, reestruturação tática e gestão de desempenho no contexto esportivo.

Tabela 1 - Publicações anuais sobre futebol e técnicos (2016–2024)

Ano	Total de publicações sobre futebol	Publicações sobre técnicos de futebol
2016	85	18
2017	97	25
2018	126	34
2019	151	46
2020	173	59
2021	182	64
2022	208	68
2023	230	71

2024	166	30
Total	1.418	415

Fonte: Dados da pesquisa, com base nos critérios da revisão de escopo (2024).

O crescimento da produção científica relacionada ao futebol, especialmente no Brasil, reflete a ampliação do interesse acadêmico sobre as múltiplas dimensões que atravessam esse fenômeno esportivo. O levantamento realizado com base nos critérios da revisão de escopo entre os anos de 2016 e 2024 revelou um total de 415 estudos diretamente associados à atividade do técnico de futebol, inseridos em um universo mais amplo de 1.418 publicações científicas sobre futebol, catalogadas na plataforma da Capes. Esses dados sinalizam a consolidação de um campo de investigação que, embora ainda em expansão, já apresenta subdivisões temáticas bem delimitadas.

As publicações analisadas distribuem-se entre 142 periódicos científicos distintos, com maior concentração em revistas da área de Educação Física, Ciências do Esporte e Ciências Sociais Aplicadas. A maioria dos periódicos apresenta média de uma a duas publicações por ano, o que demonstra dispersão e pulverização da produção, embora indique também a diversidade de enfoques metodológicos e epistemológicos utilizados nas investigações.

A categorização dos estudos resultou na identificação de cinco linhas temáticas predominantes, apresentadas na Tabela 2. Esse agrupamento evidencia a heterogeneidade das abordagens que atravessam a produção científica sobre o futebol, sendo que os aspectos técnico-táticos concentram o maior número de publicações, totalizando 183 estudos. Essa predominância revela uma centralidade conferida à lógica do jogo, à organização das equipes e à atuação dos treinadores em contextos práticos de treinamento e competição.

Tabela 2 - Linhas temáticas das publicações sobre futebol (2016–2024)

Linha temática	Número de estudos
Aspectos técnico-táticos	183
Dimensões históricas e culturais	132
Metodologia de ensino e treinamento	121
Gestão e administração esportiva	87

Fonte: Dados da pesquisa, com base nos critérios da revisão de escopo (2024).

A segunda linha temática com maior incidência refere-se às dimensões históricas e culturais, com 132 publicações, que abordam o futebol enquanto fenômeno social, simbólico e identitário. Tais estudos se concentram em análises sobre o papel do futebol na constituição de subjetividades, na formação de valores sociais e na construção de narrativas nacionais e regionais. Essa linha é seguida pela metodologia de ensino e treinamento, com 121 estudos, que investigam práticas pedagógicas, processos de ensino-aprendizagem e propostas metodológicas aplicadas à formação de atletas em diferentes categorias.

As práticas de gestão e administração esportiva, com 87 registros, integram uma área de crescente interesse, voltada à compreensão das estruturas organizacionais, processos de tomada de decisão, aspectos jurídicos e modelos de governança em clubes, federações e centros de formação. Por fim, a linha relativa às ciências aplicadas ao desempenho, com 76 estudos, articula contribuições da fisiologia, biomecânica, nutrição e psicologia do esporte para a melhoria da performance dos atletas.

A análise das linhas temáticas também evidencia uma lacuna significativa no que diz respeito à incorporação de referenciais das ciências do trabalho, notadamente da ergologia, na abordagem da atividade do técnico de futebol. A ausência de estudos que articulem a noção de normas antecedentes, conforme delineada por Schwartz e Durrive (2007), revela a insuficiência de uma abordagem que considere a atividade de trabalho como processo vivo, situado e confrontado a prescrições heterônomas, tema que será tratado em seções posteriores desta dissertação. Conforme apontado por Pessanha et al. (2023), embora a produção ergológica tenha avançado em diversas áreas, como saúde, educação e administração, sua aplicação ao campo esportivo ainda é incipiente, o que justifica a proposta metodológica aqui desenvolvida.

5.2 Estudos que abordam a atividade do técnico de futebol

A sistematização dos estudos voltados à atividade dos técnicos de futebol permitiu categorizar as abordagens predominantes em quatro eixos analíticos principais: enfoque metodológico, enfoque estratégico, enfoque formativo e enfoque organizacional. Esses eixos foram definidos com base na leitura e interpretação dos objetivos, metodologias e achados de cada estudo incluído na revisão de escopo. A Tabela 3 apresenta a frequência relativa de cada um desses enfoques no conjunto dos 415 estudos identificados.

Tabela 3 - Distribuição dos estudos sobre técnicos de futebol por enfoques analíticos (2016–2024)

Enfoque analítico	Quantidade de estudos	Percentual (%)
Metodológico (modelo de treino, periodização, avaliação tática)	146	35,20%
Estratégico (decisões de jogo, organização tática, adaptação situacional)	112	27,00%
Formativo (formação inicial e continuada, saberes docentes)	93	22,40%
Organizacional (papel na gestão, relação com a comissão, liderança)	64	15,40%
Total	415	100%

Fonte: Dados da pesquisa, com base na análise dos documentos coletados (2024).

A predominância do enfoque metodológico (35,2%) demonstra que a literatura recente tem conferido atenção significativa aos modos de conceber e operacionalizar o treino esportivo no futebol. Nessa perspectiva, a periodização tática, os modelos de jogo e as práticas de avaliação do desempenho têm figurado como objetos centrais de análise. Trabalhos como os de Pivetti (2020), Drubsky (2003) e Oliveira et al. (2021) ilustram essa tendência ao evidenciar as transformações nos paradigmas de treino e o protagonismo do técnico no delineamento das cargas cognitivas e táticas da equipe.

O enfoque estratégico, identificado em 27,0% dos estudos, evidencia uma preocupação teórica com os processos decisórios dos técnicos durante o jogo e nas fases de preparação. Esse eixo analítico se associa à discussão sobre a inteligência de jogo, a leitura situacional e a flexibilidade tática. As contribuições de autores como Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) têm oferecido subsídios para compreender as microdecisões do técnico como mediações entre a preparação antecipada e as contingências do jogo.

Os estudos que se dedicam ao enfoque formativo (22,4%) concentram-se nas condições de formação dos técnicos, tanto em termos iniciais quanto em sua trajetória continuada. A literatura destaca carências estruturais nos processos educativos voltados à profissionalização técnica, bem como a relevância dos saberes experienciais no desenvolvimento das competências profissionais (Portugal; Nazário, 2017; Nicolau, 2022). Tais produções revelam que a formação de treinadores envolve tanto a apropriação de conteúdos teóricos quanto a capacidade de traduzir esses conteúdos em práticas adaptadas ao contexto de atuação.

Por fim, os estudos que adotam o enfoque organizacional (15,4%) examinam a inserção do técnico nas estruturas de governança dos clubes e seleções. Essas pesquisas abordam o papel do treinador na coordenação de equipes multidisciplinares, na mediação entre gestão e performance, e na condução de processos de liderança. Os achados sugerem que, embora o técnico exerça papel central na lógica esportiva contemporânea, sua autonomia está condicionada a fatores institucionais e econômicos que moldam o exercício de sua autoridade (Bragatti; Henriqson, 2021; Carravetta, 2021).

A distribuição dos enfoques revela que a atividade do técnico tem sido analisada sob múltiplas perspectivas, ainda que com predominância das dimensões técnicas e táticas. A escassez de estudos que integram essas dimensões a abordagens compreensivas do trabalho, como a ergologia, reforça a pertinência da presente investigação, que busca explorar os modos de uso de si e a mediação com normas antecedentes no agir profissional do técnico de futebol. A próxima seção, portanto, tratará do panorama das pesquisas que abordam especificamente a normatividade no trabalho, com vistas a identificar a presença – ou ausência – de abordagens ergológicas no campo investigado.

5.3 Levantamento de publicações em ergologia e sua ausência no campo esportivo

A análise dos 415 estudos voltados ao campo do futebol e, mais especificamente, à atividade dos treinadores, revelou uma lacuna significativa no tocante à incorporação de referenciais teóricos que abordem o trabalho sob a perspectiva ergológica. Nenhuma das publicações mapeadas, entre os anos de 2016 e 2024, faz referência direta ou foca no conceito de “normas antecedentes” conforme desenvolvido por Schwartz e Durrieu (2007). A totalidade das produções concentra-se em paradigmas técnico-operacionais, metodológicos e estratégicos, com predominância de abordagens centradas no desempenho, nos modelos de treino e na análise tática.

Essa ausência teórica manifesta-se na recorrente delimitação do trabalho do técnico como conjunto de procedimentos, decisões táticas e práticas pedagógicas, desconsiderando os processos de renormalização, arbitragem de valores e uso de si que caracterizam a atividade em sua densidade subjetiva, coletiva e situada. Mesmo estudos que abordam a formação e os saberes profissionais, como os de Portugal, Nazário e Albuquerque (2022), permanecem ancorados em lógicas descritivas e funcionais, não mobilizando o debate sobre o real da atividade e as contradições vividas pelos indivíduos em situação de trabalho.

A presença de um conjunto expressivo de estudos sobre modelos de jogo, periodização tática e organização do treino, conforme demonstrado nas seções anteriores, evidencia uma

tendência dominante de investigação que privilegia o visível e o prescrito, relegando ao plano marginal o invisível da experiência e a complexidade da atividade. A esse respeito, Schwartz (2011) afirma que o trabalho real é atravessado por dramáticas do uso de si, nas quais o trabalhador negocia, interpreta e transforma prescrições em ação situada, sempre singular e provisória.

Do ponto de vista metodológico, os levantamentos realizados nas bases “Web of Science”, “Scopus”, “Scielo” e “Catálogo da Capes” evidenciaram 517 publicações referenciadas com os descritores “ergologia” ou “normas antecedentes”. No entanto, nenhuma dessas produções estabelece relações com o futebol ou com a atuação de técnicos no contexto esportivo. Isso confirma o ineditismo da presente proposta e sua contribuição potencial ao deslocar o foco da análise para além das estruturas técnico-táticas, incluindo dimensões do trabalho subjetivo e coletivo na construção do modelo de jogo.

A ausência de interlocução entre o campo dos estudos sobre futebol e a ergologia não decorre de uma incompatibilidade teórica entre essas áreas, mas sim da hegemonia de racionalidades técnico-instrumentais na abordagem do desempenho esportivo. Como argumentam Pessanha et al. (2023), a ergologia, ao propor o estudo da atividade como espaço de produção de saberes e de transformação da norma, oferece possibilidades analíticas que permanecem inexploradas em áreas tradicionalmente operacionais, como o esporte de alto rendimento.

Nesse sentido, ao incorporar a noção de normas antecedentes como construtos reguladores anteriores e anônimos que condicionam, mas não determinam, a ação do técnico em sua atividade, a presente investigação propõe uma inflexão teórica relevante. Essa inflexão permite observar os modos de articulação entre o trabalho prescrito pelas instituições do futebol (clubes, confederações, comissões) e o trabalho efetivamente realizado pelos técnicos, considerando as renormalizações cotidianas, as microdecisões e os valores mobilizados no agir.

A escassez de estudos que mobilizem tais referenciais também pode ser entendida a partir da estrutura epistemológica da área esportiva, marcada por forte tecnicismo e pela busca de controle e previsibilidade do rendimento. A ergologia, por sua vez, desafia essa lógica ao propor uma abordagem dialógica, que reconhece a instabilidade, a variabilidade e o caráter vivo das situações de trabalho. Isso confere ao presente estudo uma possibilidade de inovação ao analisar o trabalho dos técnicos de futebol não como execução de rotinas, mas como atividade impregnada de escolhas, valores e tensões.

A ausência de abordagens ergológicas no escopo investigado reforça a pertinência de se construir um campo de interlocução entre a ciência do esporte e a teoria da atividade. A análise

das normas antecedentes no contexto do futebol contribui, assim, para desvelar aspectos ainda não tematizados da ação técnica, ampliando a compreensão sobre o processo de construção do modelo de jogo como espaço de renormalização permanente. Deste modo, a seção seguinte será dedicada à apresentação das contribuições específicas da ergologia ao estudo da atividade dos técnicos de futebol, com ênfase nas relações entre norma, experiência e saber.

5.4 Categorias emergentes a partir da análise temática dos estudos selecionados

A análise temática dos estudos selecionados permitiu a extração de quatro categorias principais, que articularam, de modo relacional, os conteúdos mobilizados pelas publicações. A sistematização dessas categorias baseou-se na identificação de unidades de significado recorrentes, considerando os enfoques metodológicos, conceituais e estratégicos presentes nos estudos. No entanto, tais categorias não foram concebidas como blocos isolados, mas sim como campos interdependentes, que se entrelaçaram na constituição de uma matriz interpretativa da produção científica sobre a atuação técnica do treinador de futebol. Para aprofundar a compreensão desses campos interdependentes, a análise das categorias temáticas foi enriquecida pela perspectiva dos núcleos de sentido. A abordagem da Análise dos Núcleos de Sentido (ANS), conforme proposta por Mendes (2012), buscou identificar unidades de significado recorrentes nos dados, alinhando-se diretamente à estrutura das categorias previamente organizadas. Dessa forma, ao adotar a perspectiva dos núcleos de sentido, foi possível explorar as relações entre os elementos conceituais e estratégicos presentes na literatura, captando com maior precisão as dinâmicas que configuraram a atividade do treinador de futebol.

A primeira categoria identificada diz respeito à formação e saberes profissionais dos técnicos de futebol. Os estudos agrupados neste eixo concentram-se na descrição das trajetórias formativas dos treinadores, nos modos de aquisição de competências e nos dispositivos pedagógicos utilizados em contextos formais e informais. Destacam-se aqui trabalhos que exploram as experiências de aprendizagem dos treinadores no cotidiano dos clubes, bem como a mediação exercida por mentores, cursos federativos e programas universitários. Essa categoria dialoga com o conceito ergológico de “saberes investidos na atividade”, embora sem referenciar diretamente os marcos teóricos da área (Pessanha et al., 2023). As investigações sobre esse tema indicam que a formação dos treinadores resulta de um processo complexo que articula a experiência prática e os conteúdos teóricos adquiridos em ambientes formais. A literatura aponta desafios estruturais nos programas educativos voltados à profissionalização

desses profissionais, reforçando a importância dos saberes experienciais como elemento central no desenvolvimento de suas competências. Sob a perspectiva da ergologia, o conceito de "saberes investidos na atividade" oferece uma chave de análise relevante para compreender esse processo formativo. Esses saberes, longe de serem apenas acumulados passivamente, são constantemente mobilizados, reinterpretados e adaptados pelos treinadores no decorrer de suas práticas. A interação com atletas, os desafios impostos pelo jogo e a necessidade de tomada de decisão rápida fazem com que os técnicos ajustem continuamente seus conhecimentos, transformando normas prescritas em estratégias eficazes e situadas.

A segunda categoria emergente refere-se à gestão do treino e planejamento estratégico do modelo de jogo. Os estudos incluídos nesta categoria abordam as lógicas e os métodos utilizados na construção de dinâmicas táticas, nas escolhas de sistemas de jogo e nas formas de periodização dos treinos. A ênfase recai sobre modelos contemporâneos como a periodização tática e a adaptação de métodos híbridos de preparação física, técnica e mental. Ainda que haja referências ao papel do treinador como agente organizador, os textos não avançam na análise do trabalho enquanto atividade situada, caracterizada por renormalizações contínuas, como propõe a ergologia (Schwartz; Durrive, 2007). A presente pesquisa levantou aspectos a respeito da gestão do treino e o planejamento estratégico do modelo de jogo, identificando os métodos predominantes utilizados na construção das dinâmicas táticas e na escolha dos sistemas de jogo. A revisão da literatura revelou um foco significativo em modelos contemporâneos, como a periodização tática e abordagens híbridas de preparação física, técnica e mental. No entanto, uma análise detalhada desses estudos evidenciou uma lacuna importante na incorporação de aspectos ergológicos na investigação do papel do treinador.

Observamos que, apesar de referências pontuais à atuação do treinador como organizador do processo, os estudos revisados não aprofundam a prática profissional como uma atividade situada, caracterizada por renormalizações contínuas. A ergologia oferece um arcabouço teórico robusto para compreender como os treinadores ajustam e reorganizam suas estratégias de acordo com variáveis contextuais, interações humanas e demandas imprevistas. No entanto, essa perspectiva ainda carece de uma presença consolidada no campo da ciência do esporte.

A análise comparativa entre os modelos de treinamento e os princípios ergológicos sugere que os estudos futuros podem se beneficiar de uma abordagem que integre os dois campos. A ausência de pesquisas que investiguem as dinâmicas reais da tomada de decisão e da adaptação contínua do treinador demonstra uma oportunidade de aprofundamento acadêmico. Além disso, identificar metodologias que permitam captar essas renormalizações no ambiente

de trabalho pode contribuir significativamente para a formulação de diretrizes mais alinhadas com a realidade prática.

A terceira categoria, denominada dimensões relacionais e afetivas da prática técnica, agrupa publicações que investigam a interação entre treinadores, atletas e demais membros da comissão técnica. As discussões sobre liderança, comunicação e regulação de conflitos são centrais neste grupo, que aponta para a complexidade da gestão de pessoas em ambientes de alta pressão e performance. No entanto, os enfoques predominantes mantêm-se alinhados à psicologia do esporte ou à pedagogia do rendimento, carecendo de articulação com perspectivas que considerem a subjetividade do técnico como trabalhador implicado em escolhas de valor, como discute o conceito de *corpo-si* (Schwartz, 2014). Dessa forma, ao reconhecer o técnico como um trabalhador implicado em escolhas de valor, o conceito de *corpo-si* permite uma compreensão mais profunda do trabalho, indo além da mera execução de tarefas para abranger aspectos subjetivos, éticos e estratégicos. Essa abordagem valoriza o saber tácito, fortalece a autonomia e contribui para um maior engajamento profissional. Além disso, impacta diretamente a educação e formação técnica, promovendo currículos mais alinhados com a realidade dos trabalhadores e estimulando práticas mais justas e equilibradas dentro das organizações. Assim, pesquisar essa perspectiva não apenas amplia a visão sobre o trabalho do técnico de futebol, mas também reforça a importância de compreender as dinâmicas de poder, decisão e construção de significado no contexto profissional.

Por fim, a quarta categoria diz respeito à ausência de reflexões sobre normas antecedentes e a dinâmica do prescrito/real na atuação do treinador. Esta categoria não se constitui pela presença de análises específicas, mas sim pela constatação reiterada da omissão de discussões sobre os condicionantes históricos, institucionais e normativos que moldam a atividade do técnico. Em nenhum dos estudos analisados observou-se a mobilização do binômio prescrito/real nem do conceito de normas antecedentes, embora muitas descrições indiretamente revelem a existência de tais tensões. A sistematização desta ausência configura-se como um dos achados mais relevantes da revisão, indicando uma lacuna epistemológica significativa. Dessa forma, a ausência de reflexões sobre normas antecedentes e a relação entre o prescrito e o real na atuação do treinador evidencia uma lacuna epistemológica significativa nos estudos analisados. Embora diversas descrições apontem, de maneira indireta, para a existência dessas tensões, a sistematização dessa omissão configura-se como um dos achados mais relevantes da presente revisão. A não mobilização desses conceitos implica uma visão fragmentada do trabalho do técnico de futebol, desconsiderando aspectos históricos, institucionais e normativos que influenciam diretamente a prática profissional. Assim, este

achado reforça a necessidade de investigações futuras que incorporem tais elementos analíticos, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das condições estruturantes que moldam o exercício da função do treinador e a tomada de decisão em contextos reais de atuação. A Tabela 3, a seguir, resume as categorias temáticas identificadas, com indicação do número de estudos agrupados em cada uma, os enfoques predominantes e a relação (ou não) com referenciais ergológicos.

Tabela 4 - Categorias Temáticas Emergentes na Análise dos Estudos Seleccionados (2016–2024)

Categoria Temática	Quantidade de Estudos	Enfoques Principais	Referência à Ergologia
Formação e Saberes Profissionais	142	Trajetórias formativas, competências, mentoria, cursos de formação	Não
Gestão do Treino e Planejamento Tático	117	Modelos de jogo, periodização, análise de desempenho	Não
Dimensões Relacionais e Afetivas	88	Comunicação, liderança, gestão de conflitos	Não
Ausência de Discussões sobre Normas Antecedentes	–	Não aplicável (categoria negativa)	Não

Fonte: Elaboração própria com base nos dados sistematizados da revisão de escopo (2024).

A estruturação das categorias permite compreender não apenas as recorrências e tendências do campo investigado, mas também o silenciamento teórico em torno de elementos centrais da ergologia. Tal diagnóstico fundamenta a proposta do presente estudo, ao reconhecer na ausência de abordagens ergológicas uma oportunidade de aprofundamento analítico sobre o trabalho dos técnicos de futebol, especialmente no que se refere à construção do modelo de jogo como atividade impregnada de normas, valores e decisões em situação.

5.5 Contribuições e limites da literatura mapeada para o estudo das normas antecedentes no futebol

A análise do conjunto de publicações mapeadas entre os anos de 2016 e 2024 permitiu delinear contribuições significativas da literatura para a compreensão das práticas, métodos e saberes relacionados ao trabalho dos técnicos de futebol. Contudo, também revelou lacunas estruturais no que diz respeito à abordagem conceitual das normas antecedentes e ao reconhecimento da atividade de trabalho do técnico como uma atividade situada, marcada por renormalizações e arbitragens.

Entre as contribuições mais evidentes, destaca-se a consolidação de um campo de investigação sobre a atuação dos treinadores, com ênfase na formação, no planejamento tático e na gestão das equipes. Os estudos evidenciam a valorização da expertise dos técnicos, a incorporação progressiva de modelos como a periodização tática e o uso de metodologias ativas de ensino-aprendizagem no contexto esportivo. Tais achados indicam uma crescente sofisticação dos discursos pedagógicos e técnicos associados à função do treinador, conforme apontado por Pivetti (2020) e Oliveira et al. (2021).

Apesar desse avanço, observa-se que a maior parte da produção mapeada mantém-se ancorada em perspectivas funcionalistas, psicológicas ou tecnicistas, nas quais o treinador é concebido como um gestor de desempenho ou um transmissor de conteúdos táticos. Essa concepção limita a compreensão da complexidade do trabalho do técnico, sobretudo ao desconsiderar as dimensões subjetivas, éticas e situacionais implicadas no agir em contexto. A ausência do par conceitual “prescrito/real” nas análises examinadas evidencia a lacuna teórica em relação à dinâmica concreta da atividade.

Ainda que algumas publicações tangenciem questões relativas ao imprevisto, à criatividade ou à mediação de conflitos, essas temáticas são tratadas como exceções à norma, e não como constituintes estruturais da prática. Em nenhuma das obras analisadas foi encontrado o conceito de normas antecedentes, tampouco menções diretas à ergologia ou à sua matriz francesa. Essa invisibilidade teórica compromete a apreensão das mediações entre história, cultura institucional e escolhas técnicas no interior da função exercida pelo treinador.

Em contrapartida, os dados indicam que há espaço epistemológico e metodológico para o desenvolvimento de investigações ancoradas no referencial ergológico. A recorrente descrição de situações de dilema, adaptação e gestão de incertezas por parte dos técnicos poderia ser relida à luz das noções de corpo-si (Schwartz, 2014) e de dramática da atividade (Schwartz, 2008). Tais conceitos possibilitam compreender o treinador não como operador de protocolos táticos, mas como corpo-si que age sob tensão entre prescrições, normas institucionais e sua própria experiência situada.

Outro aspecto relevante diz respeito à possibilidade de incorporação da noção de uso de si por si e uso de si por outros na análise da atuação do técnico. Essa perspectiva amplia o escopo de compreensão das relações entre autonomia, prescrição e implicação subjetiva, superando as abordagens que reduzem o trabalho do técnico de futebol a um conjunto de competências instrumentais. Nesse sentido, a ergologia permite reconhecer o lugar do treinador como trabalhador imerso em uma organização normativa, mas também como agente de transformação e reinterpretação dessas mesmas normas (Durrive; Schwartz, 2007).

A ausência de estudos que articulem diretamente a ergologia ao futebol, constatada em todas as bases de dados exploradas, reforça o caráter inédito da presente dissertação. Tal constatação, no entanto, não indica a irrelevância do aporte teórico, mas sim a insuficiência da articulação entre campos disciplinares que permanecem relativamente apartados. Essa distância entre os estudos do trabalho e as ciências do esporte pode ser superada por iniciativas interdisciplinares, capazes de integrar epistemologias que valorizam a complexidade da atividade humana, conforme defende Trinquet (2022).

Portanto, a revisão de escopo realizada não apenas evidenciou o estado atual da produção científica sobre o trabalho dos técnicos de futebol, mas também revelou a pertinência e a necessidade de se introduzir novas categorias analíticas oriundas da ergologia. Tal operação teórica não visa substituir os referenciais existentes, mas propor uma ampliação crítica, capaz de articular as normas antecedentes ao cotidiano decisório, pedagógico e estratégico dos técnicos. Trata-se de situar a atividade do treinador no interior das tensões que a constituem, considerando as heranças normativas e os processos de ressignificação que se instauram em cada gesto de organização do jogo.

A análise dos estudos selecionados revelou uma lacuna expressiva na incorporação de referenciais ergológicos para compreensão do trabalho dos técnicos de futebol. Embora haja um crescente interesse pelas práticas profissionais no campo esportivo, a maioria das produções limita-se à descrição técnica de suas funções, ignorando os aspectos subjetivos, normativos e históricos que estruturam suas ações. Conforme argumenta Schwartz (2007), compreender o trabalho humano exige uma abordagem que considere o uso de si pelo corpo-si em sua singularidade e nos modos de arbitragem diante das prescrições que regulam sua prática.

A literatura esportiva analisada entre os anos de 2016 e 2024 demonstrou concentração de investigações sobre os aspectos técnico-táticos e metodológicos da atuação do treinador (Pivetti, 2020; Teoldo, Guilherme & Garganta, 2015). Contudo, são raras as pesquisas que tensionam os dispositivos institucionais, organizacionais e simbólicos que configuram os processos decisórios dos técnicos. Tal ausência metodológica revela a permanência de paradigmas funcionalistas, nos quais o treinador é tratado como operador de modelos e não como trabalhador imerso em uma atividade sujeita a renormalizações permanentes, como propõe Schwartz e Durrive (2021).

Dentre os estudos voltados ao planejamento e à condução de treinamentos, observa-se recorrente referência à periodização tática como ferramenta estruturante do modelo de jogo (Tobar, 2018; Oliveira et al., 2021). No entanto, mesmo esses estudos, embora dialoguem com as dimensões práticas e cognitivas do trabalho do treinador, ainda deixam de problematizar as

tensões entre o prescrito e o real. Segundo Trinquet (2010), é precisamente nesta zona de enfrentamento entre o esperado e o realizado que o trabalhador imprime sua marca, operando escolhas que escapam aos protocolos padronizados.

O conjunto de publicações identificadas também negligencia a dimensão coletiva e histórica das normas que orientam a atuação dos técnicos. De acordo com Durrive e Schwartz (2008), as normas antecedentes são construções sociais e anônimas que precedem o corpo-si, mas que se atualizam em sua atividade através de micro decisões situadas. Ignorar tais dimensões é suprimir o caráter dialógico do trabalho, reduzindo-o a uma sequência operacional desconectada das mediações simbólicas e institucionais que a sustentam.

Mesmo em estudos com abordagem qualitativa, como os de Portugal e Nazário (2022), voltados à formação dos técnicos de futebol, a reflexão sobre os conflitos éticos, os limites institucionais e as pressões mercadológicas permanecem periférica. A ausência de referenciais que valorizem a centralidade do ser na organização do trabalho impede a apreensão da complexidade que caracteriza o cotidiano dos treinadores. Conforme argumenta Clot (2005), compreender o trabalho exige também considerar o que é impedido de ser feito, ou seja, a dimensão dos gestos profissionais bloqueados.

A escassez de abordagens ergológicas indica a necessidade de tensionar a literatura vigente, propondo deslocamentos teóricos capazes de integrar a subjetividade, a experiência e a historicidade como constituintes da atividade do treinador. A contribuição de Schwartz (2014) é determinante nesse sentido, ao conceituar o trabalho como uso de si, em que o corpo-si do trabalhador é mobilizado para responder às contingências do real. Essa perspectiva permite apreender o técnico de futebol não apenas como executor de comandos táticos, mas como sujeito em constante reinterpretação das normas instituídas.

O tratamento conferido às metodologias de ensino-aprendizagem no futebol, conforme discutido por Freire (2021) e Garganta (2001), frequentemente desconsidera o caráter processual, conflitivo e inventivo do trabalho do técnico. A formação de jogadores é tratada como um processo linear e reprodutivo, ignorando a variabilidade e a historicidade que compõem os itinerários formativos dos atletas e dos próprios treinadores. Tal perspectiva reforça uma lógica instrumental que esvazia o papel do técnico enquanto mediador de saberes e organizador de práticas em contextos situados. Nesse sentido, esta pesquisa buscou superar essa limitação ao propor uma aproximação inovadora, incorporando conceitos como normas antecedentes, corpo-si, renormalização e deliberação para interpretar a atividade técnica como um espaço de debate e construção de normas. Dessa forma, ao integrar diferentes referenciais teóricos, este estudo buscou contribuir para a expansão metodológica no campo das Ciências

do Esporte, bem como da Educação Tecnológica, possibilitando novas articulações interdisciplinares.

A categoria “planejamento e execução do modelo de jogo”, identificada na análise temática, remete diretamente à atuação do técnico como gestor de dinâmicas complexas. No entanto, apenas parte dos estudos reconhece a densidade da atividade que antecede a materialização das escolhas táticas. Para Durrive (2011), a atividade não se resume ao que é visível; ela inclui também o deliberado, o hesitante, o não realizado. Essa complexidade demanda novas ferramentas conceituais e metodológicas que permitam capturar a dramaticidade do agir técnico em contextos institucionais.

Outro ponto crítico evidenciado refere-se à baixa problematização das condições de trabalho dos treinadores. Estudos como os de Galdino e Wicker (2024) destacam os efeitos da rotatividade e da pressão por resultados, mas carecem de articulação com os conceitos de sofrimento ético, renormalização e arbitragens subjetivas, conforme proposto pela ergologia. O silêncio da literatura sobre essas dimensões sugere a naturalização de práticas gerenciais que desconsideram a saúde, a subjetividade e a memória profissional dos treinadores.

A ausência da ergologia nas pesquisas revisadas aponta, ainda, para o distanciamento entre os campos da ciência do esporte e das ciências do trabalho. A contribuição de autores como Schwartz (2011) e Trinquet (2022) permite reverter essa tendência, oferecendo recursos teóricos para explorar os modos pelos quais os treinadores compõem com as normas antecedentes, reatualizando-as em situações singulares. Tal abordagem valoriza a experiência como instância produtora de saberes e não apenas como registro empírico.

O confronto entre o prescrito e o real se expressa de modo particular nas escolhas estratégicas dos técnicos diante das contingências das partidas. Estudos que analisam decisões em tempo real, como os de Drubscky (2003) e Pivetti (2020), carecem de arcabouço teórico para compreender os dilemas ético-profissionais que permeiam essas decisões. A teoria ergológica pode oferecer elementos para explorar como tais escolhas se enraízam em histórias de vida, experiências anteriores e pactuações coletivas com atletas e comissões.

A ideia de modelo de jogo, central nas produções sobre periodização tática, também pode ser enriquecida a partir da ergologia. O modelo, embora frequentemente apresentado como plano técnico, é, na prática, uma construção coletiva, marcada por disputas, negociações e compromissos. Como apontam Oliveira et al. (2021), os conceitos táticos operam em articulação com as experiências prévias dos jogadores, o que reforça a necessidade de considerar os saberes incorporados como parte da atividade e não como ruído metodológico.

As limitações observadas na literatura analisada reforçam o argumento de que a complexidade do trabalho do técnico de futebol permanece subexplorada. A ausência de estudos que tematizem a apropriação de normas antecedentes revela um vazio epistemológico importante, especialmente considerando que tais normas, conforme Durrive e Schwartz (2008), condicionam o campo de possibilidades do agir. A produção futura deve se dedicar à elaboração de investigações que considerem a historicidade e a opacidade do trabalho do técnico de futebol.

Por fim, a incorporação da ergologia no estudo do trabalho dos técnicos de futebol oferece a possibilidade de renovar os marcos interpretativos do campo esportivo, articulando-os com questões amplas sobre saúde, subjetividade e produção de normas. A obra de Schwartz (2021) fornece os fundamentos necessários para tal empreitada, indicando que todo trabalho é uma confrontação entre mundos – entre o mundo instituído pelas normas e o mundo vivido por quem atua. Resta à pesquisa científica capturar essa tensão e traduzi-la em conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS SOBRE OS VÍNCULOS ENTRE ERGOLOGIA E FUTEBOL

A presente dissertação teve como propósito compreender os aspectos históricos das normas antecedentes vinculadas ao trabalho dos técnicos de futebol, sobretudo no que tange à construção do modelo de jogo. A abordagem adotada, ancorada na ergologia e fundamentada em uma revisão de escopo conforme os parâmetros do método PRISMA, permitiu delinear um panorama abrangente da produção acadêmica sobre o tema no período de 2016 a 2024. A partir desse levantamento, foi possível identificar lacunas relevantes na literatura científica que, ao negligenciarem o conceito de normas antecedentes, restringem a análise do trabalho dos treinadores às dimensões técnico-táticas e operacionais, desconsiderando os aspectos normativos, subjetivos e históricos que estruturam suas decisões e práticas.

A análise temática realizada evidenciou que, embora o campo das ciências do esporte tenha consolidado diversas abordagens sobre desempenho, periodização e estratégias de jogo, os estudos ainda operam majoritariamente a partir de concepções funcionalistas e prescritivas do trabalho do técnico. A incorporação da ergologia, ao propor o deslocamento do foco do trabalho prescrito para a atividade real, permite aprofundar a compreensão sobre as arbitragens realizadas pelo corpo-si diante de normas anteriores que condicionam, mas não determinam, sua ação. Neste contexto, as normas antecedentes emergem como uma categoria interpretativa potente para a análise do agir técnico, sendo atualizadas por meio de renormalizações sucessivas e singularizadas no corpo-si do trabalhador.

A literatura revisada revelou que, mesmo em estudos voltados à formação profissional, à gestão de clubes e à análise do modelo de jogo, a centralidade do treinador como corpo-si produtor de saberes e gestor da própria atividade encontra-se subexplorada. A atuação técnica do treinador de futebol é geralmente descrita como uma sequência linear de decisões estratégicas, ignorando a dramaticidade que marca a experiência do agir em contextos atravessados por contradições institucionais, dilemas éticos e prescrições normativas herdadas. A ausência de abordagens ergológicas evidencia a necessidade de tensionar os paradigmas dominantes, ampliando os referenciais teóricos utilizados nas pesquisas sobre futebol.

As contribuições da ergologia para os estudos do futebol, e particularmente para a análise do trabalho do técnico, situam-se na possibilidade de compreender a atividade como processo aberto, situado e dotado de historicidade. A proposição de categorias como corpo-si, uso de si por si e por outros, dramática da atividade e renormalização oferece ferramentas conceituais que permitem acessar as zonas de invisibilidade do trabalho, onde se manifestam os conflitos, as estratégias e as escolhas singulares dos profissionais. Ao contrário de modelos

normativos fechados, a ergologia valoriza a imprevisibilidade e a dimensão inventiva da ação humana, reconhecendo o trabalhador como coautor de sua atividade.

Neste cenário, a articulação entre a abordagem ergológica e os estudos sobre periodização tática pode contribuir para a reinterpretação dos modos de construção do modelo de jogo no futebol contemporâneo. A concepção de modelo, longe de ser um esquema abstrato, é uma construção situada, resultante de negociações entre as experiências dos jogadores, as expectativas das comissões técnicas, as imposições institucionais e os limites estruturais do clube. Tal entendimento reforça a importância de considerar as normas antecedentes como dispositivos histórico-sociais que mediam as escolhas do técnico, sendo constantemente reinterpretadas no interior de sua atividade.

Os resultados da pesquisa indicam que há um campo fértil para o desenvolvimento de investigações que articulem a ergologia aos estudos do futebol, especialmente no que se refere à atuação dos treinadores em contextos de alta complexidade. A integração entre os saberes da saúde, da educação, da sociologia do trabalho e das ciências do esporte pode favorecer a constituição de um arcabouço analítico mais robusto, capaz de contemplar a multiplicidade de fatores que atravessam o trabalho do técnico. Tal perspectiva pode também contribuir para o aprimoramento dos processos formativos, ampliando a noção de competência para além da técnica, incorporando a experiência e a capacidade de arbitrar entre normas heterogêneas.

Por fim, esta dissertação aponta para a urgência de inserção de novos referenciais teóricos no campo da pesquisa em futebol, capazes de capturar a complexidade do trabalho em sua dimensão humana, normativa e histórica. A ergologia, ao reconhecer o trabalhador como corpo-si ativo na reinvenção das normas, oferece subsídios teóricos e metodológicos valiosos para a compreensão do treinador de futebol não como operador de modelos, mas como agente que produz, transforma e negocia sentidos em sua prática cotidiana. Os desdobramentos desta investigação poderão servir de base para novos estudos voltados à análise da atividade em contextos esportivos, ampliando as fronteiras do conhecimento sobre o trabalho no futebol.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Rui; PINHEIRO, Valter. **Modelos de periodização convencionais e contemporâneos**. Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, Nº 159, 2011.

ALCÂNTARA, Hélio. A magia do futebol. **Estudos avançados**, v. 20, p. 297-313, 2006.

ALMEIDA, Claudio Emmanuel Simões de; LAURIA, Vinicius Tonon; LIMA, Cristiano de. **Evolução dos esquemas táticos no futebol**. Ano IX - Nº XX- JUL/ - ISSN 1982-646X, 2016,

ALMEIDA, Rodrigo Freire; SAORIN, Jesus Molina. Corpo criativo e eficaz no futebol é mais caosal: perspectivas pautadas na periodização tática sobre a propensão para o ato criativo. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, v. 42, p. 584-594, 2021.

TEOLDO, Israel; GUILHERME, José; GARGANTA, Júlio. **Para um futebol jogado com ideias**. Editora Appris, 2020.

AQUINO, Rodrigo; PETIOT, Grégory Hallé. **Análise de Desempenho no Futebol: Uma visão Sistêmica**. LabSport – Grupo de Pesquisa em Ciência do Futebol. 2022 https://www.researchgate.net/publication/356915599_Analise_de_Desempenho_no_Futebol_Uma_Visao_Sistematica, acesso 13/07/2024.

AREOSA, João. «O mundo do trabalho em (re)análise: um olhar a partir da psicodinâmica do trabalho», *Laboreal* [Online], Volume 15 Nº2 | 2019, posto online no dia 01 dezembro 2019, consultado o 08 janeiro 2024. URL: <http://journals.openedition.org/laboreal/15504>; DOI: <https://doi.org/10.4000/laboreal.15504>

BARBIERI, Elisângela Gonçalves. A educação tecnológica: um conceito em questão no mestrado em educação tecnológica do CEFET-MG. **Trabalho & Educação**, v. 28, n. 3, 2019.

BENITES, Larissa Cerignoni. BARBIERI, Fabio Augusto; NETO, Samuel De Souza; **O futebol: questões e reflexões a respeito dessa “profissão”**. Pensar a Prática 10/1: 51-67, Jan./Jun. 2007.

BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira. **Futebol, o caminho de sua construção**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 18, Nº 183, agosto de 2013

BORGES, Maria Elisa Siqueira ZAMBRONI-DE-SOUZA, Paulo César. Entrevista: Pierre Trinquet e o ponto de vista da atividade em formação profissional e segurança no trabalho. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 149-157, 2010.

BORGES, Maria Elisa Siqueira. Trabalho e gestão de si: para além dos “recursos humanos”. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 7, p. 41-49, dez. 2004.

BRAGATTI, José Augusto; HENRIQSON, Elvio. **Gestão de clubes de futebol**. Publischoba Brasil Editora, Salto-SP, 2021.

BRASIL. Câmara dos deputados. **Lei Geral do Esporte**. LEI Nº 14.597, DE 14 DE JUNHO DE 2023. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2023/lei-14597-14-junho-2023-794299-norma-pl.html>, acesso em 24/05/2024.

CANGUILHEM, Georges. **Meio e normas do homem no trabalho**. Pro-posições, v. 12, n. 2-3 (35-36). jul.-nov. 2001

CARRAVETA, Elio. **Futebol, gestão por competências: o jogo do imponderável** – Porto Alegre: Sulina 2021.

CARRAVETA, Elio. **Futebol: a formação de times competitivos**., Porto Alegre, Editora Sulina, 2020

CARRAVETTA, Elio. **Jogando com os pés, treinando com a cabeça: gestão no futebol** / Elio Carravetta. -- Porto Alegre: Sulina, 2017.

CASTELO. Jorge Fernando Ferreira. **Futebol. Organização e dinâmica do jogo**. Edição: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2ª edição FMH: 2004.

CBF ACADEMY. **CBF Academy: a instituição educacional do futebol brasileiro**. <https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/sobre#:~:text=Uma%20mistura%20entre%20escolas%20de,da%20Confedera%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de%20Futebol>. Acesso em: 04 de jun. de 2024.

CBF ACADEMY. **Técnico de futebol: O que é preciso para virar um profissional no brasil?** <https://www.cbf.com.br/cbfacademy/en-us/noticias/292-tecnico-de-futebol-o-que-e-preciso-para- virar-um-profissional-no-brasil>. Acesso em: 04 de jun. de 2024.

CBF ACADEMY. **Treinador de futebol**. <https://www2.cbf.com.br/cbfacademy/es-es/noticias/287-treinador-de-futebol>. Acesso em: 04 de jun. de 2024.

CRUZ, W. M. da., SANTOS, M. G. dos., D'OLIVEIRA, A., SILVA, B. M. M. e., OURIQUES, I. U., SILVA, L. W. da., & ANDRADE, A. **A Pesquisa sobre o Futebol no Brasil: Análise dos grupos de pesquisa e da produção científica recente**. Movimento, 28, e28057, 2022. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.121749>

DI FANTI, M. da G. C.; BARBOSA, V. F. **Uma entrevista com Yves Schwartz**. *Letrônica*, [S. l.], p. s222-s233, 2016. DOI: 10.15448/1984-4301.2016. s.25359. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25359>. Acesso em: 24 maio. 2024.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; BARBOSA, Vanessa Fonseca. **Uma entrevista com Yves Schwartz**. Letrônica, p. s222-s233, 2016.

DI RUZZA. **Ergologia, Trabalho, Desenvolvimentos**. Renato Di Ruzza, Marianne Lacomblez e Marta Santos (eds). Belo Horizonte: Fabrefactum, 2018

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. Educação e sociedade. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**, v. 27, p. 449-454, 2019.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. <https://dicionario.priberam.org/>, 2024

DRUBSCKY, R. **O universo tático do futebol** - Escola Brasileira, Belo Horizonte. Health, 2003.

DURRIVE, Louis. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. **Trabalho, educação e saúde**, v. 9, p. 47-67, 2011.

DURRIVE, Louis. Formação, trabalho, juventude: uma abordagem ergológica. **Pro-posições**, v. 13, n. 3, p. 19-30, 2002.

DURRIVE, Louis; SCHWARTZ, Yves. **Glossário da ergologia**, Laboreal [Online], Volume 4 Nº1 | 2008, posto online no dia 01 julho 2008, URL: <http://journals.openedition.org/laboreal/11665>; DOI: <https://doi.org/10.4000/laboreal.11665>. consultado o 24 maio 2024.

DURRIVE, Louis; SCHWARTZ, Yves. Glossário da ergologia. **Laboreal**, v. 4, n. Nº1, 2008.

ELIAS, Norbert. **The Symbol Theory**. London: SAGE Publications, 1986.

FALK, Paulo Roberto Alves; PEREIRA, Dyane Paes. **Futebol: Gestão e Treinamento**. Editora Ícone, São Paulo, 2010.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; SOARES, Jean da Silva. **Mediação da Informação no Esporte**: análise da atuação de treinadores de atletas no futebol profissional cearense. Brazilian Journal of Information Science: vol. 14, nº 2, abril-junho, 2020.

FERREIRA, Marcelo. **Um golaço de gestão**: administrando clubes de futebol 1ª edição, Appris, Curitiba, 2021.

FIGUEIREDO, Diego. **A profissionalização das organizações do futebol: um estudo de casos sobre estratégia, estrutura e ambiente dos clubes brasileiros** / Orientador: Antônio Luiz Marques. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. 2011.

FLICK U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Autores Associados, 2021.

GALDINO, M., & WICKER, P. **Uma cultura de restrições**: como as rotatividades de treinadores afetam a equipe de bastidores e o desenvolvimento dos jogadores no futebol profissional. **International Journal of Sports Science & Coaching**, 19 (2), 515-524. <https://doi.org/10.1177/17479541231207704>, 2024.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. **Revisão sistemática da literatura: CONCEITUAÇÃO, PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO**. Logeion: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, RJ, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019.

GARGANTA, Júlio. Futebol e ciência. Ciência e futebol. **Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital**, v. 7, p. 40, 2001.

GEL, Ruy. **Treinadores de Futebol**: Curso Tecnico de Futebol. Edição do Kindle, 2020.

GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. de O. **Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano**. Movimento, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 395–411, 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.41542. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/41542>. Acesso em: 13 jul. 2024.

GOMES, Luciana; ABRAHÃO, Ana Lúcia; VIEIRA, Mônica. Entrevista: Yves Schwartz. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4, n. 2, p. 457-465, 2006.

GONZÁLEZ REY, Fernando; GOULART, Daniel Magalhães, BEZERRA, Marília dos Santos. **Ação profissional e subjetividade**: para além do conceitode intervenção profissional na psicologia Educação (Porto Alegre), v. 39, n. esp. (supl.), s54-s65, dez. 2016.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin; **Educação Tecnológica**: desafios e perspectivas. Cortez editora, São Paulo, 1999.

GUÉRIN, F; LAVILLE, A; DANIELLOU, F; DURAFFOURG, J; KERGUELEN, A. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: A prática da ergonomia. São Paulo; Edgar Blucher; xviii, 200 p. graf. Monografia em português | LILACS | ID: lil-745480, 2001.

HENNINGTON, É. A; CUNHA, D. M; FISCHER, M. C. B. **Trabalho, educação, saúde e outros possíveis**: diálogos na perspectiva ergológica. Trabalho, Educação E Saúde, 9, 5–11. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400001>, 2011.

HENRIQSON, Elvio; BRAGATTI, José Augusto. **Gestão de Clubes de Futebol**. Publischoba Brasil Ed. Salto, SP - 2021.

HOLZ, E. B., & BIANCO, M. de F. **Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho**. Cadernos EBAPE.BR, 12(spe), 494–512. 2014

JUNIOR, Nelson Kautzner Marques et al. **Periodização tática: o treinamento de iniciadas do futebol de salão feminino de 2006**. Movimento e Percepção, v. 8, n. 11, 2007.

JUNIOR, Nelson Marques. (2011). **Modelos de periodização para os esportes**. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*. [https://www.researchgate.net/publication/237067141 Modelos de periodizacao para os esportes](https://www.researchgate.net/publication/237067141_Modelos_de_periodizacao_para_os_esportes), 2011.

LHUILIER, Dominique. **Trabalho. Psicologia & Sociedade**, 25(3), 483-492 Tradução de Fernanda Spanier Amador Revisão de Eliana Braga Diniz Costa Pesa. Conservatório Nacional de Artes e Ofícios, Paris, França. 2013.

MACHADO, Anna Rachel; CLOT, Yves. **Entrevista com Yves Clot**. Psicologia da educação, n. 20, 2005.

MARQUES, Luís Antônio; BORGES, Renata; REIS, Isabella do Couto. **Mudança organizacional e satisfação no trabalho: um estudo com servidores públicos do estado de Minas Gerais** Rev. Adm. Pública — Rio de Janeiro 50(1):41-58, jan./fev. 2016

MARTURELLI JÚNIOR, Mauro; OLIVEIRA, Aurélio Luíz de. **Treinadores de Futebol de Alto Nível**. as evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/mesa_debates/art23.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

MEDINA, João Paulo. **Uma introdução ao pensamento complexo e sistêmico no futebol**. Universidade do Futebol, 25/01/2021. <https://universidadedofutebol.com.br/2021/01/25/uma-introducao-ao-pensamento-complexo-e-sistemico-no-futebol/>. Acesso em 13/07/2024.

MEDINA, João Paulo; RIOS Heloísa; LACERDA, Rafael. **Muito além da bola: o futebol que transforma**. Literare Books Internacional. São Paulo, SP, 2022.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra (org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007

MUNIZ, Hélder Pordeus; SANTORUM, Kátia Maria Teixeira; FRANÇA, Maristela Botelho. **Corpo-si: a construção do conceito na obra de Yves Schwartz**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 30, n. 2, p. 69-77, 2018.

NARDI, H.; GUARESCHI, N.; Galeano, **Saúde Mental, Produção de Subjetividade e Resistências: Interpelações pela e para a Psicologia.** G. Rev. Polis e Psique, 9(1): 1 – 6, 2019.

NICOLAU, João. **Aprender a ser Treinador:** Partilha de visões. Revisão: Miguel Cardoso Pereira. Federação Portuguesa de Futebol, 2022.

OLIVEIRA, F. T. F. et al. **Para além do método: um olhar didático sobre a periodização tática.** Revista Brasileira de Futebol (The Brazilian Journal of Soccer Science), v. 14, n. 1, p. 80-99, 2021.

OLIVEIRA, Felipe; SCAGLIA, Alcides; SILVA, Luis Felipe; DA SILVA, Felipe; MARTINS, Hudson. **Para além do método: um olhar didático sobre a periodização tática.** <https://www.researchgate.net/publication/350287138>, 2021.

OLIVEIRA, Felipe; SCAGLIA, Alcides; SILVA, Luis Felipe; DA SILVA, Felipe; MARTINS, Hudson. **Para além do método: um olhar didático sobre a periodização tática.** <https://www.researchgate.net/publication/350287138>, 2021

PALMATIER, R. W.; HOUSTON, M. B.; HULLAND, J. **Review articles: purpose, process, and structure.** Journal of the Academy of Marketing Science, v. 46, n. 1, p. 1–5, 2018.

PAUL, J.; CRIADO, A. R. **The art of writing literature review: What do we know and what do we need to know?** International Business Review, v. 29, n. 4, p. 101717, 2020

PEREIRA, Bernardo; VENTURIM, Fábio; MIGLINAS, Leonardo. **Modelos de periodização: uma breve revisão.** [http://www.efdeportes.com/Revista Digital - Buenos Aires - Ano 14 - Nº 138](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital%20-%20Buenos%20Aires%20-%20Ano%2014%20-%20Nº%20138), 2009

PEREIRA, Carlos Alberto; CORRAR, Luíz João; LIMA, Emanuel Marcos; RESENDE, Amaury José. **A gestão estratégica de clubes de futebol: uma análise da correlação entre performance esportiva e resultado operacional.** <https://www.researchgate.net/publication/349289882>, acesso em 2024.

PESSANHA, L. P. M., SANTOS, I. C. dos., HENRIQUES, M. V., CANÇADO, R., VINAGRE, R. F., & CASTRO, A. de C. Tendências da pesquisa brasileira em Ergologia. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 28, v. 2, p. 521–536. <https://doi.org/10.1590/1413-81232023282.09412022>. Revista Brasileira de Futebol, 2023.

PESSANHA, Luiz Phillipe Mota et al. **Tendências da pesquisa brasileira em Ergologia.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 28, p. 521-536, 2023.

PIVETTI, Bruno M.F. **Periodização Tática: o futebol arte alicerçado em critérios.** São Paulo: Phorte. 2012.

PORTUGAL, Caio César, NAZÁRIO, Murilo Eduardo Santos. **O estado do conhecimento sobre os saberes na formação do treinador de futebol e futsal**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo. v.9. n.34. p.298-307. Set./Out./Nov./Dez. 2017. ISSN 1984-4956.

RAMOS, Luís Miguel Bate. **O modelo de jogo e modelo de treino no futebol de formação**: relatório de estágio profissionalizante em futebol, realizado na equipa sub17 do Grupo Desportivo Estoril Praia, 2018.

REIS, Heloisa Helena Baldy; ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e Sociedade**. Liber Livros, Brasília, 2006.

RINALDI, Wilson. **Futebol: manifestação cultural e ideologização**. Revista da Educação Física/UEM, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

SCAGLIA, Alcides. **Modelo De Jogo e Processo De Ensino No Futebol: Princípios Globais e Específicos**. Movimento (ESEFID/UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SCHERER, Magda D. A. et al. **Contribuições da ergologia para a gestão do trabalho**: Entrevista com Yves Schwartz. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 20, e00336166. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00336, 2022.

SCHERER, Magda Duarte dos Anjos et al. Entrevista: Yves Schwartz. **Contribuições da ergologia para a gestão do trabalho**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 20, p. e00336166, 2022.

SCHERER, Magda et al. Contribuições da ergologia para a gestão do trabalho: entrevista com Yves Schwartz. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 20, p. 6-6, 2022.

SCHWARTZ Y. **Conceituando o trabalho, o visível e o invisível**. Trab educ saúde [Internet]. 2011;9: p. 19-45. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>

SCHWARTZ, Yves. **O paradigma ergológico ou um olhar novo sobre o trabalho**. In: FAÏTA, Daniel (org.). Trabalho e ergologia: debates epistemológicos e metodológicos. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 19-47.

SCHWARTZ, Yves. **Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência**. Letras de hoje, v. 3, pag. 259-274, 2014.

SCHWARTZ, Yves. **Os ingredientes da competência: Um exercício necessário para uma questão insolúvel**. Educação & Sociedade, v. 19, n. 65, p. 101-140. <https://doi.org/10.1590/S0101-73301998000400004>, 1998.

SCHWARTZ, Yves; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; BARBOSA, Vanessa Fonseca. **Uma entrevista com Yves Schwartz**. Letrônica, 2016.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. (Org.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 3. ed. Niterói: EdUFF, 2021.

SCHWARTZ, Yves; **Entrevista: Yves Schwartz. Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4, n. 2, p. 457–466, set. 2006.

SILVA, Marisa. **O Desenvolvimento do Jogar, Segundo a Periodização Tática**. Pontevedra: MCSports Editora, 2008.

SIMON, Robert L. **Fair Play: The Ethics of Sport**. Boulder: Westview Press, 2004.

SOUSA, Gil. **Decidir como Treinador**: A ciência e a prática no futebol e na vida. Revisão: Sérgio Fernandes. Editora: Federação Portuguesa de Futebol, 2018.

SOUZA, Gabrieli Muller de; SOUSA, Marcio Severo de; NASCIMENTO, Elan Diego Oliveira, PERES, Isabelly Ibiapino. **SAF como novo modelo de gestão do futebol**: Estudo do investimento no Futebol Brasileiro. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5400>, 2022.

SOUZA, Gabrieli Muller de; SOUSA, Marcio Severo de; NASCIMENTO, Elan Diego Oliveira, PERES, Isabelly Ibiapino. **SAF como novo modelo de gestão do futebol**: Estudo do investimento no Futebol Brasileiro. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5400>, 2022.

STIVAL, Beatriz Pita. **Introdução à ergonomia e à ergologia**: Contribuições para se pensar as situações de Trabalho. Revista Contemporânea, v. 4, n. 2, 2024.

TEOLDO, Israel; GUILHERME, José; GARGANTA, Júlio. **Para um futebol jogado com ideias**: Concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes. Editora Appris, 2015.

THE INTERNATIONAL FOOTBALL ASSOCIATION BOARD. **Regras do Jogo: 23/24**. Entrada em vigor: 1º de julho de 2023. <https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/aplicacao-regra-diretrizes-fifa/livro-de-regras-2023-2024-portugues-brasileiro>, 2024.

TOBAR, Julian Bertazo. **Periodização Tática** - entender e aprofundar a metodologia que revolucionou o treino do futebol. 1st ed. [s.l.]: Prime Books; 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TRICCO AC, LILLIE E, ZARIN W, et al. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Ann Intern Med*. 2018;169(7):467-473. doi:10.7326/M18-0850, 2016.

TRINQUET, Pierre. **Ergologia: compreender a atividade humana para transformá-la**. Belo Horizonte: FaE/UFGM, E-book. 362 p. 2022.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 38e, p. 93-113, 2010.

VIEGAS, m. f. (2013). **Histórico e Conceitos da Ergologia: entrevista com yves schwartz**. Reflexão e Ação, v. 21, n. 1, p. 327-340. <https://doi.org/10.17058/rea.v21i1.3742>, 2013.

VIEGAS, Moacir Fernando. **Histórico e conceitos da ergologia: entrevista com Yves Schwartz**. 2013. Reflexão & Ação, v. 21, n. 1, p. 327-340, 2013.

WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
